

01.11.
2011

O MURO DE PEDRA

- Original de ERICO CRAMER -

12º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA - FUNDO PARA NARRAÇÃO

NARRADOR - Isabela e Luiz Otávio conversavam, no fundo do jardim. Ele em cima do muro de pedra, ela em baixo, no mesmo banco onde a avistára pela vez primeira. Falavam sobre Irene e as suas atitudes geralmente desconcertantes. Ela não acreditava que a irmã deixasse sem punição o fato de os ter visto, de longe, a conversar. Aquela trégua que estavam tendo, tinha, para ela, uma grave significação. Alguma coisa Irene preparava para um futuro próximo. E de tudo, o que mais a atemorizava era a possibilidade de tirarem-na dali para qualquer lugar distante. Tão empenhados estavam os dois namorados na conversa que, em determinado momento, foram, bruscamente, despertados pela voz severa de Irene.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

IRENE - (EM SEGUNDO PLANO, FORTE E SEVERA) Isabela!

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO TOTAL. (HÁ UMA PAUSA EM QUE O ACORDE FICA VIBRANDO)

IRENE - Venha. Nós precisamos conversar.

ISABELA - Sim, já vou. (AO NAMORADO) Desça. Será melhor para você e para mim.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Luiz Otávio, completamente indeciso, vacilava na atitude a tomar, mas Isabela acompanhava suas palavras com uma expressão tão grande de súplica nos olhos que o rapaz não pode resistir e acabou descendo. Ela permaneceu um momento imóvel, para tomar fôlego e depois dirigiu-se lentamente para a irmã que permanecia afastada, com expressão contida, mas que denunciava sua profunda indignação. Esforçando-se em parecer calma, disse com voz resoluta:

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

ISABELA - Estou às suas ordens. Para onde quer ir?

IRENE - Para parte alguma. Pode ser aqui mesmo. Sente-se.

ISABELA - Pronta.

IRENE - Desde algum tempo que eu já vinha sabendo o que estava acontecendo com você.

ISABELA - Eu sei. Você nos espiou de longe, com binóculo.

IRENE - Ah, você sabia?! Quer dizer, então, que você insistia na sua atitude para me desafiar?

ISABELA - Não, mana, nunca tive essa intenção. Insisti porque gosto de Luiz Otávio e o meu amor me deu forças para não recuar.

IRENE - Ah, sim?! E quando papai souber do que está acontecendo, pensa você que poderá enfrentá-lo com a mesma desfaçatez que está me enfrentando agora?

ISABELA - Não sei como agirei quando ele souber, só sei que estou disposta a enfrentá-lo também.

OPERADOR - ACORDE VIOLENTO DE ESTUPEFAÇÃO.

IRENE - Você estará no seu juízo perfeito, Isabela?! Não creio. Não posso crer! Você está doida varrida. Se a chave da adega não estivesse muito bem guardada, comigo, eu juraria que você andou bebendo. Você não conhece as disposições de papai a respeito dessa gente?

ISABELA - Que me importa? Eu não tenho culpa, nem ele, do que o bisavô ou a tetravó nossa tivessem feito um para o outro. Quando rezamos não dizemos a Deus "perdoai-nos, assim como nós perdoamos aos nossos inimigos?" Não estou fazendo mais do que seguir os preceitos que Deus me aponta; Perdoando ao bisavô ou à tetravó dele o que possam ter feito de mal à nossa família.

IRENE - Pare de dizer tolices e falemos em termos de pessoas educadas e obedientes. Meu pai deve ter razões que não nos cabem discutir. Ele proíbe as nossas relações com essa gente, não nos ~~dá~~ outra alternativa senão obedecer às suas ordens.

ISABELA - Irene, consulte a sua consciência, bem lá no fundo e veja se é por obediência a papai que você está tentando impedir que eu leve avante o meu amor por Luiz Otávio. Si é suficientemente corajosa, faça o que eu estou lhe dizendo e me responda.

IRENE - Eu gostaria que você me dissesse, antes, porque me faz uma pergunta dessa natureza? Que está pretendendo insinuar com suas palavras?

ISABELA - Nada mais do que uma grande verdade que, aos meus olhos, você não consegue esconder, Irene. Você tenta impedir o meu amor por Luiz Otávio simplesmente porque o ama também.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO. A MÚSICA FICA ALGUM TEMPO VIBRANDO NO AR.

IRENE - Você é uma víbora, Isabela! Só agora estou percebendo. Usa da velha técnica de agredir para se defender.

ISABELA - Uso das minhas faculdades de dedução, para estudar e analisar expressões, gestos e palavras. E os meus estudos me levaram a esta convicção. Você ama Luiz Otávio e por isso tenta separar-me dele.

IRENE - Cale-se, atrevida! Cale-se ou não respondo pelo que lhe possa acontecer. Se você pensa que pode atirar-me em rosto, impunemente, todas as injúrias que lhe ocorrerem, está muito enganada porque eu saberei reagir na devida altura. Sabe o que lhe vai custar esta infâmia que acaba de me dizer? A reclusão lá na granja, por vários anos, até que você se acalme e tenha juízo para pensar melhor.

OPERADOR - UMA ESPECIE DE TROVOADA SURDA, MUSICAL.

ISABELA - (ASSUSTADA) A reclusão?!

IRENE - A reclusão, sim. Você ficará presa lá por dois ou tres anos, na companhia daquela governante luterana que esteve uns mezes aqui conosco e que você tanto detestava.

OPERADOR - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

IRENE - Com ela você aprenderá novamente a obedecer e já sabe a que extremos é capaz de chegar, quando recebe uma determinada ordem. Era isto que você queria, não era?

ISABELA - Não, não... não, mana, eu não quero... eu detesto a vida na granja... abomino Frau Elísabeth... Não suportaria viver ao lado dela desde a manhã, até à noite. Ela exaspera a gente com as suas constantes observações, com os seus conceitos e as suas máximas. Deus quer... Deus mandou... Deus escreveu... Deus disse isto, Deus disse aquilo e esquece que não se usa o nome de Deus em vão. Pelo amor de Deus, mana, não!

IRENE - Que adianta você me dizer "não", si é só de você que vai depender o seu futuro? Obedeça-me. Acabe com esse namoro absurdo e já não estará correndo esse perigo que tanto a apavora.

ISABELA - Mas eu não sei se terei forças de renunciar a este amor, mana; não sei.

IRENE - Isso é com você. Pense nos prós e nos contras e resolva. Dou-lhe prazo até amanhã. E quero, ainda, lembrar-lhe uma coisa: si você não renunciar agora, por você mesma, será obrigada a renunciar mais tarde, por imposição de papai e ainda sofrerá sanções. Logo... quanto mais cedo você renunciar, menos sofrerá.

ISABELA - (VENCIDA, EXAUSTA) Está bem, mana. Eu prometo a você que tentarei, mas pediria, ainda, uma condescendência sua.

IRENE - Qual é?

ISABELA - A de deixar-me falar com ele uma última vez.

OPERADOR - ACORDE SURDO EM FUNDO. PAUSA.

- IRENE - Bem... Com a minha presença à entrevista, concordo. Os dois a sós, nunca.
- ISABELA - (DEPOIS DE PAUSA) Está bem, mana. Será então com a sua presença, se assim exige.
- IRENE - E quando será esse encontro?
- ISABELA - Tínhamos combinado... (ACHA SOLUCÃO) Tínhamos combinado sábado à tarde aqui, neste mesmo local.
- IRENE - Perfeito. Viremos as duas, então, no sábado. Você falará com ele primeiro, depois falarei eu.
- ISABELA - E o que é que você vai lhe dizer?
- IRENE - Isso é comigo. Eu não lhe perguntei o que é que você vai dizer; perguntei?
- ISABELA - Não precisa perguntar. É tão fácil concluir. Si não tenho como fugir ao dilema...
- IRENE - Eu lhe direi que se a ama deve ajudá-la e não criar-lhe embaraços. Se queria saber, é isto que vou dizer-lhe.
- ISABELA - Ele também vai sofrer muito, coitado!
- IRENE - Não creia. Os homens não têm capacidade para sofrer tanto. São diferentes de nós. Um ou outro morre por amor, ao passo que as mulheres, a cada dia que passa, morrem duas e três. Além disto, a vida que um homem tem permissão para levar, oferece-lhe muito mais condições para distrair-se e esquecer. Portanto, minha cara irmã, não perca o seu tempo em se preocupar com o seu amado porque o seu pezar não irá além de dois ou três dias, até que lhe apareça outra que possa encher-lhe o tempo e proporcionar-lhe uma agradável distração.
- ISABELA - (CHOROSA) Não, mana, não é assim! Não pode ser assim! Você está falando para me torturar!
- IRENE - Pobre criança ingênua! Quando você conhecer um pouco mais a vida, há de ver que tenho toda a razão em falar-lhe assim. (TOM) Bem e agora vamos andando para casa que papai a esta hora já deve estar levantado e sentindo falta da nossa presença em casa.
- ISABELA - Você vai falar alguma coisa a ele?
- IRENE - Depende de como você se portar daqui para diante. Vou esperar.
- OPERADOR - ENTRA COM MUSICA DE NARRACÃO.

NARRADOR - Com a alma em frangalhos, Isabela levantou-se do banco onde estava sentada e acompanhou a irmã até à casa, sem pronunciar mais uma única palavra. Ia perdida na confusão terrível dos seus pensamentos. Via à sua frente vários caminhos, mas todos lhe pareciam confusos e semeados de pedras e espinhos. Irene, arrancando-lhe violentamente a túnica da fantasia, acabara de deixar nu o seu coração. Seria verdade que a vida fôsse isso mesmo? Seria verdade que os homens não soubessem amar? Não soubessem sofrer? Por que, ainda, mais essa desigualdade entre eles e as mulheres? Já eram tantas as vantagens que levavam! Que enorme desilusão do amor, se tudo fôsse realmente assim. Irene seguia à sua frente, também em silêncio. E - coisa estranha - até os pássaros, naquela manhã, estavam ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ mudos, talvez assustados pela aproximação da chuva que já se presentia perto. Mal chegaram à casa, Isabela subiu diretamente para o seu quarto. Estava louca para chorar e não havia lugar melhor. Irene sentou-se à meza do café, onde encontrou apenas Felipe.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

IRENE - Papai já veio?

FELIPE - Não, inda não desceu. Onde é que você andava?

IRENE - No jardim. Por que?

FELIPE - Porque desde ontem que tenho uma notícia para dar-lhe e estamos os dois em constante desencontro.

IRENE - Eu também queria contar-lhe uma coisa, mas diga primeiro a notícia que desejava dar-me.

FELIPE - Vamos receber hóspedes.

OPERADOR - ACORDE DE ADMIRACÃO.

IRENE - O que?!... Você disse que vamos receber hóspedes? Aqui em casa?!

FELIPE - Aqui em casa, sim. Vamos transformar a biblioteca do jardim num apartamento e papai quer que você trate das cortinas.

IRENE - Mas com tantos quartos na casa será preciso transformar a biblioteca em mais um?

FELIPE - Trata-se de um rapaz, a quem vamos hospedar e um rapaz não pode ficar dormindo dentro de uma casa onde existem duas moças solteiras.

IRENE - Ah, bem, eu não sabia de quem se tratava. Será, por acaso, o moço Rogério, a quem papai fez referências uma noite destas, ao jantar?

FELIPE - Exatamente. É Rogério, sim. O afillhado de papai, filho do grande amigo dele Herculano.

IRENE - E ele vem para demorar?

FELIPE - Até que se cure de uma paixão que agarrou por lá. Você e mana Isabela vão ter que trabalhar neste sentido.

IRENE - Vamos virar a enfermeiras de um doente de amor? Confesso que não tenho nenhuma prática no assunto. Si há alguém a quem obrigaram a viver sempre longe do amor, fui eu. Que posso saber, agora, do que se deva fazer para esquecê-lo?

FELIPE - De vocês, a que se agradar dele, tratará de conquistá-lo. Aliás é um rapaz excelente a quem papai receberia com o maior agrado.

IRENE - Já não estou mais em idade de agradar a homem nenhum.

FELIPE - Por que não, mana? Você é que se faz de velha.

IRENE - (RÁPIDA) Espere. Tive uma ideia! Talvez esteja aqui a solução!...

OPERADOR - EXPLOSTÃO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA INTERVALO DO MEIO.

LOCUTOR - PUBLICIDAD COMERCIAL

OPERADOR - MUSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Espere! Tive uma ideia! Talvez esteja aqui a solução!... Esta frase e maneira como foi dita por Irene, surpreenderam Felipe que ficou a olhar para a irmã de um modo estranho, como quem está querendo compreender uma coisa e não consegue. Esperou mais um pouco, para ver si ela se explicava, mas vendo-a em silêncio, e apenas com um sorriso enigmático nos lábios finos, resolveu-se a perguntar-lhe:

OPERADOR - ~~XXX~~ SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

FELIPE - Que está você querendo dizer, mana? Não entendi nada do que ouvi. Quer explicar-se?

IRENE - (MELO ATRAPALHADA) Sim, sim... eu... eu quiz dizer... quiz dizer que talvez esteja aqui a solução ^(para) Isabela, entende? Um matrimônio feliz... que agrade a todos... e atenda, ao mesmo tempo, ao interesse de duas famílias. Entendeu, agora, o que eu quiz dizer?

FELIPE - E por que há de ser solução para Isabela, si pode ser, também, para você?

IRENE - Óra, mano! Havia de ter muita graça que ele fôsse deixar de gostar de Isabela para gostar de mim. Mais velha, mais feia e menos inteligente do que ela?

FELIPE - Mais velha, concordo. Menos bonita, talvez... não discuto, mas menos inteligente, não. Você é a mais inteligente de todos nós. Papai sempre diz.

IRENE - Dizia. Dizia, antes de Isabela ter chegado ao grau de instrução que tem hoje. Depois, nunca mais disse.

FELIPE - Mas a educação e a instrução nada têm a ver com a inteligência, mana. É coisa completamente à parte. Digamos que Rogério aprecie, justamente, o espírito de uma mulher muito mais do que a sua beleza. Para quem terá que dirigir, então, as suas atenções? Para você. Não se discute, nem cabe discussão.

IRENE - Eu já não estou mais me interessando por essa ideia de casamento, mano. Confesso que houve tempo em que me empolgava só ao pensar, hoje já não liço a menor importância.

FELIPE - Isso é que é ruim; você precisa encarar a ideia de outra maneira.

IRENE - Já me convenci que o meu destino é permanecer solteira e por isso não tento remar contra a maré.

FELIPE - Que destino, nem destino, mana Irene! Eu estou plenamente convencido de que o nosso destino somos nós mesmos que fazemos. A vontade tem muita força e quando ela entra no jogo para valer, sempre saímos vitoriosos. Portanto tire o seu pessimismo da cabeça e trate de preparar-se para receber um possível candidato à sua vida matrimonial.

OPERADOR - ENTRA COM MUSICA PARA FUNDO DE NARRACAO.

NARRADOR - A carta de Epifânio ao seu amigo Herculano chegara ao seu destino. Ao tomar conhecimento do seu conteúdo, o velho amigo de infância do Conselheiro exultou, pois que, finalmente, via chegar a ocasião de separar, definitivamente, seu filho de uma moça sem nenhuma credencial para tornar-se membro da sua família. E nascia-lhe, ainda, ao mesmo tempo, uma esperança de poder concretizar um velho sonho, qual seria o de unir sua família à do amigo dileto e oriundo de um tronco com raízes profundas na tradição. Poz-se, logo, a andar pela casa, com a carta na mão, procurando o filho para dar-lhe a boa nova e foi encontrá-lo estirado numa cadeira do seu quarto de estudos, o livro caído sobre o tapete, a olhar um ponto qualquer, indefinido. Nem sentiu o pai se aproximar e assustou-se quando ouviu sua voz.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

HERCULANO - Meu filho, o Epifânio mandou um convite para você ir passar uns dias na casa dele, no sul. Diz que deseja muito ver o afilhado e como não está mais em idade de viajar, principalmente uma distância assim tão grande, espera que você não ponha obstáculos para ir até lá.

ROGÉRIO - Eu nunca ponho obstáculo às coisas, papai. É o senhor, sempre, quem resolve. Eu, simplesmente, obedeço.

HERCULANO - Da forma como você diz, parece que sou eu, ainda, que o governo. Não é bem assim, meu filho. Eu, como tenho mais prática da vida e só desejo, para você, aquilo que é bom, aconselho-o, quando vejo que você não está no caminho certo. Isto não quer, de modo nenhum, dizer que eu é que resolva as coisas para você. Mas deixemos isso de parte e vamos ao que, de momento, está interessando. Já pensou como vai ser agradável essa viagem que você vai fazer? Você sempre me falava que tinha vontade de conhecer o sul; não falava?

ROGÉRIO - Falava, meu pai, mas mesmo que não tivesse vontade, agora eu teria que ir. O senhor acha que eu devo ir; não acha?

HERCULANO - É claro. Si seu padrinho manda lhe convidar e está lhe esperando...

ROGÉRIO - Pois é, então eu vou. O senhor acha, eu vou. Quando é que embarco?

HERCULANO - Bem, meu filho, isso é outra coisa que quem resolve é você. O que não me parece delicado, no entanto, é que você o faça esperar. Acho que deve ir imediatamente. Arrumar as malas e embarcar amanhã mesmo. Como é que você prefere ir? De avião ou de navio? Avião é muito perigoso. Não gosto de avião. Só para casos extremos, quando não há outro recurso. Acho que você deve ir de navio.

ROGÉRIO - Está bem, meu pai, eu vou de qualquer jeito. Para mim tanto faz.

HERCULANO - Eu ontem já pedi ao Nepomuceno que passasse na agência de navegação, indagasse quando teria vapor para o sul e já reservasse uma passagem.

ROGÉRIO - Ontem? (PAUSA) Ontem o senhor fez isto? (PAUSA) Mas não foi hoje que o senhor recebeu a carta de meu padrinho?

HERCULANO - (EMBARACADO) Não, não... eu... eu já tinha recebido a carta ontem. É que... é que eu não tinha falado ainda a você, por isso.

ROGÉRIO - E ontem mesmo mandou reservar a minha passagem por via marítima? Então não há mais nada a resolver. É só me avisar o dia da saída do ~~vapor~~ vapor para eu arrumar, de véspera, a minha mala. Depois embarcar.

HERCULANO - Você vai gostar muito, tenho certeza. Todo o mundo que vai ao sul, volta entusiasmado e outros nem voltam. Ficam por lá. Dizem que as moças do sul são muito bonitas.

ROGÉRIO - Isso não está me interessando. Só vou porque o senhor acha que devo ir, senão ficava por aqui mesmo.

HERCULANO - Passar as férias na cidade é aborrecido. Sempre se deve ir para fora ou então viajar.

ROGÉRIO - E quanto tempo eu devo ficar lá, papai? O senhor já determinou?

- HERCULANO - Não, meu filho, como é que eu vou determinar? Quem deve determinar é você. Si estiver gostando da temporada, fique todas as suas férias, si não gostar venha logo, si bem que me parece uma indelicadeza muito grande chegar num lugar para ficar e resolver dar volta. Prova, a quem nos hospeda, que alguma coisa nos desagradou. Portanto penso que você deve ficar todo o tempo, para não desgostar seu padrinho.
- ROGÉRIO - Está bem, papai, eu ficarei todo o tempo. Quando embarcarei? Amanhã?
- HERCULANO - Não sei, ainda, quando tem vapor. Estou esperando uma resposta do Nepomuceno hoje. Assim que ele me disser qualquer coisa, eu transmito a você. Mas pelas dúvidas acho que você já deve ter a sua mala pronta. Se você quiser, está claro.
- ROGÉRIO - Está bem, papai, eu aprontarei hoje mesmo a minha mala e ficarei aguardando.
- HERCULANO - Quanto a dinheiro, você não terá problemas. Eu darei a você, adiantadamente, a importância que havia reservado para o seu presente de Natal: ~~oitocentos~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ contos de reis. Independente das despesas de passagens, é claro. E se você precisar de mais dinheiro, lá, não haverá problema. Bastará que me passe um telegrama e eu farei o passe imediatamente.
- ROGÉRIO - Não acredito que vá precisar de tanto dinheiro, papai. Acho que ainda lhe trarei de volta mais da metade.
- HERCULANO - Por que trazer de volta? Não senhor. Gaste. Eu não quero que o meu filho faça má figura. Convide as meninas para o cinema, para o teatro, si houver, compre presentes para todas as pessoas da família antes de vir... enfim, é como eu já lhe disse: faça bonito. Não esqueça de dar boas gorjetas aos empregados, que isto é muito importante.
- ROGÉRIO - Está bem, meu pai, eu farei tudo exatamente como o senhor diz.
- OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.
- NARRADOR - Herculano voltou ao seu gabinete e o filho permaneceu na mesma posição em que o recebeu. Seu pensamento, agora, prendia-se à sua extrema covardia que não o permitia ir além de uma leve insinuação à prepotência do pai, que fingia não entendê-la. Mas que podia fazer, se o doutor Cardia já tivera o cuidado de avisá-lo que qualquer aborrecimento mais forte poderia redundar num colapso fatal? Poderia ele carregar, pelo resto de sua vida, a culpa de ter sido a causa da morte de seu velho pai? Não. Nunca. Ele preferia submeter-se pelo tempo que fosse preciso.

E foi assim que embarcou, rumo ao sul, sem uma palavra de protesto ou de revolta. Mas enquanto ele viajava, a vida em casa do Conselheiro Epifânio toda se transformara no sentido de recepcioná-lo. Irene, no mesmo dia em que ficou sabendo da viagem de Rogério, resolveu conversar com Isabela.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

IRENE - Tenho uma notícia muito importante para você e que talvez altere o curso dos acontecimentos aqui em casa. Vamos receber um hóspede, talvez já na próxima semana.

ISABELA - Um hóspede? Quem?

IRENE - Um moço chamado Rogério, que vem do norte, é afilhado de papai e vem para nos conhecer.

ISABELA - Um moço?! E vai se hospedar aqui em casa?! Francamente, estou surpresa.

IRENE - Vai ficar lá fora, na Biblioteca. Vamos mudar para lá o quarto azul, provisoriamente. Fará, apenas, as refeições conosco, dentro de casa.

ISABELA - Mesmo assim estou muito admirada. Não pensei.

IRENE - Papai deve grandes atenções ao velho amigo e compadre, não poderia dizer a ele que o filho não viesse. (PAUSA GRANDE) Dizem que é um moço com grandes qualidades. (PAUSA) Além disto, é filho único e o pai possui uma enorme fortuna. (PAUSA) Família também, diz o mano Felipe que é distintíssima. Gente de tradição e muito acatada. (PAUSA GRANDE) Estudante destacado. Pessoa de grande inteligência...

ISABELA - (TRAINDO A IMPACIÊNCIA) Enfim, um excelente casamento. Não é isto que você está pretendendo insinuar? Pois trate de não deixar escapar, mana.

IRENE - Eu?! Óra tem graça! Por que hei de ser eu?! Nesse caso você que é mais moça

ISABELA - A mim não me interessa. Se quiser, pode ficar com ele.

IRENE - A você não interessa, mas ao papai interessa e muito que vocês se acertem. Sei, porque ele já falou a Felipe.

ISABELA - Prefiro ficar solteira a ter que me casar com quem não ame.

IRENE - Bem, isso é assunto que terá que ser resolvido depois, entre você e papai. Eu, por óra, estou apenas lhe avisando.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRACTO.

NARRADOR - Preocupada com as arrumações para a chegada do hóspede, Irene esqueceu um pouco a vigilância que mantinha sobre Isabela e esta soube se aproveitar para tornar a encontrar-se com o namorado na primeira sexta-feira depois de terem sido surpreendidos. Trabalhando até muito tarde na substituição

das cortinas da biblioteca, Irene, cansada, dormiu, de manhã, até mais tarde, o que permitiu à irmã sair para o encontro marcado sem ser vista. Luiz Otávio lá estava, firme em seu posto, nervoso e aflito para saber o que tivera acontecido à sua bem amada.

LUIZ - Eu precisava falar com você hoje. Não podia continuar com o coração apertado do jeito que estava. Imaginei que não lhe deixariam vir e pensei em vários planos para me comunicar com você.

ISABELA - E eu vim para lhe dizer que, desgraçadamente, esta será a última vez que nos falamos.

OPERADOR - ACORDE MUSICAL VIOLENTO COMO UMA BORDOADA FORTE. EMENDANDO COM CARACTERÍSTICA PARA O

FIM DO 12º CAPÍTULO.

03.11.2011

- Original de ERICO CRAMER -

13º CAPITULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA - FUNDO PARA NARRAÇÃO

NARRADOR - Irene havia trabalhado até tarde, na véspera, costurando as novas cortinas para a biblioteca que seria transformada em quarto para receber o moço Rogério, afilhado do Conselheiro Epifânio, que vinha do norte para esquecer um amor contrariado. Deitando-se quasi de madrugada, dormia, ainda, a sono solto quando Isabela saiu, de manhã cedo, para ir ao encontro do seu bem amado. Fora o acaso que lhe proporcionara aquela inesperada ocasião para despedir-se do rapaz. Ela sabia que sua irmã não ameaçava em vão e não desejava ir morar na granja, na companhia da detestável Frau Elisabeth. E foi por isso que, ao avistar-se com Luiz Otávio, disse-lhe com voz chorosa:

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO. ENTRA COM PÁSSAROS CANTANDO.

ISABELA - Eu vim para lhe dizer que, desgraçadamente, esta será a última vez que nos falamos.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO TREMENDO. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO POR ALGUNS MOMENTOS.

LUIZ - Como?!... Você disse... que esta... será a última vez que nos falamos?!

ISABELA - Infelizmente sim, meu querido. Bem quizera poder encontrar uma solução menos atterradora para o meu coração, mas esta é a que me é imposta. Tenho que optar por ela, ou pelo degedo. E aqui, ao menos, uma ou outra vez, guardarei a esperança de poder vê-lo de longe para não morrer de saudades.

LUIZ - Mas eu não me contentarei em vê-la. Precisarei falar-lhe, não entende? Seja onde for, seja a que horas fôr, mas precisarei.

ISABELA - E pensa que eu suportarei sem sofrer a sua ausência? Vou sofrer muito. Muitissimo, ma não tenho outra saída.

LUIZ - Não é possível que não encontremos um geito qualquer de iludir sua irmã. Se trocássemos a hora e o lugar de encontro?

ISABELA - Que horas? Que lugar? Ela me descobre sempre. Está sempre vigiando os meus passos. Hoje, por um desses acasos que acontecem uma vez na vida, dormiu de mais e não me viu sair, mas se me demoro, daqui a pouco estará má aqui no meu rastro.

- LUIZ - Criatura odiosa! Detestável! (CAINDO EM SI) Desculpe, Isabela. Esqueci que era sua irmã.
- ISABELA - Não se preocupe. Eu compreendo muito bem que você a deteste. Eu mesma, às vezes, preciso me conter para que o ódio não tome conta do meu coração.
- LUIZ - E como toda a pessoa má, é viva e ligeira. Não há o que tenhamos inventado que ela não tenha descoberto.
- ISABELA - Eu me lembrei sabe de que? De nos correspondermos e colocarmos as cartas em cima do muro, num lugar certo, com uma pequena pedra em cima, para que o vento não as levasse. Pelo menos, ainda que não nos vissemos, estaríamos mais próximos, um do outro, através das mensagens que expedissemos.
- LUIZ - Eu tenho uma ideia que me parece melhor.
- ISABELA - Diga, então.
- LUIZ - As cartas podem ser descobertas pela minha ou pela sua família, pois sabemos que não teríamos coragem de destruí-las e o plano que vou expor parece-me que não nos ofereceria tanto perigo.
- ISABELA - Fale logo, então, que a cada minuto mais que permaneço aqui, mais aumenta o perigo de ser descoberta e severamente castigada.
- LUIZ - Você teria a coragem de vir encontrar-se comigo durante a noite?
- ISABELA - (DEPOIS DE PAUSA, PENSANDO) Durante a noite? Não sei... É tão longe da casa até aqui...
- LUIZ - Mas não precisava ser aqui. Se nossos encontros fossem durante a noite, não haveria necessidade de serem tão distantes da casa. Poderia ser lá perto mesmo. Digamos... na altura daquele pinheiro que você deve avistar daí.
- ISABELA - Sei onde é.
- LUIZ - Eu lhe daria sinais luminosos com a minha lanterninha de bolso e você viria ao meu encontro. (PAUSA) Será que não tem coragem, nem assim?
- ISABELA - Tenho, sim tenho. Preciso ter. Usarei um despertador para que não pegueno sono e deixe você à minha espera inutilmente. Que dias viremos? Os melhores?
- LUIZ - Não. Devemos mudar tudo. Às quartas e sábados, às tres horas da manhã, quando já todos estejam em sono profundo, nós vitemos tentar nosso encontro. Combinado?
- ISABELA - Combinado. Nas quartas e sábados às tres horas da manhã. Não faltarei.
- LUIZ - Ótimo! Temos que fazer tudo para tentar salvar o nosso amor.

ISABELA - E agora deixe-me ir, antes que volte a ser descoberta. Adeus, querido.

LUIZ - Adeus, meu amor. Continuarei a pensar em ti, todos os dias e a todas as horas. E não esqueças: espero-te terça-feira, às três horas da manhã.

ISABELA - Virei, descanses. O amor me dará coragem.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Quando a moça chegou de volta ao terraço da casa, percebeu, pelos vasos e pelas cadeiras, que a irmã ainda não havia descido e apressou-se em subir, antes que alguém pudesse vê-la e sua presença, àquela hora, voltar a suscitar qualquer desconfiança. Mal acabara de fechar a porta de seu quarto e já sentiu Irene a se movimentar no quarto ao lado, saindo, poucos momentos depois, para vir testar a sua presença.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NUMA PORTA, EM PRIMEIRO PLANO. REPETE. REPETE MAIS UMA VEZ, DESTA, POREM, ACOMPANHANDO O CHAMADO.

IRENE - Isabela! (MAIS FORTE) Isabela!... Oh, Isabela, você está dormindo?

ISABELA - (AFASTADA, NUM BOCEJO) Ahn!?... Quem é?!

IRENE - Sou eu, Isabela, você está dormindo?

ISABELA - (AFASTADA) Estava. Agora você me acordou.

IRENE - (ALTO) Sinto muito, mas você precisa me ajudar na colocação das cortinas. Vista-se. Desça logo para tomar café e depois vamos agir, que amanhã o quarto precisa estar pronto.

ISABELA - (AFASTADA, TORNANDO A BOCEJAR) Está bem, já vou descer.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Isabela respirou aliviada, por se ter escapado de um perigo na hora precisa e Irene desceu, convencida de ter, realmente, acordado a irmã, naquele exato momento. Quando sentou-se à mesa do café, sua cabeça fervia em pensamentos desencontrados. Pensava nas cortinas, no moço que viria hospedar-se em sua casa, na irmã namorando o vizinho, no amor que ela sentia nascer em seu coração, mesmo contra a sua vontade, no desespero do pai quando um dia chegasse a descobrir a verdade, nas coisas que estava disposta a fazer para tirar Isabela do seu caminho, enfim... os pensamentos iam se sucedendo, cada vez mais desencontrados, até que a chegada de Felipe veio chamá-la à realidade. Depois das costumeiras saudações da manhã foi Felipe quem deu início ao diálogo.

OPERADOR - CORTA A MÚSICA EM FUNDO.

FELIPE - Como é, mana? O quarto fica pronto hoje?

- IRENE - Amanhã. Hoje colocamos as cortinas, mas não poderei deixar o quarto arrumado enquanto o seu Elpídio não colar o pé da cama que a humidade desprendeu. Ele me prometeu que virá hoje de noite fazer isto e que amanhã já se pode lidar com a cama.
- FELIPE - Você preferiu a mobília do quarto azul por que? Temos tantas outras.
- IRENE - Porque, das de solteiro, que temos, é a mais rica, a mais trabalhada. Além disto, o lastro também é melhor. A de bronze, por exemplo, é muito bonita, mas é como se a gente entrasse para dentro de um saco. Não é possível dar-se a um hóspede uma cama assim.
- FELIPE - (SORRINDO) A não ser quando se deseja que ele vá logo embora.
- IRENE - O que não é o caso do moço Rogério.
- FELIPE - Pelo contrário. Queremos ver se o prendemos. Você não vai fazer um vestido novo para esperá-lo?
- IRENE - Já lhe disse que o rapaz não me interessa. Que estou completamente fora disso. Com Isabela, sim, eu acredito que ele faça um bom par.
- FELIPE - Pois eu faria muito mais gosto em que vocês se agradassem um do outro.
- IRENE - Por que? Qual é a diferença?
- FELIPE - Porque Isabela tem mais tempo para se realizar.
- IRENE - E eu já passei do tempo.
- FELIPE - Deixe-se de tolices. Já lhe disse quantas vezes que você não é velha? É uma moça feita, sem dúvida, mas está muito longe de ser uma velha, como quer se fazer. Você devia reagir e não entregar-se passivamente.
- IRENE - Como quer você que eu reaja, se tudo que fiz, na minha vida, foi submeter-me? E tentasse eu uma reação que uma outra reação maior logo me abafaria.
- FELIPE - Mana, que há com você?! Parece que agora, depois de tanto tempo, resolveu revoltar-se; por que?!
- IRENE - É que agora, de vez em quando, sou obrigada a reprimir a revolta de Isabela e isto, no fundo, me faz mal porque não deixo de reconhecer que, de um certo modo, ela está com a razão. No meu tempo, embora certas coisas me desagradassem intimamente e me parecessem exageradas, eu acreditava que fosse essa a norma geral e curvava a cabeça sem discutir. Hoje sei que não é. Hoje sei que somos exceção raríssima e muitas vezes pergunto a mim mesma si é possível que só nós estejamos certos e o resto do mundo errado.
- FELIPE - Mana, precisamos, antes de tudo, procurar compreender o objetivo de papai. Ele quiz livrar, não só a vocês moças, mas a mim também, das tentações e perdições do mundo.

IRENE - Isolando-nos, completamente, do contato exterior, sem se lembrar que um dia ele será chamado por Deus e nós, fatalmente, cairemos nesse contato, completamente inexperientes e sem condições de sabermos distinguir o bem do mal.

FELIPE - Mas para isto estou eu aqui, preparado por ele para substituí-lo, em caso de necessidade.

IRENE - E você pensa que, se papai nos faltar, ~~uma~~ Isabela vai prestar a você a mesma obediência que presta a ele? Aconselho-o a que não guarde essa ilusão, mano. O dia em que papai desaparecer, Isabela será a primeira a dar o grito de independência. E nós não poderemos fazer nada. Absolutamente nada.

FELIPE - Bem, não vamos analisar, agora, os efeitos ~~de uma atitude paterna tomada com a melhor das intenções~~ negativos de uma atitude paterna tomada com a melhor das intenções. Acho que o melhor de tudo, nesta altura dos acontecimentos, é calar e deixar o barco correr.

IRENE - Sim, nós podemos fazer isto, porque afinal de contas o nosso tempo de maior entusiasmo pela vida já passou e as ambições que por ventura possamos ter tido já não têm a força e o vigor dos verdes anos; mas agora eu pergunto: Isabela estará disposta a calar e deixar o barco correr? Duvido muito. Estou em afirmar que é bem capaz que já esteja a pensar em mudar a direção do barco e levá-lo por um caminho diferente.

OPERADOR - ACORDE DE SUSOPEQUENO. MAIS UM ALERTA. PRÓPRIAMENTE.

FELIPE - Mana! O que é que você está querendo insinuar?! O que é que você sabe de Isabela?!

IRENE - Nada. Não sei nada. Mas às vezes, quando conversamos, ela me diz certas coisas que não me passam despercebidas. Isabela não se conforma com a sua situação atual. Ela pensa em libertar-se, um dia. Quando ~~ex~~ como, não sei, mas que ela pensa eu não tenho dúvidas.

FELIPE - Interessante... eu tenho conversado muitas vezes com ela e nunca notei isto

IRENE - Os homens são sempre menos perspicazes do que as mulheres.

C/REGRA - PASSOS DE ISABELA QUE SE APROXIMA.

FELIPE - (MEIO TOM) Cuidado! Vamos mudar de assunto que ela vem aí.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - A chegada de Isabel veio por fim à conversa e terminado o café lá se foram os três irmãos para a biblioteca, as moças conduzindo os volumes das cortinas e Felipe uma escada, além das demais ferramentas que iam se fazer ~~uma~~ necessárias. Nesse exato momento, do outro lado do muro de pedra, também numa mesa de café, Abigail e seu filho conversavam sobre os últimos acontecimentos que se relacionavam com Isabela.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

ABIGAIL - Meu filho, você não acha uma temeridade uma moça sair de dentro de casa para ir ao jardim encontrar um rapaz às três horas da manhã?

LUIZ - Mas é o geito, mãe. Se nos fechamos todas as portas que podemos fazer? Pulgar as janelas.

ABIGAIL - Mas eu não acho direito que você exponha essa menina a ser surpreendida numa falta tão grave. Será que vocês não poderiam dar um outro geito? Não poderiam se corresponder, por exemplo?

LUIZ - Foi a lembrança que ela teve, mas eu acho muito mais perigoso. As cartas podem ser encontradas, tanto por Vóvó, como pelo pai delas.

ABIGAIL - Mas você não tinham necessidade de guardar essas cartas. Poderiam ler e, logo em seguida, rasgar ou queimar.

LUIZ - Não dá, mãe. Um dia vem uma mais bonita que diz uma coisa que a gente gosta mais, que deseja ler mais de uma vez e a gente guarda. Não demora e esquece uma gaveta aberta, esquece no bolso de uma roupa, esquece dentro de um livro e pronto... está descoberto. Inda mais ela que tem aquele raio daquela irmã furona que Deus me livre! Eu vou preparar um lugarsinho...

ABIGAIL - (CORTA, RÁPIDAMENTE, A MEIA VOZ) Cuidado, sua avó vem aí, fale de outra coisa. (ALTO) Quando é que você vão ter nova reunião de estudos?

G/REGRA - PASSOS DE DONA LUCINDA QUE SE APROXIMAM.

LUIZ - Não sei... acho que terça ou quarta feira que vem. A turma inda vai resolver.

LUCINDA -q (SÉRIA) Acabo de descobrir quem é a sua Isabela.

OPERADOR - UMA EXPLOSTO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA INTERVALO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MEIO.

OPERADOR - MÚSICA DE ABERTURA PARA A SEGUNDA PARTE. - FUNDO MUSICAL PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Dona Abigail e seu filho, sentados, ainda, à mesa do café, conversavam sobre Isabela, quando dona Lucinda apareceu ao fundo, na porta da sala. Imediatamente trocaram de assunto, percebendo que a velha senhora avançava para eles. Perceberam logo seu passo firme e a sua fisionomia fechada. Sentiram o sangue gelar-se-lhes nas veias quando ouviram-na dizer...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

LUCINDA - (SÉRIA) Acabo de descobrir quem é a sua Isabela;

OPERADOR - EXPLOSTO MUSICAL DE SUSTO. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR ALGUNS MOMENTOS

LUIZ - Des... descobriu?...

LUCINDA - Sim. E estou muito desagradada e desiludida com o meu neto.

ABIGAIL - (MEDROSA) Por que, dona Lucinda? Não é... não é uma boa menina?

LUCINDA - Talvez seja boa, não sei... as informações também não foram assim tão precisas, mas pelo que sei, não está à altura do nosso nome. Falta-lhe o principal que é berço. Seu pai é modesto cobrador de uma empresa de transportes e a mãe é costureira.

OPERADOR - ACORDE DE ALEGRIA DISCRETA.

LUIZ - Mas eu disse à senhora que foi um namoro sem conseqüências, não disse?

LUCINDA - Mas que poderia ter tido conseqüências muito sérias, como quasi teve. E, se assim não fôsse, por que haveria você de ficar naquele abatimento em que ficou? E é pelo que poderia ter acontecido que venho brigar com você. Você precisa olhar o terreno onde pisa, menino. Precisa saber com quem se mete. Quem tem um nome ilustre, como você, tem contas a prestar aos seus antepassados. Não pode enxovalhar esse nome, ligando-o a outro que não esteja à altura dele. É isso que eu mais uma vez quero repetir a você, para ver se entra na sua cabeça e fica lá gravado.

ABIGAIL - Minha sogra, desculpe uma pergunta indiscreta, mas como foi que a senhora conseguiu as informações sobre essa menina?

LUCINDA - Não tenho porque fazer segredo. Nossa lavadeira é vizinha dela e a propósito não sei de que, falou no seu nome. Eu me lembrei imediatamente da folha perfurada com alfinete e comecei a indagar. Quando ela me disse que a mãe e o pai da menina se matavam para que ela pudesse estudar na Faculdade e frequentar uma roda melhor, eu logo vi que se tratava da mesma pessoa. Está vendo, agora, como é perigoso a gente se deixar levar por um palminho bonito de cara? Afaste-se dessa garota, meu neto, afaste-se enquanto é tempo.

ABIGAIL - Ele já brigou com ela, dona Lucinda, não há mais perigo; não é meu filho

LUIZ - (SEM CONVICÇÃO) É, mãe, não há mais perigo.

LUCINDA - Assim espero. E agora, Abigail, vamos dar a nossa volta pelo jardim, antes que o sol aqueça mais e nos prave.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Mais tarde, do outro lado do muro, o Conselheiro Epifânio chegava à pequena biblioteca do jardim que estava sendo transformada em quarto para hospedar o moço Rogério. Viu as cortinas já nas janelas e as moças dedicadas à limpeza dos livros, volume por volume. Sentou-se a apreciar o trabalho delas e, em dado momento, convidou-as a uma pausa.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO

EPIFÂNIO - Vocês já trabalharam muito esta manhã, podem parar um bocadinho. Sentem-se aí, vamos conversar.

IRENE - Gostou das cortinas, papai?

EPIFÂNIO - Estão bonitas, minha filha. E o principal de tudo é que são pesadas. Vedam bem a luz.

C/REGRA - CORTINAS PESADAS CORRENDO PARA FECHAR E ABRIR, POR UM INSTANTE.

IRENE - O mano Felipe já indagou, ao certo, quando chega o vapor?

EPIFÂNIO - Depois de amanhã. A hora é que ainda não está prevista. Vai depender ~~da~~ da saída de Santos. E, a propósito, eu queria conversar com vocês sobre esse rapaz. Já sabem porque motivo ele vem; não é verdade?

IRENE - O mano Felipe não falou do assunto, assim por alto.

EPIFÂNIO - Vem para esquecer um amor contrariado e o Herculano confia em que vocês o ajudem na tarefa.

ISABELA - Que poderemos nós fazer?

EPIFÂNIO - Procurar ajudá-lo, enchendo-lhe as horas, distraíndo-o. Felipe se encarregará dele na rua, vocês aqui em casa. Todos os jogos de jardim, que estão lá guardados na cocheira, devem ser postos em uso porque é uma maneira agradável de passarem as horas. O croquetê, o tênis de mesa, o tiro ao alvo, diávoles, peteca, tudo, enfim.

IRENE - Há muitos livros, também, o que não sei é se eles poderão chegar a interessá-lo. Os rapazes, em geral, não gostam de leitura ingênua.

EPIFÂNIO - Rogério deve gostar. Sua educação foi muito cuidada. Nunca teve excesso de liberdade, nem foi dado à boêmia. É um rapaz como hoje quase nem existe. A moça que conseguir fisgá-lo deve se considerar feliz. Eu, que sou exigente, ficaria felicíssimo se pudesse tê-lo como genro.

ISABELA - Felipe já nos tinha dito isto, mas acontece que nós fomos criadas tão fora dessas coisas que não sabemos como se faz para conquistar um homem.

EPIFÂNIO - Não precisam fazer mais do que procurar agradá-lo e serem amáveis com ele. Nem eu mesmo ~~quero~~ quero que façam mais do que isto. Do resto ele se encarregará, se alguma lhe cair no gôto.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E com estas palavras o Conselheiro Epifânio se levantou e saiu para o jardim. As filhas, em silêncio, retornaram à tarefa de limpar os livros. Irene, por duas vezes, quiz interpelar a irmã sobre o que havia dito ao pai a respeito de conquistar os homens, mas achou mais prudente conser

var-se em silêncio já que poderiam desintender-se totalmente e uma guerra aberta seria muito mais prejudicial a qualquer uma das duas. Nesse meio tempo, do outro lado...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO. CANTAR DE PÁSSAROS.

LUCINDA - Não tens mais encontrado o meu neto pelo jardim, Idalino?

IDALINO - Não, sinhá. Num tenho dado de olho nele por aqui, num sinhora.

LUCINDA - É, parece que, finalmente, desistiu daquela tolice de ficar aqui entre os canteiros, horas e horas, a andar, a pensar, a ruminar tolices de amor, com tanta coisa para estudar lá dentro.

IDALINO - Coisa de rapaiz novo. A gente num deve de se pirocupá. Passa digero.

LUCINDA - Às vezes passa. Outra, acaba mal. Eu não discuido a minha vigilância. Estou sempre atenta ao menor dos seus movimentos. Acho a pior idade quando eles estão querendo gostar e ainda não se resolveram de quem. Tem que se atacar a direção, de saída, quando não está certa.

IDALINO - Quando a gente acunsegue vê a direção que eles vai, praquê das veiz eles insconde e a gente num sabe que eles tão indo.

LUCINDA - Exato. E é por isso que eu não durmo no ponto, como dizem agora. Estou sempre bem acordada e bem ativa. E é por isso que também te peço que qualquer coisa que tu observes trates logo de me comunicar.

IDALINO - Eu num tenho besservado nada, não, sinhá. Mais ante eu via ele por aí, bechornado, com os olho caído, oiando as cousa sem vê, mas agora, com a graça de Deus e de Nossa Senhora, ele já num tá mais anssim. Acho que passou tudo.

LUCINDA - É, Deus permita que sim, porque agora mesmo eu acabei de descobrir que ele esteve prestes a cair numa esparrela.

OPERADOR - AGORDE DE SUSTO, ABAFADO.

IDALINO - É, sinhá?! Suncê adescobriu?

LUCINDA - A lavadeira esteve me dizendo quem era a família da tal moça por quem ele andava enrrabichado.

IDALINO - Ih, sinhá, num vai diatraiz do que a sua Gumercinda diz que essa muié num é desse mundo. Tudo ela sabe, tudo ela cunhece, tudo ela viu, vai vê num sabe nada, num cunhece nada, num viu nada. É tudo cunversa fiada. As vizinha diz que nem mais qué sabê de assunto com ela. Tá sempre inventando do cousa.

LUCINDA - Mas o que ela me disse não foi para fazer conversa. Foi até por acaso que se falou no assunto e ela sem saber de nada me disse quem era o pai

da garota, o que a mãe fazia, como viviam, onde a garota estudava e tudo.

E coincidiu. Logo não deve ser invenção dela.

IDALINO - Ah bão, entonce de certo ela deve de cunhecê memo.

LUCINDA - Pois é, felizmente parece que êle se acordou em tempo e está tudo termina do entre êles. Deus permita que arranje logo uma menina que mereça o seu nome, para ficar livre do perigo de arranjar alguma aventureira, por aí. Dessas que andam à cata do nome e da fortuna de quem tenha.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Idalino estava completamente desconcertado. Por momentos acreditou que sua velha senhora estivesse realmente a par do que se passava com o neto e chegou a tremer; depois, com o prosseguimento do assunto, verificou que as referencias de dona Lucinda eram a outra pessoa que não a vizinha. Por sorte não chegou a pronunciar nem uma vez o nome de Isabela, o que poderia ter aumentado a confusão e até mesmo a descoberta da verdade. Mais tarde, quando soube de tudo por dona Abigail, agradeceu ao seu anjo de guarda o silêncio que lhe impuzera. No dia seguinte, o célebre saba do em que Isabela deveria ir com a irmã ao encontro de Luiz Otávio no jardim, antes das seis horas da manhã já Irene estava de pé. Notando que a irmã não se mexia foi ao quarto dela e depois de conseguir acordá-la...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

IRENE - Você não vai levantar? Já são quasi seis horas.

ISABELA - Por que? Que aconteceu?

IRENE - Que aconteceu? Você não ficou de ir comigo ao jardim para se despedir do seu namorado? Será que o quer tanto que até já se esqueceu do encontro?

ISABELA - Ah, sim, sim, eu... eu não estava atinando bem... Acordei estonteada...

IRENE - Pois então passe uma agua no rosto, vista-se duma vez e vamos.

ISABELA - Não, mana. Eu não vou.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE ESPANTO. A MUSICA FICA UM INSTANTE NO AR.

IRENE - Não é possível! Você desistiu de ir despedir-se dele, por que? Que novas artes estará planejando? Vamos, eu exijo que fale. Exijo que me dê uma explicação dessa desistência.

ISABELA - Você não acha muito pior ir despedir-me do que já não vê-lo e não tornar a falar-lhe? É preferível deixar tudo como está e não tornar a vê-lo do que ir propositalmente experimentar a dor de uma despedida. Você não acha que eu tenho razão? Pense.

IRENE - (DEPOIS DE PAUSA) É. Pela primeira vez, em tudo isto, vejo você agir sensatamente. Volte a deitar-se e procure dormir.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Isabela fechou a porta do quarto, voltou para a cama e realmente pouco depois voltava a dormir, divertida com o fato de haver desempenhado bem a cena da renúncia. Irene, no entanto, permaneceu, como sempre, desconfiada e de pé atrás. Seu primeiro pensamento foi de que a irmã saísse às escondidas para falar com o rapaz sem a presença dela e isto foi suficiente para levá-la, desde logo, ao lugar onde o encontro deveria dar-se. Momentos depois lá estava e algum tempo permaneceu escondida, vigiando. Quando se convenceu de que Isabela de fato não viria, sentou-se no banco dizendo a si mesma...

OPERADOR - CORTA A MÚSICA EM FUNDO. PASSAROS CANTANDO.

IRENE - Quando ele aparecer, aproveitarei a oportunidade para dirigir-lhe a palavra e com o meu melhor sorriso ~~lhe~~ pedirei desculpas por lhe ter dado as costas na primeira vez.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA

FIM DO 13º CAPÍTULO.

IRENE - Pode ter sido mentira dela, também. Vai ver, não tinha combinado encontro nenhum com ele para hoje. Fez isso para me enganar e poder sair livremente no dia que realmente combinaram. Mas não pense ela que vai ser fácil. Agora, mais que nunca, é que estarei vigilante. Inda mais com um rapaz hospedado em casa que pode muito bem sair cedo do quarto e vir para o jardim passar e encontrar-se com ela. Mas agora, depois da ideia que tive de aproveitar a presença de Rogério para tecer a intriga, não pense Isabela que deixarei fugir tão maravilhosa ocasião.

OPERADOR - SUSPENDE O CANTO DOS PÁSSAROS E VOLTA COM FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E mordendo o lábio inferior, como era seu costume quando alguma coisa a incomodava, encetou a caminhada de volta para casa, esmagando todas as flores dos canteiros que ficassem ao alcance de suas mãos. Irene levava a certeza de que fôra enganada pela irmã e essa ideia acendia-lhe um ódio tão profundo e tão intenso que os seus olhos desprendiam chispas. Ao se aproximar da casa, tratou de esgueirar-se entre as sebes, com receio de poder ser vista e a irmã chegar a saber da sua fracassada tentativa. Felizmente, ~~ninguém~~ não havia ainda ninguém no terraço e ela pôde atingir o seu quarto sem ser surpreendida. Naquela mesma manhã, a mãe visinha recebia uma visita que haveria de surpreender a própria dona da casa.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

ABIGAIL - Minha sogra custou a acreditar que era realmente o senhor que estava aqui

LEONEL - Por que?

ABIGAIL - Não sei. Perguntava assim: "É o padre Leonel?" Eu respondia: É. E ela voltava: "Mas você tem certeza? Não estará enganada?" Eu dizia: tenho certeza, sim, dona Lucinda; então não vou conhecer o Padre Leonel? E ela então dizia: "É estranho... é muito estranho... O Padre Leonel na minha casa, depois de tudo que houve?"

LEONEL - Óra, o que houve! O que houve já passou e está esquecido. Já vim aqui, depois disto. Ela que não me quis receber, mas eu vim.

ABIGAIL - Minha sogra tem umas coisas engraçadas, às vezes. Depois que se projeta numa determinada direção, não há quem consiga convencê-la de que não é aquele o caminho certo.

LEONEL - Foi sempre assim. Posso dizer porque a conheço muito antes de você ter entrado para a família. Mas no fundo ela não é má.

ABIGAIL - Ah, não, pelo contrário. É uma excelente criatura! Basta compreendê-la.

LEONEL - Quando ela vier peço-lhe que nos deixe a sós, para que eu possa ter liberdade de dizer-lhe umas certas coisas que desejo.

ABIGAIL - Não se preocupe. Assim que ela entrar eu sairei para preparar-lhe um cafésinho e ficarei por lá até que me chamem.

LEONEL - Tenho a impressão de que ela vai brigar comigo outra vez, mas não posso deixar de fazer o que vou fazer.

ABIGAIL - Aí vem dona Lucinda.

C/REGRA - PASSOS DE DONA LUCINDA QUE SE APROXIMA.

ABIGAIL - Dona Lucinda chegou, eu vou fazer um cafésinho para o senhor, Padre Leonel.

LEONEL - Está bem, minha filha, faça. Eu aprecio muito um cafésinho.

ABIGAIL - Com licença, então.

C/REGRA - PASSOS DE ABIGAIL QUE SE AF. STAM E SOMEM.

LUCINDA - Bom dia. (SECA)

LEONEL - (ALEGRE E BONDOSO) Bom dia, dona Lucinda! Nem pergunte como a senhora está porque o aspecto é tão bom que se vê, logo, que o seu estado de saúde é excelente, graças ao bom Deus!

LUCINDA - É. Felizmente, contra a vontade de muita gente que desejaria me ver pelas costas, eu vou resistindo ~~me~~ ao tempo.

LEONEL - Mas quem poderá desejar que a senhora desapareça, dona Lucinda?

LUCINDA - Muita gente que se tem por bôa, que eu sei e que o senhor conhece. Conhece (frisa) e até frequenta a casa.

LEONEL - (SORRINDO, BONDOSO) A senhora não me perdoa o fato de não ter tomado partido na sua briga. Mas eu, como Ministro de Deus, não podia fazer isto, dona Lucinda, compreenda.

LUCINDA - Eu era a maior benfeitora da Igreja e o sustentáculo ~~das~~ do seu Departamento de Assistência Social.

LEONEL - Ainda assim, a minha posição tinha que ser de conciliação. Não podia ser outra. E como conciliar com justiça sem manter neutralidade? A senhora deve compreender que não era possível.

LUCINDA - O senhor se deixou influenciar pelas mentiras que lhe contaram.

LEONEL - Deus sabe que não. E nunca perguntei uma só palavra a ninguém. Os que me quiseram falar no assunto, falaram, os que não quiseram, como a senhora, nunca ouviram de mim uma pergunta, uma censura, uma admoestação. Apenas conselhos conciliadores, nada mais.

LUCINDA - Pois a mim me informaram que até no púlpito, numa das missas de domingo,

o senhor me censurou.

LEONEL - Não é verdade. Eu jamais censuraria, publicamente, uma paroquiana minha, mesmo que a soubesse coberta de culpa, o que não era o caso. O que eu dig se sou capaz de repetir inda hoje, mesmo depois de tantos anos: "Deus nos deu o coração para amar e a boca para nos entendermos. Não é justo, portanto permitir que o nosso coração se encha de ódio e usar a faculdade da palavra para xingar e maldizer." Isto, se tivesse alguma alusão com o desentendimento havido entre as famílias vizinhas, tanto serviria para a senhora como para êles. Eu também me lembro que o Coselhei...

LUCINDA - (CORTA, IMEDIATAMENTE, COM EXTREMA SEVERIDADE) Por favor, Padre Leonel, esse nome nunca mais foi pronunciado na minha casa e eu não permito que o seja, inda hoje, nem mesmo pelo senhor.

OPERADOR - UM ACORDE SURDO DE ÓDIO FICA VIBRANDO EM FUNDO POR UM MOMENTO. É O SANGUE DE DONA LUCINDA QUE FERVE, E A SEGUIR VAI BAIXANDO.

LEONEL - Óra, vamos, dona Lucinda, por Deus!... Para que guardar tanto ódio? Ele faz murchar o coração da gente. O amor gera o perdão e o perdão é que nos traz a paz que tanto necessitamos para viver. Por que não tenta perdoar?

LUCINDA - (CONTRAÍDA) Porque não posso.

LEONEL - Já tentou, alguma vez? Garanto que não. Firmou-se na sua ideia no "nunca mais" e dela, por teimosia, não se afastou.

LUCINDA - Por teimosia, não, Padre Leonel, não confunda as coisas. Por motivos justos. É muito diferente.

LEONEL - Os motivos passam e, uma vez esquecidos, deixam de existir. Que seria de nós se a dor não passasse nunca? E assim os ódios, os rancores e os desejos de vingança? Esses sentimentos, impróprios aos corações cristãos, envenenam a vida da gente. Roubam-nos a paz. Perturbam-nos o sono. É tão bom viver longe das malquerenças, minha amiga! Um coração beliscado por um mau sentimento já não pode sentir, com o mesmo enlevo, a beleza de um raio de sol, a suavidade de um sopro de brisa, a fragância do perfume de uma flor! Nossos olhos precisam estar limpos para divisar toda a beleza de uma alvorada ou a poesia de um entardecer. Si há qualquer névem que lhes empane a visão, tudo é menos belo, menos colorido e já não toca tão no fundo o coração da gente. Ajude seu coração a restabelecer-se. Procure esquecer. Procure perdoar.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRACÃO.

NARRADOR - Neste preciso instante, antes que dona Lucinda tivesse respondido qualquer

coisa, dona Abigail apareceu na porta da grande sala de visitas, trazendo uma salva de prata com uma xícara de cafézinho e um assucereiro, também de prata. A conversa ficou um momento interrompida. Ao oferecer a xícara ao Padre Leonel, Abigail fez, com os olhos, a pergunta se poderia ficar ou deveria tornar a sair. O Padre respondeu-lhe na mesma linguagem muda, dizendo-lhe que se ausentasse. Ela esperou, apenas, que ele se servisse de assucar ao seu gosto e assim que isso foi feito, voltou a se ausentar da sala. Dona Lucinda tinha a testa enrugada, o que atestava, para quem a conhecia, o seu profundo descontentamento. Com a retirada de Abigail permaneceu um silêncio ~~xxxxxxx~~ pesado no ambiente. E o Padre, ao terminar o café, foi o primeiro a rompê-lo.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO EM FUNDO.

C/REGRA - RUIDO DE COLOCAR XÍCARA DE CAFÉZINHO EM CIMA DE UMA MESA.

LEONEL - Muito gostoso o cafézinho de dona Abigail. Depois não quero me esquecer de agradecer-lhe. (TOM) Mas voltemos ao assunto que estávamos discutindo: ou aborreço-a com as minhas preleções?

LUCINDA - Não me aborrece, mas também não me distraí. Simplesmente escuto-as, em atenção ao sacerdote.

LEONEL - Então, neste caso, eu prefiro não insistir. Mesmo porque não foi este o motivo da minha visita à sua casa.

LUCINDA - Vai lançar alguma nova campanha e precisa da minha ajuda?

LEONEL - Não, não... também não é isto. Desde que a senhora se negou a ~~xxxxx~~ continuar colaborando nas minhas obras, que eu nunca mais contei com o seu auxílio. Não que ele não me fosse muito precioso, mas eu sempre prefiro que o que me oferecem seja dado de boa vontade. E não seria capaz de forçá-la a um gesto que, no fundo, pudesse contrariá-la.

LUCINDA - O senhor, ao menos, tem essa virtude. Não procura forçar a gente.

LEONEL - Para que? Deus só recebe bem o que lhe é dado de boa vontade.

LUCINDA - Vamos, então, a saber qual o motivo da sua visita à minha casa, depois de tanto anos de ausência?

LEONEL - Bem... os tantos anos não devem refletir uma acusação à minha parte por que eu já tentei várias vezes a reconciliação e até já vim uma vez à sua casa, sem ser recebido. Depois viajei, estive dezoito anos no estrangeiro e agora consegui voltar, por obra e graça de Deus. Meu sonho, meu grande sonho, seria fazer com que a paróquia inteira vivesse em paz. Talvez um dia Deus me conceda esta grande graça. Bem, mas já estamos outra vez nos

desviando do assunto que me trouxe. Eu recebi uma carta de Atibaia, dona Lucinda.

OPERADOR - ACORDE DE SURPREZA E DESAGRADO. HÁ UMA PAUSA EM QUE A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

LEONEL - (DEPOIS DE PAUSA) Acho que a senhora já deverá saber de quem se trata.

LUCINDA - (DEPOIS DE PAUSA, VOZ SURDA) Não conheço ninguém em Atibaia.

LEONEL - Como, dona Lucinda?! A senhora continua ignorando sua irmã?!...

LUCINDA - Eu não tenho irmã nenhuma, Padre Leonel. O senhor deve estar fazendo confusão. A pessoa deve ser outra.

LEONEL - Dona Lucinda, pelo amor de Deus!... A missão que trago, junto à senhora é muito importante e eu não posso sair daqui sem desincumbir-me dela. Quer me deixar falar?

OPERADOR - ENTRA COM CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO DA 1a. PARTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MEIO.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA DA 2a. PARTE. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Dona Lucinda não estava habituada a que ninguém lhe falasse com severidade e foi esta precisamente a característica do boníssimo Padre Leonel, quando lhe disse:

LEONEL - (SEVERO) Quer me deixar falar?

NARRADOR - Seu primeiro impulso foi o de reagir mais severa, ainda, mas percebendo o virtuoso sacerdote chegar-se para a beira da cadeira, gesto que fazia denotar a impaciência com que fôra acometido, achou de mais prudência conter-se e quando pensou em dizer qualquer coisa para responder-lhe, já o padre havia retomado a palavra e não havia mais remédio senão escutá-lo. E para não se dar inteiramente por vencida, ia levantando a cabeça, arrogantemente, à medida que ele falava.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

LEONEL - Recebi uma carta do Padre José Maria, de Atibaia, pedindo a minha interferência no sentido de minorar a grande aflição de uma sua paroquiana, condenada a morte por insidiosa moléstia e que deixará na orfandade sua filha única, menina de quatorze anos que, além dos amigos, não terá uma só pessoa da família que se possa interessar por ela. Essa menina possui uma tia, irmã mais velha de sua mãe e essa tia é a senhora. Já percebeu, certamente, que estou falando de sua irmã Laurita, a quem a senhora criou como filha.

OPERADOR - AGORDE DE SUSPENSE.

LUCINDA - E que não soube retribuir os cuidados e carinhos que lhe dediquei, fugindo da minha casa para unir-se a um pobre coitado, sem eira nem beira, quando poderia fazer um casamento à altura do nosso nome e da nossa posição.

LEONEL - O amor dos jovens é impetuoso e não lhes dá tempo de considerar. Ela o amava. E tanto isso é verdade que viveu quasi dez anos muito feliz com ele. Depois... Deus não quiz que a sua felicidade continuasse e levou-o. Ela soube se portar dignamente, lutando e sofrendo, sem jamais ter estendido a mão aos seus parentes ricos. Agora chegou a sua vez de ser chamada e o seu grande desespero é pensar que deixará uma menina sem ninguém do seu próprio sangue que olhe e zele por ela. Lembrou-se da Sra. Falou na Sra. ao Padre José Maria, pedindo-lhe que sondasse as suas disposições atuais. O padre prometeu-lhe que faria e eu aqui estou, em seu nome, cumprindo tão séria missão.

LUCINDA - (DEPOIS DE LONGA PAUSA) Ela quer, em resumo...

LEONEL - Que a senhora tome conta da sua filha, já que é a parente mais próxima e em quem ela mais confia.

LUCINDA - (RÁPIDA) Ela disse isto?

LEONEL - Acredito que o Padre José Maria não teria nenhum interesse em mentir.

LUCINDA - Então ela agora reconhece que eu estava certa.

LEONEL - Claro. Basta querer entregar-lhe a filha para que não se tenha a menor dúvida a respeito. (PAUSA LONGA) E então? Que me diz? Qual a resposta que devo mandar ao Padre José Maria?

LUCINDA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Eu tenho um neto moço que mora comigo. Já pensou na incomodação que posso trazer para dentro de minha casa? Será que minha irmã acha que já não me incomodou suficientemente?

LEONEL - A senhora não precisa ter a menina em sua casa. Basta que a mantenha num colégio interno. Penso, até, que será muito melhor para ambas. (PAUSA) E então? Qual é a sua resolução?

LUCINDA - Que faria o senhor em meu lugar? Responda com franqueza.

LEONEL - Faria qualquer sacrificio para não ter que carregar, depois, pelo resto da minha vida, o peso de um remorso.

LUCINDA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Está bem. Diga-lhe que me mande a menina que eu a internarei num colégio, custeando e vigiando a sua educação. Mas o senhor vai me ajudar. Não pense que ficará de fora.

LEONEL .- Com o maior prazer, dona Lucinda. Creia que com o maior prazer.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Padre Leonel, ao sair, levava um sorriso de satisfação nos lábios, deixando na testa de dona Lucinda um vincô de preocupação antecipada. Além da obra de caridade tão grande que acabara de fazer, sorria-lhe ao coração a esperança de fazer voltar ao rebanho dos fiéis uma ovelha desgarrada. Dona Lucinda permitira o diálogo e isto já era meio caminho andado. Nesse meio tempo, na mansão vizinha, ultimavam-se os preparativos para a chegada do hóspede que seria naquele dia. Felipe conversava com o Conselheiro Epifânio, exatamente sobre a chegada.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

EPIFÂNIO - Você já indagou a hora da chegada do navio, meu filho?

FELIPE - Já, papai. Eles pensam que chegará entre quatro e cinco horas.

EPIFÂNIO - Então é preciso avisar Irene para preparar jantar em vez de almoço.

FELIPE - E não é a mesma coisa, papai?

EPIFÂNIO - Não, meu filho. Há pratos que não se servem em almoço e vice-versa.

FELIPE - Eu não sabia disto. Mas não tem importância, daqui a pouco eu vou conversar com Irene e lhe darei aviso da hora da chegada. Acha que precisarei avisar a ela da modificação que deverá fazer no cardápio?

EPIFÂNIO - Não é preciso. Irene conhece bem a etiqueta. Bastará que lhe diga a hora.

FELIPE - O senhor irá ao cáis?

EPIFÂNIO - Não, meu filho, não vou. A espera pode ser longa e me deixar fatigado. Não posso ficar muito tempo de pé, vou sentindo logo dor na minha perna e a cabeça logo me sai do lugar. Esperarei em casa. Você explicará a ele as razões da minha ausência.

FELIPE - Perfeito, papai. Tem alguma ordem especial para agora de manhã?

EPIFÂNIO - Não. Acho que está tudo pronto para recebermos Rogério. As tomadas de luz foram revisadas; não foram? Era o que estava faltando.

FELIPE - Já. Havia uma que não estava funcionando bem, mas o electricista veio aí e em cinco minutos resolveu a questão.

EPIFÂNIO - Muito bem, então penso que agora é só esperar que Rogério chegue. (PAUSA)
Você quer mais alguma coisa?

FELIPE - Sim, papai. Queria, ainda, falar-lhe uma coisa, ligeiramente.

EPIFÂNIO - É por que não fala?

FELIPE - É sobre as meninas. (PAUSA BREVE) O senhor não acha que elas podiam ir comigo esperar Rogério?

EPIFANIO - (SERENO, MAS EXTRANHANDO) As meninas?

FELIPE - Sim, elas... elas gostariam de ir. E acho que, para ele, deveria ser mais agradável estar um grupo maior à sua espera. Não lhe parece?

EPIFANIO - Não acho que fique bem a duas moças que se prezam, ir ao cáis do porto para esperar um rapaz. Ao contrário de você, penso que ele não vai ter uma impressão muito agradável a respeito delas. Vai pensar que são moças vulgares. Moças que "topam qualquer parada" como vocês dizem agora. E a impressão que eu desejo que Rogério tenha das minhas filhas é precisamente outra.

FELIPE - Não sei, papai, mas eu acho que si elas estiverem comigo, não há mal algum em que estejam no cáis esperando alguém.

EPIFANIO - Meu filho, não insista. Toda a vida cuidei de suas irmãs e cuidei bem. Eu sei, melhor que você, o que fica bem e o que não fica. A experiência da vida me ensinou.

FELIPE - Mas mesmo sem pretender insistir, papai, quero apenas dizer-lhe que a vida mudou muito, papai. E que um remédio, administrado em doses excessivas, prejudica, em vez de fazer bem.

EPIFANIO - Você estará, por acaso, me censurando, Felipe?

FELIPE - Absolutamente, meu pai. Eu não seria capaz de tamanha ousadia. Estou apenas fazendo -lhe uma advertência. Nada mais.

EPIFANIO - Suas irmãs manifestaram o desejo de ir esperar Rogério?

FELIPE - Absolutamente. E nem eu falei nada a elas. Foi uma lembrança que tive agora e, como sempre, falei ao senhor em primeiro lugar. O senhor não concorda, não se fala mais no assunto.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Felipe jamais ousara contrariar uma vontade do pai, mas já há algum tempo que se revoltava intimamente contra os seus excessos, principalmente no que dizia respeito à prisão das moças. Ele não se conformava com a vida que as duas levavam e a vinda de Rogério, por essa razão especialmente, representava para ele uma grande esperança. Esperança que o moço libertasse uma delas daquela escravidão permanente, mostrando-lhe a vida lá fora, da qual elas apenas ouviam rumores. Sabiam que haviam estrelas no céu, mas olhavam sem vê-las. Sabiam que havia sol, lá fora e viam-no brilhar, mas não sentiam o seu calor. E tudo pelos excessos de um pai retrógrado que não chegava a compreender que muito maior perigo era não mostrar-lhes a vida como ela era em verdade. E enquanto isto acontecia, do outro lado

do muro de pedra, num recanto do jardim...

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO. ENTRA CANTO DE PÁSSAROS.

ABIGAIL - Você continua firme na ideia de falar com essa menina durante a noite, meu filho?

LUIZ - É o jeito, mãe.

ABIGAIL - Eu acho uma temeridade. Você já imaginou se essa menina é surpreendida por uma pessoa da casa? O que ela poderá sofrer por sua causa?

LUIZ - Mas mãe, nós não temos outra maneira de falar. E não podemos ficar sem nos ver.

ABIGAIL - Escrevam-se, vejam-se de longe. Ela pode ir para o portão da frente, e numa determinada hora e você passar na calçada em frente.

LUIZ - E a senhora pensa que o pai seria capaz de deixar que ela fosse ao portão da frente? Jamais.

ABIGAIL - Mas ela não vai sinão chegar um minuto, numa determinada hora, por dentro das grades. É muito menos arriscado do que o que vocês vão fazer.

LUIZ - Bem, mas acontece que agora nós já combinamos isto, e pelo menos a primeira vez vamos ter que fazer, porque não teremos maneira de tornar a falar antes. Vamos ver como é que corre a primeira entrevista e depois então a gente pensa nessa modalidade que a senhora sugeriu.

ABIGAIL - Acho bom. Vocês não poderão continuar a arriscar-se dessa forma. Principalmente ela que tem, dentro da sua própria casa, uma inimiga que conhece o seu segredo. Vamos admitir que ela mande uma denúncia anônima à sua avó. Você já pensou nisto? Não pensou, não é? Mas a mãe pensou. Pensa que não olha a caixa do correio todos os dias? Estou sempre esperando uma coisa assim. Sempre.

LUIZ - Eu não tenho medo de enfrentar vóvó, o meu medo é que ela tenha qualquer coisa de coração que possa lhe custar a vida. Não fosse isto e, de minha parte, já não haveria problemas nem dificuldades.

ABIGAIL - Pois é, mas infelizmente você não pode deixar de pensar na sua enfermidade e, por consequência, nas coisas que não deve fazer. Converse com ela esta noite e resolva isto de uma outra forma, meu filho.

LUIZ - Está bem, mãe, pode ficar tranquila que eu lhe prometo fazer isto.

ABIGAIL - Obrigada, meu filho, eu sabia que você não deixaria de atender ao meu pedido. E agora vá conversar um pouco com sua avó, antes de sair para a Faculdade. Ela reclama, quando você não o faz.

OPERADOR - SUSPENDE PÁSSAROS. ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Era grande a expectativa na casa do Conselheiro Epifanio para receber o moço Rogério que, segundo a informação da agência marítima de vapores já deveria ter chegado ha uma questão de meia hora, mais ou menos. O Conselheiro, fugindo ao seu hábito diário, substituiu o "fumoír" por um casaco escuro e as "meninas" por ordem sua, haviam posto o seu melhor vestido caseiro. Irene estava nervosa. Não que esperasse do moço qualquer coisa para si, mas pela esperança enorme que abrigava no coração de que sua irmã pudesse ceder a um possível interesse do rapaz. Pedia, intimamente a Deus, que êle fôsse elegante e sedutor. Depois de uma espera que parecia não ter fim, a campainha da porta soou e ela desandou quasi a correr, para atendê-la. O pai, no entanto, interrompeu-lhe o gesto.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

EPIFANIO - Espere aí. Não vá. Vocês ficarão as duas aqui conigo. Felipe o conduzirá até nós.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA

FIM DO 14º CAPÍTULO.

15º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDO PARA NARRAÇÃO

03.11.
2011

NARRADOR - O moço Rogério estava para chegar a todo o momento e em casa do Conselheiro Epifânio a expectativa era grande. Todos, com exceção de Isabela, depositavam nele grandes esperanças e daí advinha a ansiedade quasi geral com que era esperado. Felipe fora ao cáis recebê-lo, em nome da familia. As "meninas" - como o pai insistia em chamá-las - ficaram em casa, ao lado do pai que não achou de bom tom irem ao cáis do porto, principalmente quando ele não pudesse acompanhá-las. Já fazia meia hora que o navio deveria ter atracado, segundo a informação da agência e, por conseguinte, a cada momento Felipe deveria chegar acompanhado do hóspede. Não tardou muito a que a campainha da rua soasse e logo Irene se precipitou para a porta, mas o pai interceptou-a.

EPIFÂNIO - Espere aí. Não vá. Vocês ficarão as duas aqui comigo. Felipe o conduzirá até nós.

NARRADOR - Irene voltou, desapontada e a empregada foi atender a porta. As duas moças, a um gesto do ^{conselheiro} pai colocaram-se de um e outro lado da cadeira do pai, de pé, em atitude de espera. Passado um instante, o moço Rogério dava entrada na sala, seguido de Felipe, dirigindo-se, com um sorriso discreto, ao grupo que o aguardava.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

ROGÉRIO - Que prazer, meu padrinho! Sua bênção.

EPIFÂNIO - Deus o abençoe, afilhado. Seja bemvindo à nossa casa.

ROGÉRIO - Obrigado. Trago-lhe um grande abraço de papai.

EPIFÂNIO - É um prazer recebê-lo. O que vier da parte de um amigo como o Herculano, é sempre bemvindo. Apresento-lhe as minhas filhas: Irene e Isabela.

ROGÉRIO - É uma grande satisfação, para mim, conhecê-las pessoalmente. Papai fala muito nelas.

IRENE - Da mesma forma que papai no senhor.

ROGÉRIO - No senhor?! Óra, vamos, francamente! Acho que não precisaremos nos tratar assim com tanta cerimônia. Que acha, meu Padrinho?

EPIFÂNIO - Acho que a senhoria, neste caso, pode ser dispensada, uma vez que eu e Herculano fomos, sempre, como dois irmãos, logo nossos filhos podem se considerar como primos.

ROGERIO - A prima ainda não me disse nada. Nem sequer ouvi sua voz.

ISABELA - Muito prazer. Sou Isabela.

ROGERIO - Isabela. Muitas vezes ouvi papai pronunciar o seu nome. Ele costumava dizer, referindo-se à família: Isabela é a caçula; regula com você.

FELIPE - Bem, uma vez que já conheceu a família, venha conhecê-lo o seu quarto.

ROGERIO - Um momento, Felipe, deixe-me falar, antes, alguma coisa mais ao meu padrinho.

FELIPE - Pois não, da minha parte não há nenhuma pressa. Convidei-o porque pensei que estivesse desejando descansar um pouco, antes do jantar.

ROGERIO - Não, não, obrigado. Eu passei a tarde toda deitado, a bordo, estou completamente descansado.

EPIFANIO - Então, se prefere conversar, sente-se.

ROGERIO - Não posso sentar-me, se as primas ficarem de pé.

IRENE - Mas nós vamos sentar, também, esteja à vontade.

ROGERIO - O senhor sabe, padrinho, que eu teria gostado que o papai viesse comigo?

EPIFANIO - Pois eu mandei dizer, numa carta que lhe escrevi, que ele aproveitasse a sua companhia e viesse. Mas confesso que não tinha nenhuma esperança que isto pudesse vir a acontecer.

ROGERIO - Eu li sua carta e foi depois dela que passei a fazer pressão, mas papai é como gato: agarrado à casa que não há quem o faça desprender-se.

IRENE - Foi pena, realmente, porque melhor companhia ele não vai ter nunca. E assim também, eu perdi a esperança de conhecê-lo.

ROGERIO - Por que? Ele não vem aqui, mas a prima pode ir lá, um dia.

IRENE - Não sei de que jeito. Si seu pai é agarrado à casa, o meu também é e não acredito que alguma proposta seja capaz de arrancá-lo daqui, nem mesmo por poucos dias.

ROGERIO - Mas e a prima não poderá ir, um dia, vamos dizer... em viagem de núpcias, por exemplo.

IRENE - (DÁ UMA RIDADINHA GOSTOSA MAS DE TOM IRONICO)

ROGERIO - Por que riu dessa forma? Acha que não poderá casar? E que casando não poderá viajar? Ou riu porque, casando, jamais escolheria a nossa cidadezinha para sua viagem de núpcias?

IRENE - Absolutamente. Acredite que eu teria muita satisfação em conhecê-la. O caso é que não penso em casamento. Deixo isto (FRISA) para a mana Isabela que é mais moça.

FELIPE - A mana não acredita que casamento e mortalha no ~~xxx~~ céu se talha. Pensa que

dizendo "não me casarei" está livre do casamento. (RIEM OS DOIS)

EPIFANIO - (MUDANDO O ASSUNTO) Diga-me, Rogério, e sua tia Estefânia, que o criou, chegou a operar sua catarata?

ROGÉRIO - Operou, mas não foi bem sucedida. Agora está em vésperas de fazer uma segunda operação, penso que talvez para daqui a dois meses, quando eu tiver regressado da viagem.

IRENE - É muito idosa essa sua tia?

ROGÉRIO - Bastante, sim. Está com oitenta e um anos. É a irmã mais velha de papai. (TOM JOCOSOSO) Mas prima Isabela, o que é que há com você que não se ouve a sua voz?

ISABELA - Não há nada, primo. É que eu sempre prefiro ouvir que falar.

ROGÉRIO - (BRINCANDO) Dizem que é uma sábia maneira de proceder; que a palavra pode comprometer muito mais uma pessoa do que o silêncio.

EPIFANIO - Isabela nunca foi de grandes assuntos. Irene foi, sempre, muito mais de conversar, de estabelecer comunicação. São completamente diferentes, uma da outra.

ROGÉRIO - Mas geralmente é assim mesmo que acontece. Minhas duas primas de Maceió também são dois temperamentos completamente opostos. Uma expansiva, outra retraída.

FELIPE - E qual das duas lhe agrada mais?

ROGÉRIO - Bem, isso depende. Não se pode estabelecer uma regra fixa. E a prova está em que existem homens que preferem namoradas morenas e acabam casando com louras; outros que preferem moças altas e casam com baixinhas. E assim uma porção de coisas mais.

EPIFANIO - (VOLTANDO A MUDAR O ASSUNTO) Agora sim, Felipe, acho que você poderia mostrar o quarto ao Rogério porque dentro de uma meia hora, no máximo, deverá ser servido o jantar e ele até talvez queira mudar de roupa, não sei.

ROGÉRIO - Sim, de fato. Gostaria de tomar um banho e mudar de roupa.

FELIPE - Pois então venha que a sua bagagem já está lá.

ROGÉRIO - Quando abrir as malas tenho uma série de coisas que papai mandou para o senhor e para as primas.

EPIFANIO - Não havia necessidade alguma do Herculano se incomodar por nossa causa.

IRENE - Foi muita amabilidade. Quando você voltar há de levar, também, umas lembranças nossas para ele.

EPIFANIO - Deixe-o ir, minha filha. Olhe a hora do jantar.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E numa inclinação de cabeça que valia por um pedido de licença, Rogério retirou-se da sala, acompanhado por Felipe. A sala viu-se, súbitamente, envolvida no silêncio. Cada um permaneceu, por algum tempo, entregue aos seus próprios pensamentos, sem sequer procurar imaginar o que o outro estaria pensando. Enquanto o Conselheiro Epifânio voltava aos bancos da Faculdade, recordando o convívio do amigo Herculano, Irene se agarrava à esperança de que Rogério pudesse conquistar Isabela, já que se revelara um rapaz galante, simpático e inteligente. Isabela, no entanto, nem reparara nessas qualidades do moço, preocupada que estava, desde o amanhecer, com o momento da sua próxima entrevista com Luiz Otávio, durante a noite, que, lentamente, vinha chegando. E foi o Conselheiro quem, finalmente, rompeu o silêncio, dizendo...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

EPIFÂNIO - Não quero que se torne a falar em assunto de casamento perto de Rogério

IRENE - E eu falei, papai?

EPIFÂNIO - Bem... não foi você quem iniciou o assunto, mas estendeu-o e o que eu desejo que façam, quando ele voltar^a/surgir, é que o substituam, imediatamente, por outro qualquer.

IRENE - Está bem, papai, não se preocupe. As suas ordens serão cumpridas.

EPIFÂNIO - Eu não quero, de jeito algum, que o rapaz possa ter a impressão de que o acolhemos com a esperança de que ele se agrada e case com alguma de vocês, si bem que, isto me faria muito feliz. Afinal estou velho, pela lei do mundo deverei ir primeiro que vocês e se ao menos uma ficasse amparada por um jovem da qualidade de Rogério já seria um descanso para o meu coração de pai.

IRENE - Eu já me considero velha para o casamento, papai, mas talvez Isabela possa dar-lhe essa alegria.

ISABELA - Eu por que? Você está muito mais em condições de se casar do que eu. Sabe tomar conta de uma casa, administrá-la, substituir os empregados, quando faltarem. Sabe cosinhar, lavar, engomar, passar camisas de homem, tudo isto com muito mais perfeição do que eu.

IRENE - Você é muito modesta, mana. Faz tudo isto tão bem quanto eu.

ISABELA - Não é verdade. A única coisa em que tenho consciência de que me iguale a você é no bordado. No resto, nem me aproximo.

EPIFÂNIO - Bem, estamos justamente debatendo um assunto que eu quero evitar. Ve

ja, Irene, se a mesa está bem posta, se não falta nada e providencie para que sirvam o jantar que está na hora. Quanto a você, Isabela, vá ao jardim e (FELISA) sem se aproximar da biblioteca, grite ao mano Felipe que pode trazer o nosso hóspede para jantar.

OPERADOR - ENTRA MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - O jantar decorreu animado, mas Isabela continuou em silêncio. Por mais que buscassem envolvê-la no assunto e por mais que ela procurasse prestar atenção ao que lhe diziam, as palavras pareciam que voavam, sem que ela conseguisse detê-las. Sem que ela lograsse entendê-las. Sem que atinasse com o sentido que guardavam. Rogério percebeu o seu alheamento e por mais de uma vez caçoou com ela. Por fim, alegando dor de cabeça e uma forte indisposição, subiu para o seu quarto, apagando logo a luz logo depois de haver entrado. Irene mantinha-a constantemente na mira, cada vez mais admirada da sua inexplicável conduta. O serão foi curto. O hóspede deveria estar cansado e precisava repousar. Pouco depois das dez horas da noite as luzes se apagaram e a casa toda ficou em silêncio. Do outro lado, entretanto...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

ABIGAIL - Estou admirada da senhora hoje, dona Lucinda. Sabe que horas são? Já passam das dez.

LUCINDA - Não tenho sono, hoje. Penso que por ter feito uma sesta mais longa à tarde. Se você quiser se recolher, não faça cerimônia por mim.

ABIGAIL - Não senhora, eu não gosto de me deitar cedo. Recolho-me cedo, geralmente, para não ficar sózinha, zanzando pela casa, sem ter o que fazer nem com quem conversar; mas a senhora pensa que me deito logo? Leio até mais de meia noite, todos os dias. Depois é que apago a luz e vou dormir. (DEPOIS DE PAUSA) A senhora não quer tomar um tranquilizante? É bom. O sono vem logo.

LUCINDA - Nunca usei barbitáricos. Sempre dormi muito bem, sem auxílio de drogas que, a meu ver, só podem abalar o sistema nervoso.

ABIGAIL - Daqui a pouco mais deve chegar Luiz Otávio e ele vai se surpreender de encontrar a senhora acordada. É capaz, até de se assustar, pensar que aconteceu alguma coisa.

LUCINDA - Si ele olhar para a minha cara, vai ver, logo, que não aconteceu nada. (TOM) Engraçado, é a segunda vez que eu tenho a impressão de ter visto uma sombra além daquele canteiro. Será o Idalino?

ABIGAIL - Não creio. A esta hora ele já deve estar no seu segundo sono. Seu hábito é terminar de jantar e deitar-se em seguida.

LUCINDA - Mas então é o Leocádio que anda por lá, porque se não fosse gente de casa, o Nero estaria latindo, furiosamente, como é seu hábito.

ABIGAIL - É, deve ser o Leocádio, então. Aliás ele já me disse, uma vez, que gosta de plantar certas flores à noite porque elas pegam mais facilmente.

LUCINDA - É, muitos jardineiros têm essa mania.

ABIGAIL - Dona Lucinda, vou lhe fazer um convite.

LUCINDA - A esta hora da noite?

ABIGAIL - Exato. Quem sabe vamos até lá à copa e eu preparo um cafésinho gostoso para nós tomarmos?

LUCINDA - E você não pode ir prepará-lo e trazê-lo aqui?

ABIGAIL - Posso, mas lá a gente sempre toma mais quentinho e fica mais gostoso.

LUCINDA - Você sabe o que é que eu estou achando?

ABIGAIL - Diga.

LUCINDA - Que você está querendo me afastar daqui por algum motivo.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO. ENTRA CARACTERÍSTICA PARA INTERVALO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - ABERTURA MUSICAL PARA A SEGUNDA PARTE.

NARRADOR - Abigail teve um choque tremendo, ao verificar que dona Lucinda percebera a sua intenção de afastá-la dali. Conhecia muito bem a sogra e tinha certeza que, ao partir daquele momento, ela não deixaria de redobrar a sua vigilância. Sim, porque ela ~~xxxxxxx~~ não tinha nenhuma dúvida de que dona Lucinda estava ali por alguma coisa. Soubera, ou desconfiara de qualquer ~~xxxxx~~ movimento e desejava aclará-lo. E ela, Abigail, que desejava tanto ajudar o filho, sem querer o colocara sob a mira da avó. ~~xxxxxxxxxxxx~~ Para ganhar tempo e pensar no que responderia, fingiu não ouvir o que a sogra dissera e pediu-lhe repetição. E dona Lucinda, com voz firme, repetiu...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

LUCINDA - Sim, eu estou dizendo que você está querendo me afastar daqui por algum motivo.

ABIGAIL - Óra esta, dona Lucinda, que ideia a sua! O que estou querendo é que a senhora repouse. Já passou de sua hora, ha muito. Não pensei que pudesse interpretar tão mal o meu interesse pela sua saúde.

LUCINDA - É que você está tão nervosa, tão aflita que eu tive que desconfiar.

ABIGAIL - Estou nervosa, sim. E aflita também, com receio que a senhora adoça, saíndo dos seus hábitos e abusando das suas forças. Na última vez que estivemos no seu médico lembra-se que ele recomendou muito que a senhora tivesse o máximo cuidado em não exceder-se? O que a senhora está fazendo, hoje, é um excesso. Afinal de contas, quem cuida da senhora sou eu e me sinto com responsabilidade.

LUCINDA - Óra vamos, francamente, Abigail! Você está fazendo um verdadeiro temporal num copo d'água. Eu não sinto fadiga nenhuma, não sinto nada de extraordinário, apenas não tenho sono e para não ficar a rolar na cama, de um lado para o outro, prefiro ficar aqui que estou mais distraída. ~~xxx~~ Há necessidade de você ficar nessa preocupação toda? Não há. Você está exagerando.

ABIGAIL - Bem, se a senhora me garante que não está sentindo nada mais, além da insônia, já me deixa menos preocupada.

LUCINDA - Não estou sentindo coisa nenhuma, portanto acalme-se.

ABIGAIL - Quer que lhe traga o cafésinho de que falamos, há pouco?

LUCINDA - Não, obrigada, não quero. Si tomar um café a esta altura da noite, sou capaz de amanhecer sem me deitar.

ABIGAIL - É, então não convem tomar, realmente. Não a incomoda com a minha conversa? Quem sabe prefere permanecer em silêncio?

LUCINDA - Eu gosto da sua conversa. Ela me distraí. Mas talvez permanecendo em silêncio, o sono chegue mais depressa.

ABIGAIL - Também é verdade. Então vou apanhar o meu livro para ficar aqui perto da senhora, mas em silêncio.

OPERADOR - FUNDO MUSICAL PARA NARRAÇÃO

NARRADOR - E até quasi meia noite as duas mulheres permaneceram no terraço da mansão, lado a lado, ~~xxx~~ no mais absoluto silêncio. De tempos em tempos, Abigail levantava os olhos do livro para espiar dona Lucinda que se mantinha firme, de olhos abertos, na mais completa disposição de não dormir tão cedo. A moça estava tão nervosa que já não conseguia assimilar nada do que lia. Em dado momento, também ela viu cruzar uma sombra ao fundo do jardim e seu coração bateu forte com receio de que sua sogra pudesse tornar a vê-la. Foi aí que percebeu que o sono começara, finalmente, a dominá-la, enfraquecendo-lhe a visão. Esperou mais uns minutos e quando notou que dona Lucinda já quasi não podia manter os olhos abertos, levantou-se baço e disse com voz falsamente estremunhada...

OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRAÇÃO.

ABIGAIL - Agora sim, não posso mais. Vou me deitar que estou caindo de sono. (BOCEJO) Gostaria de ficar para acompanhá-la, mas não dá. (BOCEJA DE NOVO) Boa noite, dona Lucinda.

LUCINDA - Espere. Eu vou subir com você. Também já estou com sono.

ABIGAIL - Também não deve andar muito longe da meia noite. Faz mais de meia hora que ouvi o bar da esquina baixar a cortina de aço da vitrine e geralmente eles fecham às onze e meia, mais ou menos.

C/REGRA OU OPERADOR - SINO DE IGREJA BATENDO DOZE BADALADAS AO LONGE, ESPACADAMENTE.

ABIGAIL - (NA SEGUNDA BATIDA) Oh, ~~mas~~ eu não disse? Meia noite está batendo na torre da igreja. Amanhã, com certeza, vamos nos levantar depois das nove.

LUCINDA - Qual! Eu posso dormir a hora que fôr, chega as sete da manhã estou acordada. Não levanto antes das oito, mas acordar acordo muito antes.

ABIGAIL - Vamos, então?

LUCINDA - Vamos.

OPERADOR - FUNDO MUSICAL PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - E depois de fechar as portas e janelas que davam para o terraço, dona Abigail ofereceu o braço à sua sogra e com ela subiu, lentamente, os degraus que as levavam para o primeiro andar. Entrou com ela no quarto, abriu-lhe a cama e, depois de beijá-la, como sempre fazia, retirou-se para o seu quarto mas não se deitou. Permaneceu alerta, à espreita dos acontecimentos que ela sabia que iriam se desenrolar naquela noite. Depois de perceber que dona Lucinda apagara a luz, desceu novamente para o andar térreo, pé ante pé, desejosa que estava de ainda falar com o filho antes que ele saísse para o jardim, si já não fosse ele a tal sombra que por duas vezes sua sogra tivera a impressão de ver. Sentou-se numa cadeira perto da porta e ali deixou-se ficar às escuras. Entrementes, lá fora...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

IDALINO - Suncê custou a aparecê, Virge Nossa Senhora!...

LUIZ - Eu não pude sair antes. Tive que esperar que vóvó subisse para se deitar, para poder descer. E ela nunca demorou tanto como hoje.

IDALINO - E eu andando aqui pulo jardim feito uma arma doutro mundo, pra lá e pra cá procurando suncê.

LUIZ - Eu bem que imaginei, mas não quiz me defrontar com vóvó, com receio de que ela pudesse ler qualquer coisa nos meus olhos. Vóvó é muito viva.

IDALINO - Nossa Senhora, si é viva! Pra mode pudê levá a sinhá tem que enrolá ela

munto bem e anssim memo inda é perciso tê munto cuidado, sinão ela adia cobre.

LUIZ - Colocaste a escada onde eu te pedi?

IDALINO - Nãm deu pra butá lá, meu fio, pur isso é que eu tava mais afrito móde fa lá com suncê. Ela ficou um mucadinho mais pra traiz. Sabe adonde que tem aquela rosinha trepadera que dá em cachopinha?

LUIZ - Sei. Aquela que mãmê enfeitou a mesa toda no dia do aniversário de vóvó

IDALINO - Inzatamente. Aquela mema. Pois ali, diatraiz é que ficou. Na hora suncê pega e bota um mucadinho mais adiante. Dispois torna a inscondê ela adon de ela tava que, de minhã, cedinho, o nêgo veio arretira ela e leva de novo, otra veiz, lá pro garpão.

LUIZ - Combinado. Seria bom que tu prendesses o cachorro até que eu tivesse terminado minha entrevista com Isabela.

IDALINO - Pra que, meu fio? O cachorro conhece tão bem suncê...

LUIZ - Mas pode me extranhar, fazer alarido, acordar a ~~mãmã~~ vóvó ou o Leocádio. Você já pensou o Leocádio acoãdando e vindo para o jardim de porrete na mão, como é seu costume fazer, me desconhecer tambem e me baixar uma porretada na cabeça? (RINDO) Não, idalino, seguro morreu de velho.

IDALINO - Tá bem, se suncê acha que êle pode instranhá, eu prendo êle.

LUIZ - E antes de me recolher, eu vou lá e solto. (TOM DE PREOCUPAÇÃO) Ué, idalino, tem luz outra vez na sala de jantar, você está vendo?

IDALINO - É... parece que tem, mêmoo...

LUIZ - E estão abrindo a porta que dá para o terraço, veja.

IDALINO - Que será que tá acuntecendo, justamente hoje que a gente percisava que essa gente tudo fôsse drumi?

LUIZ - Sei lá! Parece que o demônio, hoje, resolveu-se a se atravessar no meu caminho.

IDALINO - Credo em Cruz! Virge Maria!... Totofum! Vai-te pras areia. Tiscunjuro treis veiz, marvado! São Jorge guerrero, valente sordado, leva êsse marvado pra longe daqui!... São Jorge guerrero do pai Oxalá, não deixá o ti nhoso de nós judiá!... São Jorge guerrero, da espada na mão, não deixa entrá o peste no meu coração!...

LUIZ - É a mãmê. Agora pude ver que é ela. Com certeza estava aflita, não podia dormir e resolveu descer. Ou então tem qualquer coisa para me dizer e está me procurando. Vai-te embora, idalino. Prende o cachorro e vê se vai descansar. Eu vou falar com ela.

IDALINO - Quê dizê que num vai precisá mais nada do nêgo véio?

LUIZ - Só o que eu já te pedi. Que prendas o cachorro, antes de dormir. Nada mais.

IDALINO - Entonce bas noute, meu fio. Que tudo corra bem pra sunçê.

LUIZ - Obrigado, Idalino. Deus te ouça.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E enquanto o preto velho se retirava para o seu quarto, na esperança de poder repousar das fadigas do dia, Luiz Otávio embrenhava-se pela alameda de tílias, em direção ao terraço da casa, onde sua mãe o aguardava, recostada na porta que dava entrada para a sala de jantar. Ao avistar o filho, poz o dedo na boca como que a impor-lhe silêncio e entrou por alguns momentos, indo até ao pé da escada para certificar-se que tudo era sombra e silêncio, lá em cima. Em breves momentos estava de volta, encostando a porta para que seus sussurros não chegassem até lá em cima e sentando-se nos degraus que desciam para o jardim, onde o filho já se sentara antes, foi lhe dizendo baixinho.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO. (A CENA QUE SEGUE É TODA EM QUASI SUSSURRO)

ABIGAIL - Estou muito preocupada com sua avó. Tenho a impressão de que ela desconfia de alguma coisa e, embora já esteja dormindo, tenho receio de que possa acordar-se e surpreendê-lo na imprudência que você vai praticar.

LUIZ - É muito azar junto, mããe. Afaste essa ideia. Vóvó, depois que dorme, dificilmente acorda, a senhora sabe.

ABIGAIL - Sei, mas hoje é uma noite diferente e ela sentiu isto no ar. Tanto que levou um tempão para deitar-se.

LUIZ - Mas já deitou, já dormiu, não tem mais perigo. E depois, mesmo que ela acorde, a senhora acha que ela vai me ver debruçado no muro, na escuridão da noite? E se chegar a ver, não vai me conhecer.

ABIGAIL - Si ela acordar pode ver, porque você não se esqueça que o balcão do quarto dela domina todo este lado do jardim. Se irá reconhecê-lo, não sei, mas do jeito que ela está, desconfiada... Por isso eu queria combinar com você o seguinte: esteja sempre de olho na janela do meu quarto. Si eu aceder a luz do centro, o quarto ficará todo iluminado. É o sinal para você tratar de esconder-se porque sua avó levantou.

LUIZ - Pronto, viu? Se fizermos isto, já não haverá nenhum perigo de que ela nos surpreenda. E como temos ainda mais de duas horas pela frente, vá descansar que eu também vou.

ABIGAIL - Quando descer, passe pelo meu quarto e acorde-me, ~~XXXXXXXXXXXX~~ si eu estiver dormindo.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Mãe e filho subiram nas pontas dos pés para recostarem-se em seus quartos e esperar as duas horas e meia que ainda faltavam para a primeira entrevista noturna entre os dois namorados. Não puderam dormir. Estavam nervosos e preocupados. O rapaz pensando no risco que a moça iria correr a mãe pensando no risco a que o filho iria se expor. Quando aquelas duas horas - que foram dois séculos - conseguiram passar, dona Abigail assumiu o seu posto de vigilância e o filho desceu, pé ante pé, à luz de uma lanterna de bolso. Por sua vez, do outro lado do muro, Isabela, sem ter conseguido dormir preparava-se, agora, para ir ao encontro com o seu bem amado. Desceu também no escuro, abriu a porta sem ruído e quando já transpunha os umbrais...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO. BATEM TRÊS HORAS ESPACADAS EM RELÓGIO DE IGREJA.

ISABELA - (PARA SI MESMA) Graças a Deus consegui abrir a porta sem barulho!

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO DE SUSPENSÃO

IRENE - (VOZ EM MEIO TOM MAS BEM DURA E SEVERA) Onde é que você vai?

OPERADOR - ENTRA COM ACORDE DE SUSTO APAVORANTE E EMENDA CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA

FIM DO 15º CAPÍTULO

16º CAPÍTULO

03.11.2011

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA INÍCIO DO CAPÍTULO. FUNDO DE NARRAÇÃO

NARRADOR - Dona Abigail e Luiz Otávio haviam se recolhido aos seus quartos, muito depois da meia noite, para aguardar o momento em que ele sairia para a sua entrevista no muro de pedra, enquanto ela ficaria vigilante, dando-lhe o sinal de iluminar todo o seu quarto, caso dona Lucinda chegasse a despertar e fazer qualquer movimento. Como faltassem, ainda, quasi tres horas para o esperado momento, resolveram deitar-se, mas não conseguiram dormir. Estavam, ambos, com os nervos muito tensos para poderem permitir que o sono os dominasse. Finalmente, um pouco antes da hora, o rapaz desceu e a mãe ficou em seu quarto, no escuro, vigiando a sogra.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO. TRES HORAS ESPACADAS E AFASTADAS. EM RELÓGIO VOLTA MUSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Por sua vez, do outro lado do muro, Isabela descia tambem de seu quarto, nas pontas dos pés, dirigindo-se para a porta que dava acesso ao jardim. Depois de uma luta de vários segundos, conseguiu abrir sem ruido a pesada porta que, geralmente, costumava gemer nos ferrolhos. Ficou tão satisfeita da sua primeira vitória que não pode deixar de dizer para si mesma...

OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRAÇÃO. RELÓGIO AFASTADO, BATE TRES HORAS.

ISABELA - Graças a Deus consegui abrir a porta sem barulho!

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE SUSPENSE EM FUNDO.

IRENE - (Voz de meio tom, mas dura e severa) Onde é que você vai?!

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO TREMENDO. ESPECIE DE TROVÃO SURDO. MUSICA FICA EM FUNDO

IRENE - (DEPOIS DE PAUSA, NO MESMO TOM ANTERIOR) Vamos, responda. Onde é que você vai a esta hora da noite?

ISABELA - (GAGUEJANTE, TREMULA, ASSUSTADA) Bem, eu... eu... onde é que eu poderia ir, senão ao jardim?

IRENE - Ao jardim, sim, mas justamente hoje, que temos um hóspede, lá fora, você resolve ir ao jardim numa hora destas? Fazer o que? Pode me explicar?

ISABELA - Bem, eu... eu estava sem sono... com muito calor... vi que a noite estava clara, de luar... tive vontade de me sentar num banco e esperar que o sono viesse.

IRENE - E você não pensou que Rogério poderia, ocasionalmente, fazer o mesmo, encontrar-se com você e ficar fazendo um péssimo juízo a seu respeito?

ISABELA - Óra, mana, para ser muito franca, não pensei em Rogério.

IRENE - Eu sei disso muito bem, mas nosso pai não sabe. Tem todo o direito de julgar você uma leviana que sai de dentro de casa para ir ao jardim encontrar um hóspede na primeira noite em que ele dorme na nossa casa. Já pensou na reação que ele poderia ter? Vamos, volte para o seu quarto e trate de dormir.

ISABELA - Não mana, eu não tenho sono. Deixe-me ficar aqui.

IRENE - Você está louca? Então pensa que eu a deixarei aqui sózinha? Nada disto. Você vai subir agora mesmo.

ISABELA - Não, mana. Eu não vou subir. Não quero.

IRENE - Isabela! Você enlouqueceu, de repente?!... Você vai subir, sim senhora.

ISABELA - Não vou, mana. Não quero dormir. Não tenho sono. O quarto está abafado.

IRENE - Abra a janela e ficará tão bom como aqui. Vamos, entre que eu quero fechar esta porta.

ISABELA - Mana, deixe-me, por favor. Se você quer subir, suba. Eu vou ficar. Si não quer que eu vá para o jardim, prometo-lhe que não sairei daqui, mas por favor não me force a entrar. Não tenho vontade.

IRENE - Mas você não compreende que nem aqui pode ficar, estando um rapaz dormindo ali, na biblioteca, a dois passos da casa?

ISABELA - Mas ele deve estar no melhor do sono, nem vai saber que estive aqui.

IRENE - Deve estar, mas não se sabe se está. Mais vale prevenir do que remediar. Ande, Isabela, entre. Não insista.

ISABELA - Eu já lhe disse que não quero entrar. Que vou ficar aqui.

IRENE - Ah, é? Pois então vai me obrigar a subir e acordar papai para que ele faça com que você entre. Não desejava fazer isto, porque sei o que pode lhe acontecer, mas em face da sua teimosia... (afastando-se) serei obrigada a acordá-lo.

ISABELA - (PARA SEGUNDO PLANO) Espere.

IRENE - (DEPOIS DE PAUSA, VOLTANDO) Resolveu-se, afinal?

ISABELA - Sim. Eu vou entrar.

IRENE - Ainda bem. Venha logo, que eu quero fechar esta porta. E vou procurar fechá-la sem ruído, para que papai não desperte. Imagine si ele chegasse a nos surpreender aqui, e que iríamos lhe dizer!

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Enquanto estas coisas aconteciam do lado da mansão do Conselheiro Epifânio, do outro lado do muro, em cima da escada, Luiz Otávio esperava, nervoso, o aparecimento da sua bem amada. Preso a uma esperança que teimava em animar o seu coração apaixonado, lá permaneceu ele pelo espaço de mais de uma hora, quando, finalmente, se desiludiu, voltando para casa a pensar mil coisas diferentes que pudessem justificar a ausência de Isabela. Tão desnortado estava o pobre rapaz que procurou, de imediato, o quarto da mãe para dar-lhe conta do insucesso da sua entrevista com a namorada.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

LUIZ - Não sei, mãe, não sei o que poderá ter acontecido, mas ela não apareceu. Esperei uma hora inteira e ela não veio.

ABIGAIL - Não aconteceu nada, meu filho, esteja certo. Ela reconsiderou.

LUIZ - Não pode ser. Não acredito. Depois de ter assumido o compromisso, Isabela não deixaria de cumprí-lo. Nem que viesse rapidamente e para dizer-me que precisávamos encontrar uma outra forma de nos falarmos.

ABIGAIL - Meu filho, uma moça criada como ela deve ter sido, tem medo de se expor ao perigo. Você vai saber que na hora de sair faltou-lhe a coragem. Não fique preocupado, a pensar coisas trágicas, porque foi isto que aconteceu. Tenho certeza absoluta.

LUIZ - E eu tenho certeza absoluta de que Isabela só me deixaria nesta aflição em caso extremo. Sim, porque ela tem que saber que eu estou numa aflição terrível.

ABIGAIL - E você acha que o pavor não é um caso extremo? O pavor leva à morte milhares de criaturas, meu filho. Eu, por exemplo, conheço um caso de incêndio em que só morreram os que se apavoraram diante da tragédia. Os que conservaram a calma e puderam raciocinar, estes procuraram a melhor saída e salvaram-se. O pavor anula, por completo, a nossa faculdade de pensar. Eu vou lhe dar um comprimido calmante, para que você possa dormir.

LUIZ - Mas e agora, mãe? Onde, como e quando irei vê-la? Si era esta a única maneira que tínhamos e ela nos faltou?

ABIGAIL - Não se preocupe que há de se arranjar outra. Isabela deve ser uma moça inteligente. Pelo menos o que você me diz sobre ela autoriza-me a pensar assim. Portanto, ela não deixará de arranjar uma maneira de fazer chegar a você um bilhete, um recado, qualquer coisa...

LUIZ - É aquela maldita irmã que atrapalha tudo. Não dá uma folga à coitada da moça. Ela só tem uma virtude: não conta ao pai as coisas que sabe.

- ABIGAIL - Com certeza para que a irmã não seja castigada. Já é uma grande virtude.
- LUIZ - Não sei, não. Ela me parece tão diabólica que às vezes eu fico pensando se isso não fará parte de um plano qualquer que ela possa ter. Se não será uma premeditação.
- ABIGAIL - Não, meu filho, você também exagera. Não há nenhuma criatura ruim que não tenha uma qualidade. A dela, com certeza, é esta.
- LUIZ - (PAUSA) O que é isto?
- ABIGAIL - Um comprimidinho que você engole até sem água. Tranquiliza o coração da gente e dá sono. Daqui a quinze minutos, no máximo, você já estará dormindo e amanhã, quando acordar, já se sentirá capaz de pensar nos fatos sem qualquer pessimismo. (PAUSA) Engoliu? Ou quer um pouco d'água?
- LUIZ - Não, não precisa. Engoli, sim. Tenho que me deitar em seguida?
- ABIGAIL - Não é preciso. Se você prefere ficar conversando, quando chegar o sono você irá se deitar.
- LUIZ - A senhora garante que eu vou dormir?
- ABIGAIL - Não tenho a menor dúvida. Eu uso sempre esse tranquilizante, quando estou nervosa. É bater e valer. Por maior que seja a minha preocupação, ele não deixa de me produzir efeito.
- LUIZ - Eu precisava descansar um pouco, mesmo. Estou muito cansado e agitado interiormente.
- ABIGAIL - Daqui a pouco você já não sentirá mais nada disto. E se quer ter a prova, encoste a sua cabeça aqui e fique quieto. Não lhe dou cinco minutos.
- OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.
- NARRADOR - E realmente. Cinco minutos depois dona Abigail precisou levá-lo quase no colo para o seu quarto. Teve, inclusive, que trocar-lhe a roupa. Depois que ele adormeceu completamente, dona Abigail apagou a luz do quarto e voltou para o seu nas pontas dos pés. Quando veio deitar-se, já os primeiros alhores da manhã apontavam no céu. E enquanto isto acontecia, do outro lado do muro de pedra, já as irmãs se haviam deitado e o silêncio tomara conta outra vez do ambiente. Poucas horas mais tarde...
- IRENE - Aceita mais uma xícara de café, Rogério?
- ROGÉRIO - Não, dona Irene, obrigado. Já tomei duas, acho que não preciso abusar.
- EPIFÂNIO - Faço questão que você vá, daqui, mais gordo do que veio; isso provará que foi bem tratado em minha casa.
- ROGÉRIO - Disso ninguém terá dúvida, meu padrinho.
- FELIPE - O Rogério gostou muito do leite da nossa granja e do queijo que fazemos lá.

- ROGÉRIO - Especialísimos. Aliás uma coisa é consequência da outra. Se o leite não fosse bom, o queijo também não seria.
- EPIFÂNIO- Exato. Aliás, o leite que vem cá para a casa, é da melhor vaca jersey que nós temos. Há dias que ele chega a parecer um creme de tão encorpado.
- FELIPE - Isabela é que gosta de tirar a nata para comer no pão.
- ROGÉRIO - E por falar nela... já desceu, ou costuma descer mais tarde?
- IRENE - Não, ela sempre desce muito cedo, até, mas hoje, infelizmente, não pode participar do nosso café porque acordou com uma enxaqueca terrível. Deixei o remédio que costuma tomar e deixei-a de repouso.
- ROGÉRIO - Espero que melhore, para o almoço.
- IRENE - Há de melhorar, sem dúvida.
- FELIPE - Você vai querer sair de manhã, para conhecer a cidade, ou vai preferir à tardinha, depois que o sol se ponha?
- ROGÉRIO - À tardinha. De manhã vou aproveitar para conhecer o jardim da mansão do padrinho. Quero escrever ao papai hoje de noite e pretendo dizer-lhe como é tudo aqui.
- EPIFÂNIO- Eu também pretendo escrever ao seu pai hoje ou amanhã, para mandar dizer-lhe a impressão que você causou a todos nós.
- ROGÉRIO - (BRINCANDO) Eu, se fosse o senhor, esperava mais um pouco para mandar uma impressão exata. As vezes a gente gosta assim de cara, como dizem, mas logo depois muda de opinião.
- EPIFÂNIO- Eu não mudo facilmente, não, afilhado. Em mim, a primeira impressão geralmente fica. E não tenho ideia de me haver enganado uma única vez, em toda a minha vida.
- ROGÉRIO - Já o papai é diferente do senhor. Só emite uma opinião a respeito de alguém, depois de ter analisado bem a pessoa, convivido com ela e conhecido os seus hábitos na intimidade.
- EPIFÂNIO- Eu sei. Muitas vezes tivemos discussões a respeito de colegas que pretendiam se aproximar de nós. E ele então me dizia: "eu prefiro não me precipitar, para não ser obrigado a recuar, mais tarde." Foi sempre muito cauteloso, muito.
- FELIPE - Eu tive um professor que dizia: "cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém." Parece que o ditado não é bem assim, mas eu repito como ele dizia.
- EPIFÂNIO - Bem, já que você falou que quer conhecer o nosso jardim, eu vou lhe convidar para darmos uma volta por ele. Não poderei acompanhá-lo em todo,

mas depois Felipe irá ao nosso encontro e ~~mas~~ lhe mostrará o resto.

FELIPE - E eu não poderei ir com o senhor e Rogério desde agora, por que?

EPIFANIO - Porque você terá que despachar, primeiro, o peão da granja que está ~~mas~~ apenas esperando que você confira o carregamento que ele trouxe para poder voltar.

FELIPE - Ah, bem, então vou tratar de fazer isto imediatamente, para poder gozar, logo, da agradável companhia de Rogério.

IRENE - Não, mano, não vá agora que ele está tomando café. Deixe-o terminar à vontade e daqui a pouco mais você vai.

EPIFANIO - Bem, então vamos, Rogério. Daqui a pouco mais você irá encontrar-nos, Felipe.

OPERADOR - MUSICA DE SEPARAÇÃO.

LOCUTOR - PUBLICIDAD DO MEIO.

OPERADOR - MUSICA DE ABERTURA DA 2a. PARTE. -- FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Quando o Conselheiro Epifânio saiu com Rogério para o jardim, Irene ficou um momento a sós com o irmão. A princípio ficaram ambos em silêncio, como que perdidos nas próprias cogitações. Em silêncio e parados nos seus lugares. Depois Irene, como que sacudindo seus pensamentos com um gesto brusco de cabeça, levantou-se e começou a tirar a mesa do café, sem dizer palavra. O irmão, de repente, começou a observá-la e percebendo que alguma coisa a contrariara, quiz provocar a sua manifestação, mais para aliviá-la do que mesmo por curiosidade. Ela estava dobrando a toalha de linho, quando ele falou.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

FELIPE - Nós ficamos os dois num silêncio tão grande que até parece que estamos vendo um morto. (PAUSA) Você está preocupada, mana?

IRENE - Não sei... talvez triste, muito mais do que preocupada.

FELIPE - (INTERESSE SINCERO) Triste, mana? Triste por que?

IRENE - Por ser obrigada a reconhecer que já não interesso mais aos rapazes. Naturalmente porque já estou velha.

FELIPE - Óra, mana, francamente! E lá vem você outra vez com essa bobagem! Até pensei que houvesse, realmente, um motivo qualquer de tristeza.

IRENE - E você quer coisa mais triste do que uma mulher ser obrigada a reconhecer que já não ~~mais~~ desperta mais o menor interesse em homem algum?

FELIPE - Por que você diz isso, afinal? Que aconteceu para você chegar a essa conclusão?

- IRENE - Você não viu que Rogério saiu sem se lembrar de me convidar para ir com eles ao jardim?
- FELIPE - Óra, mana! Mas então é por isso?
- IRENE - Claro. Isso reflete o seu total desinteresse por mim. Você não viu que ele logo perguntou se Isabela já tinha tomado café mais cedo, ou descia mais tarde?
- FELIPE - Mas aí é diferente. Era a única da família que estava falando na mesa do café. Se fosse você ou eu, ele teria perguntado do mesmo modo.
- IRENE - Não creio. Acho que ele não teria dado falta nem de você, nem de mim.
- FELIPE - Man, você precisa não esquecer que Rogério deve ter vindo muito recomendado a respeito de vocês. Seu Herculano sabe como papai os educou e como é exigente no que diz respeito ao tratamento dos rapazes com vocês. Talvez tivesse tido receio que um convite ~~xxxxxx~~ para acompanhá-los, pudesse parecer excesso de liberdade.
- IRENE - (RESENTIDA) Não me dirigiu a palavra uma única vez durante o café; você notou?
- FELIPE - Como não? Quando perguntou por Isabela, não foi a você que ele se dirigiu?
- IRENE - A mim, não. Foi a você. Eu é que me apurei em responder. Nem mesmo quando disse "espero que melhore para o almoço", dirigiu o olhar para mim. Foi olhando para o papai que disse isto.
- FELIPE - Para ser franco, eu não reparei nesses detalhes.
- IRENE - Mas eu reparei. Digo-lhe mais, quando perguntei como gostava do café, as respostas que me deu foram todas lacônicas e olhando, sempre, outras coisas, como que para fugir ao meu olhar.
- FELIPE - Está vendo? Isso prova o que eu lhe disse quanto às recomendações de seu Herculano. Por que haveria de proceder assim, se não fosse isto? (PROCURANDO ANIMÁ-LA, COM GRANDE INTENÇÃO NO TOM DE VOZ) Ou então está empregando aquela velha tática de fugir, com medo de se prender. Quem sabe, mana?
- IRENE - Não acredito nessas tolices.
- FELIPE - E por que não? Você é moça, bonita, prendada, já leva um razoável fundo de reserva da parte da herança de mãe... não é partido para ser desprezado.
- IRENE - Os poucos moços que poderiam servir às exigências de papai, são moços de mais e para mim não servem.
- FELIPE - Essa ideia é que você precisa tirar da sua cabeça, antes de tudo. Se conseguir fazer isto, acabará vencendo a complicada batalha do matrimônio.

IRENE - Por mim eu já teria abandonado essa luta, antes mesmo de iniciá-la.

FÉLIPE - Mas você não vai abandonar porque eu não vou consentir. E um dia, mana, tem certeza de que você ainda me agradecerá.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Felipe tinha muito mais vontade do que propriamente esperança de que a irmã pudesse agradar um rapaz e casar-se. No fundo, o que ele sentia das duas era pena, muita pena daquela vida isolada e vazia que ambas viviam. Principalmente da mais velha, por ser, além disso, menos dotada pela natureza. Ele próprio, que era rapaz e saía de vez em quando para arejar-se, já começava a sentir cansaço e impaciência... A irmã, que havia terminado de tirar a mesa, subiu e ele foi para a cozinha atender o peão da granja; Do outro lado, nessa mesma hora...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO

LUCINDA - Onde é que você vai com essa escada, Leocádio?

LEOCÁDIO - Pois esta escada, patrona, tava encostada no muro, um pouquinho mais lá em baixo.

LUCINDA - Encostada no muro? Mas quem foi que botou?

LEOCÁDIO - Não sei, patrona. Posso te afirmar que eu não fui.

LUCINDA - Bem, mas ela não ia parar lá, sózinha que a escada não caminha. Deve ter sido levada e posta por alguém.

LEOCÁDIO - Tá visto, patrona.

LUCINDA - Pois então você vai perguntar ao Idalino, à cosinheira, a todo o pessoal de serviço quem foi que botou essa escada no muro e para que. Eu, de minha parte, perguntarei à minha nora e ao meu neto, se bem que não acredito que nenhum dos dois possa ter feito isto.

LEOCÁDIO - Eu achava melhor que a senhora mesmo perguntasse ao nêgo Idalino. O nêgo tem uma quizilha comigo e não me arresponde nada direito. Tudo que diz é distrocado pra me deixá sem sabê as cousa certa.

LUCINDA - Pois então faça diferente. Não fale nada a ninguém. Eu tive agora uma ideia que talvez seja muito mais interessante: cuide para ver se alguém torne a botar lá a escada e quando souber quem foi venha me falar. Eu não compreendo porque alguém tenha que botar uma escada naquele muro. Não compreendo.

LEOCÁDIO - Eu tambem achei uma cousa munto sem geito, mas que ela tava lá eu posso te agaranti porque fui eu que tirei ela.

LUCINDA - É, Leocádio, talvez a pessoa que botou uma vez venha a botar segunda e

nós vamos descobrir muito mais facilmente cuidando do que perguntando. A pessoa que botou, sabendo que eu não quero isto, vai negar, com certeza.

LEOCÁDIO - É, decerto vai.

LUCINDA - Pois então não fale nada a nenhum deles e cuide. É assim que descobrir qualquer coisa, venha me dizer.

LEOCÁDIO - Tá, patrona. Pode ficá adescansada.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO MUSICAL DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E enquanto isto acontecia, o preto Idalino procurava, aflito, chegar ao quarto de Luiz Otávio, desnorteado com o que acabara de ~~XXXXXXXXXX~~ verificar. Ele vira Leocádio com a escada ao ombro e correria para atacá-lo, mas antes que o tivesse alcançado, já dona Lucinda o encontrara e ele, certamente, já lhe revelara o lugar onde a escada fora encontrada. O rapaz, despertado assim, inesperadamente, não conseguia entender bem o que ouvia e ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ ^{pedia ao preto} que repetisse o que acabara de dizer.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

IDALINO - Eu tô dizendo pra sunçê, meu fio, que quando de minhã cedinho fui procurá a inscada pra mode gualdá ela no garpão, que ela já num tava mais lá. No premero momento pensei que sunçê memo tivesse gualdado ela, dispois de tê usado, mas daí repente oiei e vi o Locádio ca cuja no ombro, caminhandô na direção da casa. Corri mode arcançá êle e quando já ia chegando bem perto, a sinhá Lucinda apareceu e chamô êle mode falá. Foi só o tempo do nêgo se inscondê e se sumi por ditraiz dos buxo.

LUIZ - E o que foi que êle disse à vóvó? Não ouviste?

IDALINO - Num pude ouvi, meu fio. Num tava tão perto anssim.

LUIZ - Pois o importante, agora, é procurar saber o que foi que ele disse. Por que não recolheste a escada mais cedo?

IDALINO - Pruquê num imaginei que sunçê fosse deixá ela no lugar adonde que sunçê botou. O que nós cumbinemo foi que sunçê inscondia ela no lugar adonde eu tinha butado. Eu é que prigunto pra sunçê: mode que sunçê num fez ig so?

LUIZ - Nem sei. Isabelana não compareceu ao encontro e eu saí dali tão desnorteado que não me lembrei de mais nada. Fui direto ao quarto de minha mãe desaba far a minha aflição. Sabe o que vou fazer, Idalino? Vou me levantar, me vestir e descer para falar com minha mãe. Pode ser que vóvó tenha dito qualquer coisa a ela.

IDALINO - Isso memo. E o nêgo véio vai percurá o Leocádio, mode vê se discobre o que foi que êle disse pra sinhá.

LUIZ - Não pergunta diretamente, para não despertar suspeitas. Fuxa uma conversa qualquer, e fala em escada pra vê se êle desembuxa alguma coisa.

IDALINO - Pode deixá, meu fio. Num se pirocupe que o nêgo véio num é bobo e sabe as cousa dereitinho.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO MUSICAL PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - E enquanto essa conversa se desenrolava lá em cima, no terraço da mansão dona Lucinda meditava sobre o que acabara de saber. Todos, na casa, sabiam da sua proibição com referência aos vizinhos. Quem teria tido a audácia de desobedecê-la, encostando uma escada ao muro de pedra para espiar, ou quem sabe até falar com alguém lá do outro lado? Falar? Não. Ninguém se atreveria a tanto. Mas mesmo espiar já contrariava as duas determinações. Ela precisava descobrir quem teria chegado a tanto, para evitar que muito mais pudesse, ainda, acontecer. Quando as suas cogitações andavam por este ponto, dona Abigail chegou ao terraço, sentando-se, como de costume, para acompanhar sua sogra.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

ABIGAIL - A senhora tem alguma preocupação, dona Lucinda. Estou sentindo isto nos seus olhos.

LUCINDA - Tenho, sim, mas também veja bem se não é para ter. Sabe que o Leocádio encontrou uma escada encostada ao muro de pedra, hoje bem cedo?

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

ABIGAIL - Uma... uma escada?!... Encostada ao muro de pedra?!...

LUCINDA - Sim senhora. Uma escada encostada ao muro de pedra. Você já pensou no que isto representa? O que isto quer dizer?

ABIGAIL - Bem... pode ser que ela não tenha sido posta lá com a finalidade que a senhora está imaginando.

LUCINDA - Pode ser, concordo, mas também pode ter sido para muito mais do que eu estou imaginando.

ABIGAIL - Não creio. Isso não deve passar de curiosidade de alguma das empregadas.

LUCINDA - Mas estão todas muito recomendadas a este respeito e eu não posso admitir que alguma possa ter tido a ousadia de desobedecer-me.

ABIGAIL - Mas a senhora sabe como são essas coisas. Quanto mais a gente recomenda, maior é a tentação e a curiosidade. A gente tem que compreender e perdoar.

LUCINDA - Pois eu não compreendo nem perdoar. Já dei ordens expressas ao Leocádio

para descobrir quem fez isto, afim de que eu possa aplicar o castigo adequado. Si quando mais moça nunca admiti ser desobedecida, muito menos agora, depois de velha. Preciso mostrar a essa corja que na minha casa mando eu. E enquanto tiver um sôpro de vida a minha vontade há de ser respeitada.

LEOCÁDIO - (29. PLANO) Dá licença, patrona?

LUCINDA - Pode chegar, Leocádio. Descobriu alguma coisa?

C/REGRA - (PASSOS NO PEDREGULHO, SOBE DOIS DEGRAUS.)

LEOCÁDIO - *Pois olha, patrona... acho que descobri.*

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO GRANDE. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

LUCINDA - Vamos ver. Diga logo quem foi.

LEOCÁDIO - A escada não tá mais adonde eu botei, patrona. O nêgo Idalino tornou a tirá ela de lá.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE GRANDE SUSTO E EMENDA COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO CAPÍTULO:

FIM DO 16º CAPÍTULO.

03.11.
2011

O MURO DE PEDRA

- Original de ERICO CRAMER -

17º CAPÍTULO.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

NARRADOR - Dona Lucinda e Abigail estavam no terraço da mansão conversando e gosando a beleza daquela manhã de sol esplendente. Dona Lucinda acabara de saber que o jardineiro Leocádio encontrara uma escada encostada ao muro de pedra e estava indignada por verificar que as suas ordens, à respeito dos vizinhos do lado, não estavam sendo cumpridas. Estava justamente transmitindo à nora o seu desejo de descobrir o culpado, quando o jardineiro se aproximou do terraço e, de baixo, dirigiu-se a ela:

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO

LEOCÁDIO - (DE 2º PLANO) Dá licença, patrona?

LUCINDA - Pode chegar, Leocádio. Descobriu alguma coisa?

C/REGRA - PASSOS NO PEDREGULHO, SOBE DOIS DEGRAUS.

LEOCÁDIO - Pois olha, patrona... acho que descobri.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO GRANDE, A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

LUCINDA - Vamos ver. Diga logo quem foi.

LEOCÁDIO - A escada não tá mais adonde eu botei, patrona. O nêgo Idalino tornou a tirá ela de lá.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE GRANDE SUSTO. MÚSICA DE SUSPENSE EM FUNDO.

LUCINDA - O Idalino?! Você disse que ele tornou a tirar a escada de lá. Mas de lá, onde, Leocádio?

LEOCÁDIO - Do garpão, adonde eu tinha guardado ela.

ABIGAIL - Mas quem sabe ele precisou dela para alguma coisa?

LEOCÁDIO - Não sei, não, dona, mas o caso é que ela tá outra vez encostada no muro e foi ele que levou que eu vi com esses olhos que a terra ha de cumê.

LUCINDA - Vá chamar o Idalino aqui que eu quero falar com ele agora mesmo.

ABIGAIL - (RÁPIDA) Se a senhora quer eu posso ir chamá-lo.

LUCINDA - Para que? Fique aí sentada. O Leocádio vai. (TOM) Diga a ele que venha aqui falar comigo, agora mesmo.

LEOCÁDIO - Eu digo, patrona. Com permissão.

C/REGRA - PASSOS DE LEOCÁDIO DESCENDO DOIS DEGRAUS E SE AFASTANDO EM PEDREGULHO.

ABIGAIL - Eu não acredito que o Idalino possa ter deixado de cumprir as ordens de senhora sem um motivo muito forte.

LUCINDA - É o que vamos esclarecer, agora.

- ABIGAIL - Si é que êle não fez isto para ralar o Leocádio. Eles estão sempre de ponta um com o outro. Vou lhe dizer que não duvido nada.
- LUCINDA - Queira Deus que seja isto e que eu não seja obrigada a castigar o Idalino porque haveria^{de} me custar muito.
- ABIGAIL - Foi isto, sim. Eu nem tenho dúvida. A senhora vai ver. Outro dia, na cozinha, eu estava até me divertindo com os dois. Bastava que um dissesse uma coisa para que o outro contrariasse. A coisa chegou a tal ponto que a Maria cosinheira olhou para mim e piscou o olho. Dizia um: amanhã vai fazer um dia bom e o outro logo retrucava: dia bom, coisa nenhuma, amanhã vai chover. E assim era tudo. O que um dizia que era bom o outro dizia que era mau. o que um dizia que era certo o outro dizia que era errado...
- LUCINDA - (CORTANDO) Já vem êles ali. Já vamos poder esclarecer essa estória da escada.
- C/REGRA - PASSOS DE DUAS PESSOAS EM PEDREGULHO E DEPOIS SUBINDO DOIS DEGRAUS.
- LEOCÁDIO - (APROXIMANDO-SE) Pronto, patrona, tá aqui o home. .
- LUCINDA - Podem subir.
- IDALINO - A sinhá mandou chamá o nêgo véio pra arguma cousa?
- LUCINDA - Mandei, Idalino. Mandei chamá-lo para esclarecer uma dúvida. Foi você que tirou a escada do galpão e botou-a junto ao muro de pedra?
- IDALINO - Fui eu memo, sinhá.
- LUCINDA - E eu poderei saber para que?
- IDALINO - Pode, sinhá. Ariessa! Entonce num vai podê sabê? Onte, quagi na boquinha da noute, o nêgo véio viu uma corruira ca azinha sintida, podendo ~~máli-máli~~ máli-máli avuá. Quiz garrá ela, mode botá um reméde e a corruira avuou pra riba do muro. Af um gato brazino veio vindo, caminhando na berada do muro e eu carculei que êle ia acabá garrando a pobre da bichinha e inspantei ele, mas o marvado fico de longe bombiando ela. Af eu fui buscá a inscada mode tirá a corruira e sarvá ela das garra do gato brazino. Mas inté que eu chegasse no garpão, pegasse a inscada e trazesse ela, já a noute tinha caído e eu num pude mais achá ela. Entonce deixei a inscada lá pra móde hoje de minhã bem cedinho i campá ela nas trepadera do muro. Quando fui fazê isso, num incontrei mais a inscada lá. Entonce fui buscá no garpão e tornei a levá pra lá mode percurá a corruira. Foi esse o caso. Si fórum fazê cunvelsa deferente pra sinhá é gente que num tem o que fazê e fica inventando cousa.

LEOCÁDIO - Eu num fui fazê conversa deferente nenhuma. Eu ia passando ca escada no ombro e a patrona priguntou. Tu quiria que eu não dissesse pre ela, por acauso? Conteí o que eu vi.

IDALINO - Tu gosta de contá inté o que tu num viu, quanto mais o que tu viu. (TOM) A sinhá tá burricida camigo, móde eu quiz sarvá a corruira e atrepei no muro? Eu num cheguei inté lá em riba, nem oiei pro outro lado.

LUCINDA - Nem se compreenderia que logo tu, Idalino, pudesses fazer tal coisa. Serias o único que não teria nem mesmo a desculpa da curiosidade. Mas está tudo bem, felizmente, e eu prefiro que seja assim. A única coisa que quero é que tires a escada de lá, o quanto antes, para que ela não continue como um convite aos menos obedientes ou menos escrupulosos.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Dona Abigail respirou fundo, aliviada e dirigiu ao preto velho um discreto sorriso de agradecimento. Nunca imaginára tamanha astúcia numa alma tão pura e até certo ponto ingênua, como era a de Idalino. E fôra tão grande a naturalidade que imprimira às suas palavras que nem havia sido necessário repetí-las para convencer os circunstantes. O desejo de Abigail, naquele momento, era poder beijar o negro para mostrar-lhe a gratidão imensa que lhe invadia o coração. E depois, sair a correr e contar tudo ao filho que ela imaginava alheio a tudo que se estava passando. Mas não podia afastar-se dali. Por prudência deveria ficar junto da sogra, reprimindo o alvoroço interior que estava sentindo. Os empregados se retiraram e as duas senhoras permaneceram um instante caladas. Foi Abigail quem primeiro rompeu o silêncio, quando a cabeça branca de Idalino desapareceu na esquina da casa.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

ABIGAIL - Eu não dizia para a senhora que Idalino seria incapaz de transgredir suas órdens? Eu tinha certeza absoluta.

LUCINDA - E eu estimei bastante que o caso fosse resolvido como foi, porque mesmo se tratando dele, eu não deixaria de castigá-lo, caso tivesse desobedecido.

ABIGAIL - Mas eu não tinha dúvidas e até lhe digo que estava completamente tranquila. Sabia que êle havia de ter uma justificativa para o seu procedimento. Idalino foi sempre um homem cem por cento.

LUCINDA - Eu sei disto, mas a questão é que, depois de uma certa idade, a gente vai ficando de miêlo mole e começa a proceder como criança.

- ABIGAIL - Nem todos, dona Lucinda. Minha bisavó morreu com noventa e sete anos e mãe contava que ela se manteve perfeitamente lúcida até o momento final da sua vida. Disse que ainda fez recomendações a meu respeito.
- LUCINDA - Eu sei que acontecem destes casos, mas são esporádicos. Você não viu a minha amiga Gertrudes? Com oitenta e um anos não queria casar com um rapaz de trinta e seis? E no entanto foi uma mulher extraordinária durante toda a sua vida. Amoleceu o miolo com a idade. E há muitos outros casos destes que eu sei. O Idalino já está com mais de oitenta, é preciso considerarse. Podia estar sucedendo a mesma coisa com êle.
- ABIGAIL - Bem... realmente podia. E ainda pode. Não devemos excluir a hipótese. Ele ainda poderá vir a fazer grandes bobagens por força da idade e a nós só caberá perdô-lo porque estaremos sabendo que êle já não se comandará, se assim acontecer.
- LUCINDA - Desde que êle não viole a obediência que me deve, estarei pronta a perdoar qualquer outra coisa mais. A obediência, não. Nesse ponto eu não transijo e serei inflexível.
- OPERADOR - ENTRA MÚSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.
- NARRADOR - A cosinheira apareceu no terraço para pedir uma instrução qualquer para o almoço e Abigail aproveitou-se da oportunidade para correr ao encontro de seu filho a quem relatou a astúcia de Idalino. O rapaz, como ela, ~~em~~ respirou fundo, aliviado. Ia justamente procurar Idalino para dar-lhe novas instruções a respeito, quando, inesperadamente, o dedo de Deus apontou uma solução mais certa à complicada situação. E enquanto isto, na mansão do Conselheiro Epifânio, Rogério andava entre os canteiros do jardim, admirando-lhe beleza e extensão, já sózinho, pois que o Conselheiro não resistira a mais de duas ou tres quadras, iniciando o seu caminho de volta para a casa. Não demorou muito que, numa das alamedas, encontrou Isabela parada diante de um bellissimo botão de rosa vermelho. Aproximou-se dela e, depois de saudá-la...
- OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO. PASSAROS CANTANDO.
- ROGÉRIO - Está melhor?
- ISABELA - (DELICADA, SEM SER AMÁVEL) Melhor de que?
- ROGÉRIO - Sua irmã disse que você estava com uma enxaqueca muito forte e por isso não ia descer para o café...
- ISABELA - É, realmente, eu disse isto a ela, mas não tinha nada. Apenas estava com vontade de dormir mais um pouco.

ROGÉRIO - Compreendo. Realmente, de manhã, a cama sempre nos parece mais gostosa.

Estava admirando a beleza desse botão de rosa?

ISABELA - É, estava. Nunca vi um botão assim tão vermelho.

ROGÉRIO - É lindo. Aliás o jardim todo. O que pude ver, até agora, é maravilhoso.

ISABELA - Pensei que estivesse com papai, ou com o mano Felipe.

ROGÉRIO - Seu pai andou comigo uns dez minutos, mas depois cansou. Deu volta para casa. Disse-me que seu irmão viria ao meu encontro, mas quer me parecer que houve um desencontro. Ele deve andar à minha procura por aí. O jardim é tão grande...

ISABELA - Só pode ter sido isto, realmente. Ele saiu antes de mim.

ROGÉRIO - Deve ser bom viver-se num paraíso destes, entre pássaros e flores.

ISABELA - É bom até um certo ponto. Depois cansa e passamos a aspirar o bulício em que se vive lá fora. Morre-se de tédio aqui dentro. Tudo igual. Sempre igual. Todos os dias e em todas as horas. Às sete nos levantamos, às oito tomamos café. Até às nove passeamos no jardim. Até às dez bordamos, até às onze lemos, depois ouvimos trechos de ópera ou de opereta até que somos chamadas para o almoço. Almoçamos e conversamos por meia hora, no jardim de inverno, onde tomamos o cafésinho. Depois a sesta até às trez e meia. Depois o chá da tarde. Depois novo passeio pelo jardim até às seis ou seis e meia. Às sete o jantar. Novos trechos de ópera até nove e meia e às dez horas deitar novamente, para dormir quem tem sono e para ler quem não tem. E assim as semanas se repetem, e os meses e os anos e a vida vai passando sempre na mesma monotonia. (NUM SUSPIRO FUNDO E DESESPERADO) É preciso muita coragem e resignação para viver-se aqui da maneira como vi vemos. Não sei o que poderá pensar de mim, ouvindo-me cueixar-me deste jeito, mas a verdade é que eu precisava desabafar. (PAUSA E TOM) Agora... só me resta pedir-lhe que me desculpe.

ROGÉRIO - Óra esta! Desculpá-la por que? Afinal... fui eu mesmo quem provocou o desabafo. Antes quem deve pedir desculpas sou eu, por ter tocado numa ferida que sangrava, mas eu não sabia, creia. (PAUSA) Deve servir-lhe de consolo a ideia de que amanhã ou depois aparece um rapaz do seu agrado, você casa e vai viver uma vida diferente.

ISABELA - Quem virá descobrir-nos neste esconderijo, se aqui não entra ninguém?

ROGÉRIO - Como ninguém? Assim como estou eu aqui hoje, amanhã poderá estar outro que lhe agrade e que...

ISABELA - Você é uma exceção. Uma raríssima exceção. Afilhado de papai... filho de um grande amigo de infância... pode estar certo de que não acontecerá com mais ninguém.

ROGÉRIO - Não perca as esperanças, Isabela. Você é moça... é bonita... e a coisa que mais me entristece é ver um olhar de moça embaçado pelo desalento. Tenha fé e há de ver que um dia a vida lhe sorrirá. (PAUSA) Vamos andando?

ISABELA - Não. Eu lhe peço desculpas mas quero ir sózinha. Se chegarmos juntos, papai poderá pensar que saí ao seu encontro e eu não quero ser censurada injustamente.

ROGÉRIO - Está bem. Vá então você por aqui que eu irei por ali.

OPERADOR - MUSICA FORTE PARA FIM/L DA 1a. PARTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - MUSICA PARA ABERTURA DA 2a. PARTE. - FUNDO PARA NARRACAO.

NARRADOR - De dois em dois dias, Rogério escrevia uma carta ao pai, dando-lhe conta de como transcorria a vida em casa do seu Compadre e amigo Epifanio, dos passeios que havia realizado, as visitas que havia feito ou recebido, em fim de todas as coisas passadas com ele, as impressões experimentadas, as emoções vividas. E ao fim de quinze dias dessa temporada, seu Herculano recebia, pela primeira vez, uma carta diferente.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRACAO.

HERCULANO - Esta carta de meu filho, parece que me diz qualquer coisa a mais, nas entrelinhas. Preciso ler outra vez. (LEND) Querido pai...

ROGÉRIO - Hoje amanheceu um dia belíssimo. O céu está tão azul que a gente tem vontade de cortar um retalho e guardar para alegrar os olhos nos dias sombrios. Continuo sendo tratado por todos com a maior consideração e o melhor carinho. Já conheci, na companhia de Felipe, todos os pontos interessantes da cidade e agora tenho parado muito mais em casa. O jardim do padrinho parece um conto de fadas e a gente se esquece do mundo quando se encontra no meio dele, entre flores e pássaros. Um paraíso verdadeiro. Felipe, como sempre, ótimo ciclerone e muito bom camarada. Creio que viremos a ser verdadeiros amigos, tal como o senhor desejava. É um rapaz de excelente caráter, ótimo coração, de uma solicitude sem limite e de uma educação verdadeiramente admirável. Não sabe o que fazer para proporcionar - me distrações. Irene desdobra-se como dona de casa, procurando fazer tudo que me agrada e excedendo-se em gentilezas e cuidados. É uma moça inteligente e ainda bonita. Mas a flor da família, inquestionavelmente, é Isabela, a ca

çula. Muito viva, graciosa e bela, parece que ilumina tudo, quando chega. Veste-se com muita simplicidade e elegância, tal como devem fazer as mulheres requintadas. Outro dia a surpreendi cantarolando um trecho da Manon; queria que o senhor pudesse ouvir a beleza da sua voz. Pena que o padrinho não quer que ela aprenda canto, com medo de que se possa entusiasmar e desejar ser cantora, o que ele jamais consentiria. Isabela é uma moça triste e isto é profundamente lamentável. Parece-me cansada da vida de restrições que tem vivido aqui dentro e ansiosa por experimentar um outro gênero de vida. Talvez com um pouco mais de liberdade e especialmente de convivência com outras pessoas, além do pai e dos irmãos. Não me cabe aqui analisar o método empregado por meu padrinho, mas parece-me que ele se tem excedido nos rigores. E o triste é que não se tem o direito de dizer nada a ele. Tomaria como desrespeito, o que, no fundo, não deixa de ser, realmente. Tenho conversado muito com ela, ultimamente, e sempre procurando incutir-lhe confiança nos dias do amanhã. Si eu pudesse, faria qualquer coisa para alegrá-la. Face à hora do jantar, que se aproxima, devo terminar por aqui a minha carta. Dentro de dois ou três dias, voltarei a escrever-lhe. Receba o meu afeto e o meu beijo filial.

HERCULANO - Do sempre seu Rogério. (PAUSA) Ele me parece por demais impressionado com a tristeza de Isabela. Isso é bom sinal. É sinal de que está um pouco esquecido da sua própria tristeza. Não há como uma viagem para se curar mal de amor. Aposto que a próxima carta já me trará uma confissão a respeito de Isabela. É uma moça assim que eu desejo para Rogério. Que possa ser um nome à altura do seu. Casamentos em classes desiguais originam, sempre, grandes choques e a maioria deles irremediáveis. Vou escrever ao meu filho, dizendo-lhe que vá ficando por lá o tempo que desejar.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E quasi ao mesmo tempo que, lá no norte, seu Herculano recebia a carta do filho, aqui, no sul, o Padre Leonel recebia também uma outra carta que lhe vinha de Atibaia. O carteiro, como de hábito, gostava de pedir-lhe a bênção, sempre que havia uma carta a entregar-lhe e por esta razão lá estava sentado, na sacristia, esperando que o sacerdote chegasse de uma das suas missões junto a paroquianos. E ao fim de um certo tempo de espera, quando viu que o sacerdote se aproximava...

OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRAÇÃO.

CARTEIRO - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, padre Leonel.

LEONEL - Para sempre louvado seja, Onofre.

CARTEIRO - Trago-lhe uma carta urgente de Atibaia.

LEONEL - Eu já estava a espera desta carta há vários dias.

CARTEIRO - Se quer abrir e ler, eu espero.

LEONEL - Embora a carta tenha vindo urgente, não há de minha parte tanta urgência. Já sei o que ela me traz. Mas vamos sentar. Eu estou cansado da caminhada que fiz.

CARTEIRO - O senhor precisava de um automóvel.

LEONEL - Você diz isto porque não sabe o que custa um carro hoje. Com o dinheiro dele, quanta gente eu poderia ajudar que anda passando miséria.

CARTEIRO - Mas também com um auto o senhor poderia atender a um número muito maior de paroquianos num só dia.

LEONEL - Concordo, mas muito pouca gente acreditaria que adquiri o automóvel em função dos paroquianos; a maior parte não teria dúvidas em afirmar que o teria feito para a minha própria comodidade.

CARTEIRO - Bem, isso a gente já sabe que é assim mesmo e deixa pra lá, não liga.

LEONEL - Mas eu podendo evitar de envolver o meu nome em qualquer comentário, evito sempre. Um sacerdote precisa zelar, antes de tudo, pelo seu próprio nome. Não pode deixar que ele ande a rolar, por aí, na boca dos maldizentes. É a maneira de evitar, qual é? É não dando motivo para comentários. Por isso prefiro andar pendurado nos ônibus e nos bondes. Acho melhor.

CARTEIRO - Bem, padre Leonel, a sua carta está entregue, já dei, com o senhor, a presença que desejava, já recebi a sua bênção que para mim é muito importante e agora vou me pôr a caminho, que tenho todo este monte de cartas para entregar, antes que o sol se ponha.

LEONEL - Então vai com Deus, meu filho. Cumpra o teu dever e um bom anjo de guarda te acompanhe.

CARTEIRO - Amen, padre Leonel. Até outro dia, se Deus quiser.

LEONEL - Até outro dia, Onofre.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO.

LEONEL - Bem, e agora vamos ver que notícias me manda o padre José Maria.

C/REGRA - RASGAR ENVELOPE. RETIRAR PAPEL. DESDOBRAR.

LEONEL - Meu muito prezado irmão em Jesus Cristo.

JOSE M. - Ontem, precisamente à hora em que os sinos tocavam as Ave Marias, eu dava extrema unção à dona Laurita, minha estimada paroquiana de quem já

lhe falei em minha carta anterior. Ao espirar, a virtuosa senhora entregou-me sua filha Jeny, para que a levasse a residir na companhia da tia, já que, segundo sua carta em meu poder, ela concordou em tomar conta da menina. Sua intercessão foi de grande valia para a pobre morta e eu ouvi, de seus lábios moribundos, palavras de agradecimento ao bondoso sacerdote -- no caso o meu irmão em Jesus Cristo -- que lhe proporcionava um grande alívio ao seu torturado coração de mãe. A menina deve seguir para aí na próxima semana, em companhia de um piedoso casal que se prontificou a levá-la e entregá-la ao irmão. Prepare-se, portanto, para recebê-la e encaminhá-la ao seu destino. Ela está profundamente chocada com a ausência da mãe e nota-se, em suas palavras, uma grande revolta. Será preciso ter-se paciência e tolerância com ela. De minha parte agradeço-lhe muito sinceramente o serviço que me prestou e espero em Deus poder, um dia, retribuir tão grande favor. Do irmão em Jesus Cristo...

LEONEL - (LENDQ) Padre José Maria. (TOM) Bem... terei que novamente enfrentar dona Lucinda para participar-lhe a próxima chegada da menina. Deus queira que dê tudo certo.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - No dia seguinte, depois de cumpridos os seus deveres religiosos da manhã, o padre Leonel tocou-se para a mansão de dona Lucinda, como sempre temeroso, no fundo, pela recepção que lhe faria a voluntariosa senhora. Momentos depois, estava ele sentado na sala de visitas, olhando a mobília dourada, os jarrões de Sèvres, os gobelins das paredes e aguardando o momento em que daria cumprimento à sua missão. Depois de uma espera de uns dez minutos, aproximadamente, dona Lucinda deu entrada na grande sala. E após os cumprimentos de estilo, o Padre Leonel deu, finalmente, entrada no assunto.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

LEONEL - Recebi carta de Atibáia, dona Lucinda e é isto que me traz aqui.

LUCINDA - (DURA) Ela já morreu?

LEONEL - Já, sim senhora.

LUCINDA - Deus dê paz à sua alma.

LEONEL - Que assim seja, pobresinha. O Padre José Maria conta-me que ela sofreu muito. Mas conta-me, também, que morreu aliviada, sabendo que a filha viria para a sua companhia.

LUCINDA - O senhor mandou-lhe dizer isto, Padre Leonel?

LEONEL - Claro que mandei, dona Lucinda. Pois não foi o que conversamos aqui, eu e a senhora?

LUCINDA - Eu disse ao senhor que a menina viria para a minha companhia?

LEONEL - (APLITO) Pois então não se lembra? Eu lhe disse que sua irmã estava muito mal e desesperada ~~por ter~~ *que* deixar uma filha menina-moça, sózinha neste mundo de Deus. E a senhora concordou em recolher a *coitadinha*.

LUCINDA - Pode ser que isto tenha acontecido. Não me lembro. Mas de qualquer forma o que desejo dizer ao senhor é que a menina não virá para a minha companhia.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

LEONEL - Mas dona Lucinda, não pode ser! A senhora concordou. Eu mandei dizer à sua irmã. Padre José Maria agora me escreve que ela vem aí...

LUCINDA - Nada disto interessa. O que interessa é que ela não ficará comigo.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA

FIM DO 17º CAPÍTULO.

03.11.
2011

18º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - O Padre Leonel recebera uma carta do seu colega de Atibaia, comunicando-lhe que Jeny, a sobrinha de dona Lucinda, cuja mãe acabara de morrer, seguiria em companhia de um casal amigo para ir morar com a velha tia que já criara sua mãe como filha, em face da grande diferença de idade entre as duas. Mais tarde, contrariada em seu casamento, Laurita fugira de casa, rompendo definitivamente as relações com a irmã mais velha, mas voltando a apelar para ela no instante de morrer, desesperada por ter que deixar sua filha ao abandono. Quando o padre Leonel veio fazer o apelo em nome da moribunda, dona Lucinda, depois de uma certa resistência, acabou por concordar em receber a mocinha e encarregar-se da sua educação. Mas quando ele voltou, para comunicar-lhe a sua próxima chegada, teve um choque terrível.

OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRAÇÃO.

LUCINDA - Eu disse ao senhor que a menina viria para a minha companhia?

LEONEL - (AFLITO) Pois então não se lembra? Eu lhe disse que sua irmã estava muito mal e desesperada por ter que deixar uma filha, menina-moça, sózinha neste mundo de Deus. E a senhora concordou em recolher a coitadinha.

LUCINDA - Pode ser que isto tenha acontecido. Não me lembro. Mas de qualquer forma, o que desejo dizer ao senhor é que a menina não virá para a minha companhia.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

LEONEL - Mas dona Lucinda, não pode ser! A senhora concordou! Eu mandei dizer à sua irmã. Padre José Maria agora me escreve que ela vem aí...

LUCINDA - (CORTE) Nada disto interessa. O que interessa é que ela não ficará comigo.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SUSTO, ANTERIOR.

LEONEL - Mas dona Lucinda, pelo amor de Deus!... Lembre-se da conversa que tivemos!

LUCINDA - Eu é que lhe digo, Padre Leonel: lembre-se da conversa que tivemos. Eu não lhe disse que tinha um neto já talado e que considerava um perigo trazer para a casa, agora, uma mocinha?

LEONEL - Bem, a senhora disse, mas eu lhe dei a ideia de botá-la num colégio interno e a senhora concordou.

LUCINDA - É eu, por acaso, estou dizendo que não vou botá-la? O que disse é que

aqui, na minha casa, não a quero.

LEONEL - Mas nesta época de fim de ano a senhora não consegue nenhum colégio interno que a receba.

LUCINDA - Não faz mal. Ela irá para um pensionato, com ordens expressas de não sair à rua, até que volte o período letivo.

LEONEL - Vai ser um sacrifício muito grande para a coitadinha. No interior, geralmente, as moças são criadas com uma certa liberdade.

LUCINDA - Mas aqui na cidade, principalmente uma moça do interior não pode viver em liberdade. Corre todos os riscos presumíveis e mais os que não se presumiu.

LEONEL - Compreendo e não lhe tiro a razão, dona Lucinda, o que estou dizendo é que ela, com certeza, vai extranhar muito. Em cidade pequena todo mundo se conhece e a moça sai muito. Vai muito à casa dos vizinhos, das amigas... vai sózinha para compras, para a igreja, para toda a parte, enfim.

LUCINDA - E o senhor acha que ela pode fazer isto aqui?

LEONEL - É evidente que não.

LUCINDA - Então de nada adianta estar, agora, a lamentá-la. Ela não terá outro remédio senão sujeitar-se ao regime de clausura. Aos domingos poderá vir almoçar aqui em casa e passar a tarde. Antes da noite Abigail irá levá-la de volta ao pensionato, porque também não gosto que minha nora ande sózinha na rua, depois que a noite cá. (TOQUE) Quando é que o senhor acha que ela deverá chegar?

LEONEL - Deve ter saído de lá hoje. Pelos meus cálculos, dentro de cinco dias, no máximo, estará aqui conosco.

LUCINDA - Aqui, não. Ela já irá diretamente da estação ou do cais para o pensionato. Não sabe como é que ela vem?

LEONEL - Não sei. Mas seja como for, o casal, certamente, irá levá-la à minha casa.

LUCINDA - Que casal?

LEONEL - Pois eu nem cheguei a dizer à senhora. Fiquei tão estonteado que me perdi pelo caminho. Ela vem na companhia de um casal amigo do padre José Maria. Esse casal não sabe onde a senhora mora, como o Padre também não sabe. Logo... só poderá dirigir-se a mim.

LUCINDA - Pois então o senhor já fica sabendo, nada de trazê-la para a minha casa. Dentro de dois dias, no máximo, terei tratado o pensionato e lhe mandarei o engenho. Da sua casa, ela irá diretamente para lá.

LEONEL - Está bem, dona Lucinda, tudo será feito como a senhora determinou. E se

eu poder ajudá-la a procurar o pensionato que deseja, estou, desde já, ao seu inteiro dispor.

LUCINDA - Obrigada. O senhor é um homem bastante ocupado. Não seria justo que lhe dessem mais este encargo. Abigail fará isto para mim. Não lhe custa nada. Ela não tem quasi nada para fazer aqui. Vai ser até uma distração.

LEONEL - Está bem, dona Lucinda, fico então aguardando o seu pronunciamento, dentro de tres ou quatro dias, no máximo, pois depois disto já a menina deverá estar chegando.

LUCINDA - Não se preocupe. O senhor receberá as instruções precisas no devido tempo.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - E o padre Leonel retirou-se, deixando dona Lucinda com o seu característico vinco de contrariedade na testa, já bastante enrugada pelo passar dos anos. A um sinal da velha senhora, a empregada acompanhou o padre até a porta, ficando ela sentada onde estava, por alguns momentos. Embora não tivesse deixado transparecer um só instante, no fundo de sua alma a tristeza fazia com que ela revolvesse o passado e voltasse a encontrar sua irmã e filha, muito mais filha do que irmã, que se afastara dela por rebeldia e a quem ela poderia ter proporcionado não apenas um consolo mas uma grande alegria, se tivesse ido procurá-la no instante final de sua vida. Mas isto seria capitular diante do sentimentalismo. Seria uma fraqueza. E ela precisava mostrar aos demais que era forte. Não. Ela não deveria se arrepender. Fizera, exatamente, o que tinha que fazer. Levantou-se, sacudiu a cabeça, como que para afastar os maus pensamentos e abandonou a sala de visitas, indo em procura de sua nora. Nesse meio tempo, Otávio e Abigail, longe da casa, conversavam sentadas num banco do jardim.

OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRAÇÃO. PÁSSAROS CANTANDO.

LUIZ - Eu estou desesperado, mãe! Não atino mais a estudar, não durmo direito, não como, não saio, não vivo.

ABIGAIL - Eu estou vendo, meu filho. Não precisa que você me diga. Sinto que emagrece a cada dia que passa.

LUIZ - Já são decorridos dez dias e eu não consigo voltar a falar com Isabela. Já não sei mais o que hei de fazer.

ABIGAIL - Você não pode fazer nada, meu filho. Infelizmente não lhe resta outro recurso senão esperar que surja uma oportunidade.

LUIZ - Isto a senhora me diz todos os dias e todos os dias eu repito a mim mesmo, mas já não consigo convencer-me.

ABIGAIL - Mas você não deve desanimar, meu filho. Se isto acontecer, vai ser muito pior. O que não tem remédio, remediado está. Você precisa se revestir de paciência e esperar. Você já sabe que é, apenas, uma questão de oportunidade, portanto não...

LUIZ - (CORTE) Não, não sei. É isso que me desespera.

ABIGAIL - Como?! Você não sabe?! Mas meu filho e por que há de ser mais? Uma moça que não sai de casa, que não vai a parte alguma, que não convive absolutamente com outros rapazes...

LUIZ - Que não convivia. Presentemente já não é o caso.

ABIGAIL - Como assim, meu filho? Juro-lhe que não estou entendendo.

LUIZ - Eu explico. Há mais de uma semana que existe um rapaz de fora hospedado aí. Vejo-o entrar e sair, todos os dias, com o ~~meu~~ irmão de Isabela. É um rapaz bem apenado e que pode, perfeitamente, entusiasmar uma moça da idade dela. Eu posso estar calmo, diante disto? Eu posso estar tranquilo, não mãe? De modo nenhum.

ABIGAIL - (SORRINDO) Ah, bem... agora estou compreendendo tudo. Você está se ralando de ciúmes e eu também estou vendo nesse rapaz um entrave aos encontros de la com você, mas por um motivo diferente daquele que você vê.

LUIZ - Que outro motivo poderá ser, minha mãe, senão aquele que eu vejo?

ABIGAIL - Com um rapaz hospedado em casa, uma moça não pode sair do seu quarto durante a noite, sem correr o risco de ser mal interpretada até mesmo pelo hóspede. Agora já não me preocupo mais. Tenho certeza de que o motivo é este e assim que ele for embora tudo recomeçará, como antes.

LUIZ - Mas eu não sei quanto tempo esse diabo vai permanecer aí e não resistirei ficar mais uma outra semana inteira sem ver e falar com Isabela. Corra os riscos que correr, amanhã vou fazer qualquer coisa para falar com ela.

ABIGAIL - Não, meu filho, pelo amor de Deus! Você pode botar tudo a perder. Não se precipite. Tenha calma.

LUIZ - Mais calma do que tenho tido não é possível ninguém ter. Olhe que são dez dias de ausência a mais completa. Nem uma palavra, nem um bilhete, nem um sinal... nada... nada... é exasperante, minha mãe! A senhora não sabe!

ABIGAIL - Você é que pensa que eu não sei. Esperei meses, não foram dias nem horas. Meses inteiros sem uma notícia, sequer, enfrentando os mesmos problemas que você. Pensa que sua avó foi fácil de deixar? Não sei como tive forças para conquistá-la. O seu pai era muito mais obediente e dependente. Se persisti

foi mesmo porque o amava.

LUIZ - Mãe, ajude-me, por favor! Pense numa coisa que se possa fazer. Eu estou desesperado!

ABIGAIL - E você pensa que eu também não estou, vendo-o desse jeito? E quem está do jeito que nós estamos não pode pensar nada razoável. Vamos procurar acalmar-nos para depois poder pensar em alguma coisa.

LUIZ - Eu já pensei em me fingir de vendedor de livros, ou de propagandista de qualquer artigo doméstico, ir lá, bater na porta e pedir para falar com as moças da casa. Podia ser que ela viesse me atender.

ABIGAIL - Você não pode fazer isto, meu filho. Vamos que seja reconhecido. Já penso na situação que você irá criar para a moça? Antes, então, ir eu - que a mim é muito menos provável que elas conheçam - e levar um bilhete seu escondido dentro de um livro, ou de uma caixinha de verniz de unhas, por exemplo...

LUIZ - Ótimo, mãe! Aí está uma ideia genial! Quando é que a senhora vai me fazer isto? Hoje?

ABIGAIL - Não, meu filho, não podemos fazer as coisas no ar. Temos que estudar a ideia, antes de pô-la em prática.

LUIZ - Mas estudar o que? Se ela já foi planejada aqui num instante?

ABIGAIL - Espere, rapaz, você está nervoso. Preciso de um pretexto para sair de casa preciso ver que coisas irei oferecer. Onde conseguirei essas coisas. Onde as deixarei, no momento de voltar para casa... Tudo tem que ser previsto, meu filho.

LUIZ - Pois eu já vejo tudo muito simples. A senhora aluga um peruca de tranças, veste-se modestamente. Enche a sua frascueira de vernizes de unhas de vários tipos e cores. Pode até fazer um sotaque qualquer na sua voz e pronto. Parte lá, pede para falar com as moças e depois tudo vai depender da sua habilidade. E para justificar a sua saída, aqui, a senhora pode inventar uma dor de dente.

ABIGAIL - Vejam só como o amor opera milagres. Você que nunca teve habilidade para inventar histórias, num momento preparou uma aqui capaz de convencer a pessoa mais desconfiada.

LUIZ - Como é, mãe, a senhora faz isto hoje, para mim?

ABIGAIL - Hoje não. Quero ainda pensar esta noite.

LUIZ - Mas pensar em que?

ABIGAIL - Quero amadurecer bem o plano... pensar nos detalhes... Talvez tenha, até, que comprar um vestido, que não esteja nenhum dos meus que pode ser conhecido. Comprar também uns óculos escuros, que é uma coisa que confunde muito.. Nada disto eu poderei fazer hoje.

LUIZ - Mas pelo menos amanhã a senhora me promete que faz isto?

ABIGAIL - Em princípio, sim. Mas tudo vai depender das circunstâncias na hora. (TOA)
Ali vem o Leocádio. Parece que estava à nossa procura.

LUIZ - Tomara que ele não tenha descoberto mais nada novo aí pelo jardim. Vive procurando coisas para fazer fofocas.

ABIGAIL - Coitado! Não é bem assim, meu filho.

C/REGRA - PASSOS DE LEOCÁDIO NO ARREDO DO JARDIM, SE APROXIMANDO.

ABIGAIL - Estava à nossa procura, Leocádio?

LEOCÁDIO - (CHEGANDO) Tava, dona. A patrona precisa falar ca senhora com toda a urgência. Mandou pedir pra senhora ir lá agora mesmo.

ABIGAIL - (MEIO TOM) Meu Deus!... Que será?!...

OPERADOR - MÚSICA PARA INTERVALO DO MEIO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MEIO.

OPERADOR - MÚSICA PARA TRILHA DA 2ª PARTE. - FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Diante daquele chamado inesperado de dona Lucinda, Abigail saiu quase correndo ao encontro dela, com o coração batendo de medo e curiosidade ao mesmo tempo. Disse apenas ao filho que depois se falariam e deixou-o na companhia de Leocádio que não soube adiantar nada à curiosidade de Luiz Otávio. Quando a moça já se aproximava do terraço da casa, avistou sua sogra sentada na poltrona de vime, numa atitude e expressão de quem está profundamente contrariada. Chegou visivelmente cansada pela rapidez com que procurara atender ao chamado da sogra. Sentou-se numa outra poltrona em frente à dela, olhando-a com incontida curiosidade. E a sogra falou.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA EM FUNDO.

LUCINDA - Acabo de ter uma notícia profundamente desagradável para nós.

OPERADOR - ACORDE DE BUSTO. MÚSICA DE SUSPENDE EM FUNDO.

ABIGAIL - (A MEDO) Desagradável? Que será, meu Deus?!

LUCINDA - Minha sobrinha Jeny deve chegar dentro de quatro ou cinco dias e eu não quero hospedá-la aqui em casa.

ABIGAIL - Sua sobrinha?! A filha de dona Laurita?

LUCINDA - Ela mesma. Laurita morreu e mandou me pedir para tomar conta dela.

ABIGAIL - Coitadinha! Ficou só no mundo a menina?

LUCINDA - Só no mundo é maneira de dizer-se. Quem tem uma tia que se dispõe a pagar os estudos da sobrinha é porque ela não está só no mundo.

ABIGAIL - Sim, é claro. Ela ainda tem a sorte de ter a senhora. Mas a senhora não quer hospedá-la em sua casa, por que?

LUCINDA - Por uma série de razões, das quais a principal é ser o meu neto um moço e ela uma menina do interior que a gente não sabe de que maneira foi criada. Admitamos que seja uma dessas assanhadas e provocantes?

ABIGAIL - Seu neto é um rapaz bem educado, de bons princípios, jamais seria capaz de valer-se da fraqueza de uma prima, se é que ela fosse assim como a senhora teme.

LUCINDA - De qualquer maneira, seguro morreu de velho. Mais vale prevenir do que remediar. As mulheres de minha família sempre souberam querer as coisas. Por isso mantenho-me irredutível no meu ponto de vista e preciso que você me ajude a resolver a situação que se criou, Abigail.

ABIGAIL - Pois não, minha sogra, estou pronta a ajudá-la. Em que lhe posso ser útil?

LUCINDA - Quero que você, amanhã, me procure um pensionato, onde ela possa ficar hospedada até ao início do ano letivo, quando passará para um colégio interno. Não faço questão de preço. Quero é que as freiras me prometam uma série de coisas que se fazem necessárias para que ela possa permanecer tranquila.

ABIGAIL - E que coisas serão essas, dona Lucinda?

LUCINDA - Não deixar que ela saia, sinão quando você ou eu formos buscá-la. É a primeira condição. Não deixar que ela converse com ninguém na porta ou nas janelas do pensionato. Não deixar que atenda telefone, nem que receba visitas outras, além de nós duas. E outras coisas mais que você vai levar por escrito para que elas se deem a garantia de que não serão feitas.

ABIGAIL - Eu não sei se será fácil encontrar um pensionato que receba uma moça com tantas exigências, em todo o caso não me custará procurá-lo e amanhã prometo à senhora que darei início à procura. Sei de uns dois ou três e estes, por sua vez, talvez me inculquem outros.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FIM DO ATO. - FIM

NARRADOR - Assim que pôde desatigar-se da sogra, dona Abigail correu ao jardim, afim de dar ciência ao filho de tudo quanto acabara de saber. Ele também deveria ter ficado nervoso e preocupado - era preciso acalmá-lo o quanto antes, pois, ao ponto em que chegara, não seria difícil que pudesse cometer

alguma imprudência que puzesse tudo a perder. Ele estava no mesmo lugar em que ela o deixara e a novidade serviu para afastá-lo, por alguns momentos, das suas preocupações. E enquanto isto acontecia, do outro lado do muro de pedra...

OPERADOR - SUSPENDER MÚSICA DE NARRAÇÃO. - PASSAROS CANTANDO.

IRENE - Foi bom que a encontrei aqui no jardim. Desejava mesmo falar-lhe longe de casa.

ISABELA - (IRONIA) É difícil você me encontrar, não é mana? Você nunca sabe por onde eu ando.

IRENE - Por que essa ironia, agora?

ISABELA - Porque você vive me espiando. Sabe, perfeitamente, onde eu estou, a qual quer hora do dia. E da noite também.

IRENE - Não faço mais do que protegê-la, como que irmã mais velha, que sou, procurando evitar suas levandades. E se isto a desagrada, perdoe-me, mas não posso deixar de cumprir as ordens que recebo de nosso pai.

ISABELA - Se papai tivesse conhecimento da metade do que você faz em nome dele, com certeza haveria de se surpreender e muito.

IRENE - Bem, mana, não percamos nosso tempo em discussões estéreis porque eu não modificarei minha maneira de ser com referência a você. Sinto-me na obrigação de cuidá-la e protegê-la e ninguém me fará pensar de modo diferente.

ISABELA - Como se eu fosse uma menina ingênua que não soubesse aquilo que faço. Não se esqueça que vou fazer vinte tres anos, dentro de dois meses.

IRENE - Eu tenho mais oito anos do que você, portanto muito mais prática da vida e maior conhecimento da maldade humana. Mas vamos ao que verdadeiramente interessa, no momento. Eu queria falar com você sobre Rómrio.

ISABELA - Que tem ele?

IRENE - Você o trata com uma rispidez que não se justifica, Isabela.

ISABELA - Não faço mais do que procurar defender-me. Só isto.

IRENE - Mas defender-se de que, Isabela?

ISABELA - Daquilo que você, e todos aqui, desejam que aconteça. Ele não me interessa e eu não quero que se iluda a meu respeito. Tratando-o secamente, como o faço, esterei pondo entre nós também um muro de pedra. Si era isso que desejava saber, aí o tem.

IRENE - Mas ele é nosso hóspede. você não pode tratá-lo do jeito que o faz. Ele terá razão de dizer ao pai, mais tarde, que não foi bem tratado em nossa casa.

ISABELA - Não me interessa que ele possa dizer isto, interessa-me é que ele não me diga o que não desejo ouvir.

IRENE - Você não ignora que papai faria muito gosto em que vocês se entendessem.

ISABELA - Concorde em que papai se oponha a determinados casamentos, mas nunca que imponha outros que sejam do seu agrado.

IRENE - Você está diferente hoje, Isabela. Nunca a vi assim tão agressiva. Que se passa com você?

ISABELA - Estou cansada de ser manejada como um fantoche, Irene. Quero ser eu mesma. Viver por mim mesma. Pensar com a minha cabeça, amar pelo meu coração. Entendeu? sobretudo isto: amar pelo meu coração.

IRENE - Você ao menos reparou em Rogério? Viu que rapaz galante ele é? Aposto que nem olhou direito para a cara dele. Pegou-o de implicância e bastou.

ISABELA - Não, Irene, não o peguei de implicância. O que aconteceu foi simplesmente o seguinte: ele chegou quando o meu coração já não me pertencia mais.

IRENE - Você está louca! Bem sabe que o que deseja, nunca será possível.

ISABELA - O que não me impedirá de lutar, sempre. A não ser que ele, um dia, me despreze. Ai, então... não me restará outro recurso senão procurar esquecê-lo. E se não o conseguir, só me restará o recurso extremo de morrer de amor.

IRENE - Você está louca. Não sabe o que diz. Melhor seria que considerasse as coisas como uma mulher feita que é e não como uma menina de quatorze anos.

ISABELA - A idade não conta, quando é o coração que comanda nossos atos. Ele é soberano e absoluto. manda e temos que atendê-lo. Você não sabe porque nunca amou.

IRENE - Você é que pensa. O que tenho, mais que você, é juízo e coloco as conveniências e o respeito à vontade de papai, acima dos entusiasmos do amor.

ISABELA - Quem coloca qualquer outra coisa acima do amor é porque não o sente de verdade. Quem ama não mede e não compara. Ama, simplesmente.

IRENE - Se você soubesse o pouco que os homens merecem de confiança, não se daria tanto a um deles.

ISABELA - (SORRISALTO) Por que diz isso?

IRENE - Porque sei que as principais características do homem são a hipocrisia e a mentira. É pobre da mulher que confia neles cegamente. Está a dois passos da desilusão, quando não do desespero.

ISABELA - Sabe o que mais, mana? Eu vim me sentar um pouco aqui no jardim para descansar ~~XXXXXXXXXX~~ a minha cabeça tão cheia de atribulações. Você me segue e vem envenenar ainda mais os meus pensamentos? Beixo-a. Prefiro estar só. Siga-me de longe, se deseja continuar cuidando-me.

OPERADOR - ENTR. COM MÚS. C. DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Isabela saiu depressa, como que evitando que a irmã pudesse alcançá-la, e embrenhou-se no meio dos canteiros do imenso jardim, ansiosa por ganhar distância e fugir da vista de Irene. Mas esta não a seguiu. Ficou sentada pensando nas coisas que a irmã acabara de lhe dizer e uma frase soava mais forte como que a adverti-la o caminho a tomar.

ISABELLA - (VOZ DE SOPRO) Nada me impedirá de lutar sempre. A não ser que ele um dia me despreze. Ai, então, não me restará outro recurso, senão procurar esquecê-lo.

NARRADOR - Sim, era isto que ela precisava fazer constar: que ele a tivesse esquecido por outra. Mas como? Uma ideia assaltou-lhe o cérebro. Os homens são vaidosos. Ao saberem-se preteridos, buscam logo mostrar que não se importaram nem sofreram e a primeira coisa que fazem é apresentarem-se ao lado de outra mulher, fingindo uma felicidade que estão bem longe de experimentar. Imediatamente correu à casa, escreveu umas linhas e, antes que o sol se puzesse, subiu ao muro de pedra, num recanto isolado do jardim. Ninguém do outro lado. Tudo quieto. Tudo vazio. De repente ela avistou, ao fundo de um alameda, um vulto que caminhava devagar na direção do muro. Ficou a espreitá-lo. Era o preto Idalino que se aproximava, trazendo nas mãos uns galhos de erva de chá. Ele ia passar sem ver a moça, mas ela o chamou.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚS. C. DE NARRAÇÃO. DE VEZ EM QUANDO UM GRITO DE PÁSSARO EM 3º PLANO. UM SINO DE IGREJA TAMBÉM AO LONGE, EM MEIO DA CONVERSA.

IRENE - Faça o favor... o senhor é empregado da casa?

IDALINO - (SEMPRE EM 2º PLANO) Sou, sua dona. Criei eles tudo, bem dizê.

IRENE - O senhor seria capaz de me prestar um grande favor?

IDALINO - Di certo que sou, ariessa. Dêis que a sinhá sua precise, sabê que ela num gosta.

IRENE - Não. Ela não só não precisa, como não deve saber. Eu queria fazer chegar um bilhete às mãos do senhor Luiz Otávio, será que eu poderia confiar em que o senhor o entregaria?

IDALINO - Di certo que entrego, sua dona, ariessa. E logo pro sinhózinho...

IRENE - Pois então eu vou lhe jogar este envelope, o senhor vai escondê-lo e assim que puder entregue-o nas mãos dele; combinado?

IDALINO - Tá, sua dona. Pode ficar adescansada que o nego véio faz tudo dereitinho. Logo depois da janta já eu dou um jeito de entregá pra ele.

IRENE - Muito obrigada, então e desculpe, sim?

OPERADOR - MIRA COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Irene sumiu atrás do muro e o preto Idalino encaminhou-se para a mansão, escondendo o envelope no bolso da calça. Ao chegar perto da casa avistou dona Abigail. Sabendo-a envolvida no assunto, achou de melhor alvitre passar o bilhete pelas mãos dela, para o que a chamou a um canto mais fechado pelos arbustos. Dona Abigail, como se seu coração de mãe lhe segredasse qualquer coisa, tremeu ao segurá-lo. Abriu-o e, ao inteirar-se do seu conteúdo, levou a mão ao coração, exclamando, pálida...

ABIGAIL - Meu Deus! E agora?!

OPERADOR - MIRA COM CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

FIN DO 18º CAPÍTULO.

03.11.2011

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Irene havia entregue um envelope ao preto Idalino, para que o fizesse chegar às mãos de Luiz Otávio. O preto velho, para que o mesmo chegasse mais depressa ao seu destino, achou de melhor alvitre mandá-lo por intermédio de dona Abigail que, cautelosamente, resolveu abri-lo. E ao tomar conhecimento do seu teor, sua fisionomia se contraiu, toda ela empalideceu, levando a mão ao peito e dizendo à meia voz...

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

ABIGAIL - (MEIA VOZ) Meu Deus!... E agora?!...

IDALINO - Alguma coisa ruim, sinházinha?

ABIGAIL - Boa não é. Quem foi que te entregou este bilhete, Idalino?

IDALINO - Pois foi a moça af do lado. Ela tava lá em riba do muro e me chamou, quando eu ia passando. Af eu cheguei mais perto e ela me perguntou si eu podia fazê um favô pra ela. Eu disse que podia, des que a sinhá num sabsesse e ela me deu o papé mode entregá ôle pro sinhozinho.

ABIGAIL - E qual das moças? Elas são duas,

IDALINO - Bão, agora a sinházinha me apeltô. Eu num cunheço bem elas pra dizê que essa ou aquela. Inda mais que ela tava só ca cabeça lá em riba do muro e os óio do nêgo véio já não alicança munto longe.

ABIGAIL - Idalino, eu vou te pedir um grande favor. Não fale nada para o meu filho sôbre êste bilhete.

IDALINO - A sinházinha num vai entregá ôle?

ABIGAIL - Por enquanto, não. Ele traz uma má notícia e eu preciso prepará-lo, primeiro. Você sabe o que diz este bilhete?

IDALINO - Como é que eu vou sabê, sinházinha? Nêgo véio num sabe lê.

ABIGAIL - Este bilhete diz que Luiz Otávio não procure mais Isabela porque ela vai tratar casamento com um rapaz que veio do norte especialmente para noivar com ela.

IDALINO - Misericórdia!... O sinhozinho vai morrer de paixão!

ABIGAIL - Você já pensou? De maneiras que eu vou começar a preparar o espírito dele, a partir de amanhã, para que êle não tenha um choque tão violento, quando vier a saber a verdade.

IDALINO - Coitado do sinhôzinho! Nem quero me alembra do que ele vai sofrer.

ABIGAIL - Bem que ele estava desconfiado com a ausência dela. Não compareceu ao encontro que combinaram e nunca mais deu jeito de se comunicar com ele. Como é que hoje, para mandar uma notícia ruim ela deu jeito? Ah meu Deus eu vou precisar de muita calma para convencer Luiz Otávio que a vida continua e que depois da tempestade, geralmente, vem a bonança. Ele não vai poder se controlar e o meu medo maior é que minha sogra acabe descobrindo tudo.

IDALINO - Inté parece castigo de Deus Nosso Sinhô, pelo caso dele tê disobidido a sinhá.

ABIGAIL - É mesmo, Idalino, até parece um castigo. Bem, mas eu tenho que voltar pra casa, antes que minha sogra me procure. E vou ter que inventar uma enxaqueca qualquer, antes que notem a minha depressão. Sim, porque eu sinto que estou completamente deprimida.

IDALINO - Entonce vai, sinhá. O nêgo véio fica por aqui mais um mucado e depois ele toma rumo.

ABIGAIL - Está bem, Idalino. Não vás esquecer, então: nem uma palavra a respeito deste bilhete, antes que eu tenha preparado o espírito de meu filho.

IDALINO - Num tem pirigo, sinhá, pode ficá adescansada.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E dona Abigail voltou para dentro de casa, esforçando-se por parecer natural, embora sua preocupação fosse imensa e bastante difícil de ocultar. Para prevenir-se da agudez de percepção de dona Lucinda, entrou queixando-se de dor de cabeça e foi diretamente ao armário de remédios, em procura de um comprimido. Mas o que efetivamente tomou foi uma dose de calmante, em vista do galope acelerado de seu coração, dentro do peito. Do outro lado, sentados no alpendre que dava para o jardim, o Conselheiro Epifânio conversava com Rogério e Felipe.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

EPIFÂNIO - Vocês não vão aproveitar a beleza da noite para dar uma volta até à cidade? Hoje deve haver muito movimento lá pelo centro.

FELIPE - Pois eu já convidei o Rogério, mas ele não está muito disposto a sair.

EPIFÂNIO - Que há com você, rapaz?

ROGÉRIO - Nada, padrinho. É que eu estou com preguiça de trocar de roupa. Prefiro ficar em casa à vontade.

EPIFÂNIO - Mas com essa roupa que está, você pode, perfeitamente, ir à cidade.

- FELIPE - Eu já disse isto a ele, mas ele acha que não...
- ROGÉRIO - Esta roupa está até lustrosa nas costas, já não dá sinão para andar em casa. Eu só usava nas viagens para o sítio, lá no norte. Papai nem queria que eu trouxesse, mas eu me lembrei dos dias de chuva e por isso botei na mala. Até já pensei em deixá-la para o seu Idalino ou o seu Leocádio.
- EPIFANIO - Eu já devo estar com a visão muito deficiente porque, pelo que posso ver, ela me parece muito boa. Não vou dizer que dê para uma festa, mas para sair dá perfeitamente.
- ROGÉRIO - Não, meu padrinho, não dá, não. É que o senhor está olhando a roupa como olha o afilhado: com extrema boa vontade.
- FELIPE - Por falar em boa vontade, o que é que você está achando dos versos do meu ex-colega de Faculdade? Não acha que é preciso uma certa boa vontade para aceitá-los?
- ROGÉRIO - Não acho isso, não. Não vou dizer que sejam versos excepcionais em beleza, ou qualidade, mas tem alguns que eu gostei tanto que até decorei. Quer ver? Conselho, por exemplo: "Ama a quem quer que seja e como seja, porem não vivas nunca sem amor, porque sem ele a vida não viceja, por falta de perfume e de calor. O amor traz a alegria que deseja o nosso coração com tanto ardor; levanta a planta humilde que rasteja, fazendo-a transformar-se em linda flor. Sem amor nossa vida é uma tortura, é um pélago profundo, é desventura, é um caudal de tristezas e de dor. Nada mais, tendo amor, a alma deseja. Ama, pois, a quem seja e como seja, porem não vivas nunca sem amor!"
- FELIPE - É, vejo que você gostou, realmente. Eu não sei... mas a mim os versos de le não chegaram a enternecer.
- ROGÉRIO - Eu acho que depende muito do estado de espírito com que a gente os lê; não acha, meu padrinho?
- EPIFANIO - É claro. O estado de espírito da criatura tem sempre grande influência em todas as coisas que ela faz. Ler um livro preocupado, por exemplo, é o mesmo que passar um atestado antecipado de que ele é massante ou incompreensível, quando na verdade somos nós que não estamos em condições de apreciá-lo ou de compreendê-lo.
- ROGÉRIO - Eu até vou pedir licença ao padrinho, um instante, e vou lá no meu quarto buscar o livro para devolver a você, antes que volte a me esquecer de trazê-lo. O senhor me dá licença; não dá, padrinho?
- EPIFANIO - Claro, afilhado, você está em sua casa.

C/REGRA - ARRASTAR CADLEIRA NA TIJOLETA, PASSOS, DESCER DEGRAUS, PASSOS SE AFASTAM NO PEDREGULHO.

FELIPE - (PARA 2º PLANO) Você não precisa trazer o livro agora; eu não tenho pressa em devolvê-lo.

ROGÉRIO - (AFASTADO) Mas é melhor, senão depois eu me esqueço.

EPIFANIO - O Herculano deve sentir-se orgulhoso do filho que tem. Que rapaz formidável! Que maneira fina, que educação! Até hoje não se sentou uma única vez na mesa sem gravata; você reparou?

FELIPE - É, sim. O Rogério é formidável, realmente. E o senhor sabe que ele está profundamente impressionado com Isabela?

OPERADOR - ACORDE DE ALEGRIA DISCRETA.

EPIFANIO - É mesmo, meu filho? Você tem certeza?!

FELIPE - Absoluta. Não reparou que ele agora não sai mais de casa à noite? Fica cuidando que ela desça, para acercar-se.

EPIFANIO - E ela, meu filho? Mostra-se satisfeita?

FELIPE - Não posso lhe responder nada com segurança, meu pai. Isabela nunca teve namorado, nunca foi procurada por rapaz algum... pode ser que a maneira dela, diante deles, seja esta. Um tanto fugidia, inibida, talvez... não sei... entusiasmada, se está, é intimamente porque não deixa transparecer nada. Nem entusiasmo, nem aborrecimento.

EPIFANIO - Seria o caso de aconselhar Irene a orientá-la. É mais velha, tem mais do que mim, mais experiência.

FELIPE - Que experiência, pai, si ela também nunca namorou? Acho que a única pessoa aqui, em condições de poder dar conselhos a Isabela é o senhor.

EPIFANIO - Mas você acha que eu posso fazer isso, meu filho? Não posso. Desço a uma intimidade que não me parece conveniente entre pai e filha.

FELIPE - Bem... eu digo porque se o senhor faz tanto gosto num namoro entre eles, talvez a sua opinião tivesse uma certa influência sobre as disposições de Isabela. Eu poderia, por exemplo, transmitir a ela a opinião do senhor, mas uma intervenção direta, de sua parte, teria muito maior repercussão no seu espírito.

EPIFANIO - Vamos esperar mais um pouco, para ver como param as coisas. Si ele persistir entusiasmado e ela arredia, pode ser que então eu me resolva a dizer-lhe qualquer coisa.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRACTO

NARRADOR - E naquela noite, mais ~~algumas~~^{três} pesseas aumentaram a ronda da vigília: Ida Lino e dona Abigail, - preocupados com o problema de Luiz Otávio e Isabela - e o Conselheiro Epifânio, alvoroçado pela esperança de poder casar uma de suas filhas com um rapaz exemplaríssimo como ~~se~~ mostrava ser Rogério. Foi preciso que a noite avançasse e o cansaço os vencesse, para que, finalmente, o sono os dominasse. O dia seguinte amanheceu tristonho e chuvoso. Dona Lucinda acabara de levantar da mesa do café quando vieram anunciar-lhe a presença do Padre Leonel. Ela foi recebê-lo, como sempre, de pé atrás. Depois das saudações habituais, o bom sacerdote puxou um lenço da batina, e esfregou-o no rosto e começou a falar, como de hábito, serenamente.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA DE NARRAÇÃO.

- LEONEL - Pois chegou, finalmente, a hora de vir anunciar-lhe a chegada de sua sobrinha, dona Lucinda. Ela deve chegar amanhã.
- LUCINDA - De manhã ou de tarde?
- LEONEL - Pelo horário do trem deveria ser de manhã, mas acontece que ele chega sempre com grande atraso, de formas que é muito raro chegar antes das três ou quatro horas da tarde.
- LUCINDA - O senhor irá esperá-la?
- LEONEL - Tenho que ir, uma vez que é a mim que ela vem recomendada. E justamente por isto estou aqui, agora, para saber o endereço do pensionato para onde devo levá-la.
- LUCINDA - Pois ainda não sei. Minha nora andou procurando, ontem, uma casa que a recebesse e não encontrou vaga em nenhuma delas. Hoje saiu, novamente, para procurar outros endereços que nos deram, mas até agora ainda não voltou.
- LEONEL - Nesta época ^{está} que parece mais fácil, é justamente quando se torna mais difícil encontrar-se lugar numa casa destas. As moças do interior que vêm passar férias aqui na cidade, ocupam todas as vagas.
- LUCINDA - Acredito que seja exatamente isto, porque todas elas quasi que garantem que ao fim do mês que vem já poderão receber a menina. Mas ao fim do mês que vem não nos interessa. Queremos agora.
- LEONEL - Então vamos fazer o seguinte, dona Lucinda: amanhã, antes de ir para a estação, eu passo aqui e a senhora me dá o endereço. Pode ser?
- LUCINDA - Talvez eu ainda possa mandá-lo hoje ao senhor. Vai depender, apenas, da hora em que a minha nora voltar.
- LEONEL - Mas se não for possível não se preocupe por causa disto. Nós vamos preci

sar mesmo desse endereço é amanhã.

C/REGRA - PASSOS DE ABIGAIL QUE SE APROXIMA.

LUCINDA - Olhe: parece que é minha nora que vem chegando.

ABIGAIL - Bom dia, padre Leonel.

LEONEL - Bom dia, apesar do tempo ruim.

LUCINDA - Então? Como é que se foi? Conseguiu alguma coisa?

ABIGAIL - Nada, minha sogra. Fui nos tres novos endereços que me deram e não encontrei vaga em nenhum deles.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

LEONEL - E agora? Que faremos, diante de uma situação como esta?!

LUCINDA - Não sei. O senhor não sabe de nenhuma das suas parocianas que queira me alugar um quarto? Não faço questão de preço.

LEONEL - Não sei, dona Lucinda. Infelizmente não sei de ninguém que pudesse servi-la nesta emergência. Penso que o remédio é deixar a menina vir mesmo para a sua casa, até segunda ordem. (PAUSA) E então? Qual é a sua última palavra?

LUCINDA - O que é que eu posso fazer, diante dessa embrulhada toda que o senhor me arranjou? Mas também vai ser por muito pouco tempo, porque assim que encontrar uma vaga num pensionato... ela vó para lá.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FORTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MEIO

OPERADOR - ABERTURA MUSICAL PARA 2.ª PARTE - FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Dona Lucinda, embora contrariada, não teve remédio senão aceder em que sua sobrinha viesse ficar na sua casa, até que se desse uma vaga em qualquer dos pensionatos da cidade. Ela procurava evitar a presença da menina, ~~uma~~ ~~XXXXXXXXXX~~ muito mais para se defender das dolorosas lembranças do passado, do que por qualquer sentimento de ódio ou de vingança. Dona Abigail e o padre Leonel estavam tão satisfeitos com o imprevisto que mal podiam dig farçar a sua alegria interior. O piedoso sacerdote, principiamente, já começava a ver em tudo aquilo o dedo de Deus colocando as coisas nos seus verdadeiros lugares. Levantou-se para sair e, já de pé...

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

LEONEL - Quer dizer, então, que posso trazer a menina para cá?

LUCINDA - Que vou fazer? Na rua não posso deixá-la.

LEONEL - Pode ser, até, que a senhora, convivendo com a garota, venha a gostar dela.

- LUCINDA - Não alimente nenhuma esperança a este respeito, padre. Minha irmã, com o seu tresloucado procedimento, fechou o meu coração para ela, para o marido e também para os seus descendentes.
- LEONEL - Os descendentes não têm a menor culpa, no caso.
- ABIGAIL - Eu também penso como o padre Leonel, dona Lucinda.
- LUCINDA - Mas eu penso da forma que já disse e ninguém me fará mudar de ideia.
- ABIGAIL - Claro, nem ninguém está dizendo isto para sugestioná-la, mesmo porque a senhora não é pessoa que se deixe sugestionar por ninguém. Seu filho sempre me dizia que não conhecia personalidade mais forte do que a sua. E é verdade. Digo isto com admiração, não pense que a critico. Quem sou eu para pretender criticar uma mulher do seu valor, meu Deus!
- LUCINDA - Você é uma pessoa que sabe honrar o nome que lhe deram e portanto uma mulher de valor também. Quem me dá que minha irmã - que Deus a tenha - pudesse ter sido como você!
- LEONEL - Deixemos a pobre morta descansar, dona Lucinda! Deus deve ter perdoado suas faltas, portanto a nós não nos cabe outra coisa senão imitá-lo.
- LUCINDA - Eu me lembro, perfeitamente, que uma vez o senhor me disse que "é doce perdoar." Mas quando se provou o fel da amargura, como Laurita me fez provar, não há doçura que faça desaparecer o seu amargor.
- LEONEL - Há, sim. É uma questão de boa vontade, de predisposição. É uma questão de lavar o coração com atos de generosidade, para que o fel não corra as coisas boas que inda podem ser salvas.
- LUCINDA - Padre Leonel, não perca o seu tempo e o seu latim. O senhor acabou de ouvir minha nora dizer que eu sou uma pessoa de forte personalidade. Quem é como eu sou, não se deixa sugestionar.
- LEONEL - A senhora vai me desculpar dizer-lhe uma coisa: o que a senhora é, dona Lucinda, é uma pessoa de uma altivez e de um orgulho - no eu não me lembro de haver conhecido outra.
- LUCINDA - Disse muito bem. Sou, em realidade, altiva e orgulhosa, mas sou porque tenho motivos para isto. Se pensou em atingir-me, enganou-se. Ninguém reconhece em mim, mais do que eu, estas qualidades ou defeitos, se quiserem.
- LEONEL - Defeitos, sim, dona Lucinda. A humildade, esta sim é qualidade.
- LUCINDA - Pois então sejam defeitos, mas não há de ser agora, depois que atravessei toda a vida com eles que hei de abandoná-los. E se o senhor me permite, vou me retirar da sala porque estou na hora de tomar o meu remédio para a memória. Abigail ficará fazendo sala ao senhor.

LEONEL - Não, obrigado. Não há necessidade de prender dona Abigail, eu também estou na hora de me retirar. Como sabe, meus compromissos são muitos e não me permitem o luxo de sentar-me a dialogar por muito tempo com pessoa tão fidalga e inteligente. Já demorei demais e peço-lhe desculpas por isto.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - O sacerdote se levantou e depois de apertar a mão das duas senhoras, retirou-se, dignamente, com a satisfação do dever cumprido. Ele sentia a ajuda de Deus, obrigando dona Lucinda a receber a sobrinha em sua própria casa e isto inundava o seu coração de alegria. Dona Abigail tentara também interceder - ele bem o percebera - mas recuara diante da reação da sogra, de quem ela guardava um enorme respeito. De todo modo, era uma ponta de lança a favor da menina, dentro da casa e isto era outra razão de alegria para o Padre Leonel. E enquanto isto acontecia do ~~lado de cá, no outro lado do muro de pedra, Irene conversava com seu pai, a respeito de Rogério e de Isabela.~~

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

IRENE - O senhor já deve ter percebido que Rogério está completamente encantado em Isabela. não percebeu, meu pai?

EPIFANIO - Para ser franco, embora desejasse muito, não tinha percebido nada, ainda, entre os dois, mas ontem, conversando com Felipe, ele me disse exatamente isso que você está me dizendo agora.

IRENE - Admira-me que o senhor não tivesse percebido, papai. É uma coisa tão flagrante que só não se apercebeu quem não prestou atenção.

EPIFANIO - É, deve ter sido isto que se deu comigo, então. E eu fico muito satisfeito porque considero Rogério um excelente moço e um ótimo partido. Além da finíssima educação, tem ainda, a seu favor, o nome de família e a fortuna que não deve ser pequena.

IRENE - Lástima é que Isabela não quer nada com ele.

OPERADOR - ACORDE DE PEQUENO SUSTO E GRANDE SURPREZA.

EPIFANIO - Como?!... Ela disse isto a você?

IRENE - Não, ela não me disse. Mas há coisas que não precisam ser ditas para que se as entenda. Esta é uma. Isabela se retrai de tal forma e foge tanto de encontrar Rogério que qualquer pessoa é obrigada a perceber. Ontem, ainda, chamei a atenção dela sobre isto. Lembrei-lhe que ele é nosso hóspede e que ela não lhe dá nenhuma assistência, como seria de seu dever, uma vez que é a noça da casa.

- EPIFANIO - Exatamente. Aliás você deveria conversar com ela e aconselhá-la a dar uma atenção especial ao Rogério. Ela talvez não tenha atinado que ele a procura com intenção de namorá-la.
- IRENE - Óra, meu pai, qual é a mulher que não atina logo com estas coisas?
- EPIFANIO - Mas sua irmã nunca teve namorado; talvez por isto...
- IRENE - Qual o que, meu pai, não creia. Ela já percebeu que ele a procura e justamente por isto é que foge dele. Naturalmente não se agradou do rapaz.
- EPIFANIO - Qual a moça que não se agradaria do meu afilhado? Um rapaz bem posto, inteligente, bem educado, amável, rico... tem tudo que uma mulher exigente possa desejar.
- IRENE - Pois é, nas muitas vezes um rapaz tem dezenas de coisas e não tem qualquer coisa que toque o coração de uma moça. É o caso de Rogério com Isabela. Ela não se entusiasmou com ele e evita-o. Por isso, vou dizer-lhe o que, no seu caso, eu seria capaz de fazer.
- EPIFANIO - Diga.
- IRENE - Chamaria Isabela, mostrar-lhe-ia todas as vantagens que o rapaz poderia oferecer-lhe e acabava obrigando-a a aceitar-lhe a corte e até a casar com trariada, se isto fôsse preciso.
- EPIFANIO - Mas como posso fazer isto, se o rapaz não me falou nada a este respeito? Só depois que ele me tenha dito que a ama, poderei exigir dela que o corresponda, antes, não.
- IRENE - Pois então aconselho-o a que, na primeira oportunidade, force-o a abrir-lhe seu coração.
- EPIFANIO - Mas como posso forçar uma coisa dessas, minha filha? Pense bem.
- IRENE - Óra, papai, eu quando digo force, não é no sentido de violentar, mas preparar a cama para que ele se deite, como se diz geralmente. Encaminhe o assunto para o casamento, diga que tem pezar das suas filhas não terem casado, fale especialmente em Isabela e pode ser que ele se anime a confessar-lhe a verdade. Ai, se isto chegar a acontecer, o senhor mostre logo a sua satisfação e a sua aprovação, prometendo-lhe interceder em seu favor. Depois disto, é só trabalhar junto a Isabela. Se o conselho não chegar a convencê-la, use a imposição. O que não se pode é deixar passar em branco uma oportunidade como esta.
- EPIFANIO - Sim, sim, você tem razão. Se a coisa não for normalmente terá que ir por outros meios.
- OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Do outro lado do muro de pedra dona Abigail vivia um dos dramas mais pungentes de sua vida. Sofria, terrivelmente, porque precisava matar, no coração do filho, um dos seus mais caros sentimentos. Tinha a sentença por escrito em suas mãos, ela lhe queimava os dedos e a pobre mãe não tinha coragem de desfazer-se dela para que não queimasse o coração do filho. Mas o tempo ia passando, ele cada vez mais desesperado com o silêncio e desaparecimento da moça e a situação não podia mais continuar como estava. Ela precisava fazer com que ele soubesse a verdade, sem que o seu sofrimento fosse violento demais. Naquele dia ela já tentara o seu objetivo três vezes e três vezes recuara. Agora, no jardim, estava mais uma vez à frente dele, disposta a acabar de vez com aquele martírio.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

ABIGAIL - Meu filho, eu tenho uma coisa para lhe dizer, há vários dias e não me animo. Penso que ^{você} já deve calcular o que é.

LUIZ - Não, mãe, não sei. Fale, diga o que tem para dizer.

ABIGAIL - Meu filho, é que é uma coisa tão desagradável, que a mãe tem medo de ferir-lo.

LUIZ - É qualquer coisa com relação a vovó? Será que ela teve alguma denúncia?

ABIGAIL - Não, meu filho, o assunto é este, mas sua avó não está envolvida. Felizmente, até hoje, ela não chegou a saber nada e agora já será mais difícil que isso aconteça, uma ^{vez} que...

LUIZ - (DEPOIS DE PAUSA) Uma vez que...?

ABIGAIL - Bem... é que você, infelizmente, vai ser obrigado a terminar tudo com Isabel, meu filho.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

LUIZ - O que foi que a senhora disse? Eu vou ser obrigado a terminar tudo com Isabel? Mas por que? O que é que há?

ABIGAIL - Bem, meu filho, é que... bem... quer dizer... ela... ela foi prometida a outro, meu filho, é isto.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE GRANDE SUSTO.

LUIZ - Como é que a senhora disse, mãe? Ela... ela foi prometida a outro?

ABIGAIL - Infelizmente, sim, meu filho. Sinto ter que dar-lhe uma punhalada tão profunda, mas é a verdade.

LUIZ - Não pode ser, mãe... não pode ser... deve haver um engano muito grande em tudo isto.

ABIGAIL - Não, meu filho, desgraçadamente não há nenhum engano. Tudo é verdade.

LUIZ - E como é que a senhora sabe? Quem lhe disse tamanho absurdo? (Já agressivo).

ABIGAIL - Ninguém me disse, meu filho. Ela mesma, chamou Idalino, de cima do muro, para entregar-lhe um bilhete que eu não deixei que lhe fosse logo entregue, com medo de que o cheque, sem preparo, fosse demais para você.

LUIZ - E esse bilhete onde está? Eu quero vê-lo.

ABIGAIL - Para que, meu filho? Você não confia em sua mãe?

LUIZ - (FORTE, RAIVOSO) Este bilhete onde está, mãe? Por favor, eu quero vê-lo.

ABIGAIL - Está bem, meu filho. Eu queria poupá-lo, mas já que você insiste... (PAUSA) Aqui o tem.

LUIZ - (DEPOIS DE PAUSA XXX MAIS OU MENOS LONGA) Falsa! (PAUSA) Perjura! (PAUSA) Eu juro que me vingarei!...

OPERADOR - ENTRA COM CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA

FIM DO 19º CAPITULO.

03.11.
2011

O MURO DE PEDRA.

- Original de ERICO CRAMER -

20º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Depois de ter escondido por alguns dias o bilhete que haveria de desiludir seu filho, dona Abigail, não podendo mais protelar o amargo instante, resolveu-se, finalmente, a fazer com que ele conhecesse a verdade. Já naquele mesmo dia, fizera três tentativas e recuara, mas o desespero do filho, pelo silêncio e pela ausência de Isabela, era tão grande que já lhe parecia melhor matar-lhe qualquer esperança. Levando-o para um recanto mais escondido do jardim, começou a despejar o que tanto lhe pesava no coração. Ele não podia compreender bem o sentido das palavras dela e de tudo pedia repetição. E depois de acontecer isto várias vezes...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

LUIZ - Como é que a senhora disse, mãe?! Ela... ela foi prometida a outro?!

ABIGAIL - Infelizmente sim, meu filho. Sinto ter que dar-te uma punhalada tão profunda, mas é a verdade.

LUIZ - Não pode ser, mãe... não pode ser... deve haver um engano muito grande em tudo isto.

ABIGAIL - Não, meu filho, desgraçadamente não há nenhum engano. Tudo é verdade.

LUIZ - (JÁ UM POUCO AGRESSIVO) E como é que a senhora sabe? Quem lhe disse tamanho absurdo?

ABIGAIL - Ninguém me disse, meu filho. Ela mesma chamou Idalino, de cima do muro, para entregar-lhe um bilhete que eu não deixei que lhe fosse entregue logo, com medo de que o choque, sem preparo, fosse demais para você.

LUIZ - E esse bilhete onde está? Eu quero vê-lo.

ABIGAIL - Para que, meu filho? Você não confia em sua mãe?

LUIZ - (FORTE, RAIVOSO) Esse bilhete onde está, mãe? Por favor, eu quero vê-lo.

ABIGAIL - Está bem, meu filho. Eu queria poupá-lo, mas já que você insiste... (PAUSA) Aqui o tem.

LUIZ - (DEPOIS DE PAUSA, MAIS OU MENOS LONGA) FALSA! (PAUSA) Perjura! (PAUSA) Eu juro que me vingarei!

OPERADOR - ACORDE DE RAIVA. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO UNS MOMENTOS.

ABIGAIL - Para que, meu filho? Sabe-se lá que circunstâncias a levaram a proceder assim?

LUIZ - Não tem desculpa, minha mãe. Quando não se tem capacidade para fazer uma

coisa, não se deve iniciá-la.

ABIGAIL - Meu filho, você não pode ser assim tão radical. Sabe-se lá ao que teria sido obrigada a pobre moça?

LUIZ - Não é o que se deduz do bilhete. Basta que se analize os seus termos. Veja bem. (LENDO) "Luiz, cansei de remar contra a correnteza; nunca se saído do mesmo lugar. Fico noiva amanhã e peço-lhe que não me procure mais. Isabel." Quer alguém mais radical do que ela foi?

ABIGAIL - Idalino não conhece bem a moça, você também não conhece a letra dela. Quem nos garante que esse bilhete tenha sido realmente escrito por Isabela?

LUIZ - Os fatos estão atestando, minha mãe. Só não vê a verdade quem não quer. Na noite em que deveríamos nos encontrar no muro, chegou um rapaz para hospedar-se na casa dela. Ela não compareceu ao encontro e nunca mais deu qualquer notícia de sua vida. Assim como achou meio de mandar-me este bilhete, pedindo que não a procurasse mais, poderia ter mandado outro, antes, explicando os motivos da sua ausência, principalmente sabendo que eu ficaria muito aflito e pensando mil coisas. Para uma moça, mãe, um forasteiro é sempre um forasteiro. Elas não podem fugir ao fascínio da novidade. Começam para divertir-se e acabam por se prender. Nem tenho dúvidas de que foi isto que aconteceu. Mas não há de ser nada; eu não me deixarei abater pela falsidade de uma mulher. Arranjarei outra para divertir-me e um dia hei de conseguir escucê-la.

ABIGAIL - Isto, meu filho. Muito bem! Eu sinto orgulho de você hoje, mais do que nunca! Você acaba de demonstrar, neste momento, que é um homem de verdade. Assim procedem os fortes, diante da adversidade. Levantam a cabeça e tocam para a frente.

LUIZ - Pois não é só o que me resta fazer?

ABIGAIL - Como um forte, sim; mas se você fosse fraco, estaria chorando e se lamentando pelo que lhe sucedeu.

LUIZ - Lá vem Idalino, o mais depressa que pode e olhando para os lados como a procurar alguém. Deve ser a mim, ou à senhora.

ABIGAIL - Faz-lhe um sinal de que estamos aqui.

C/REGRA - ASSOBOIO DUPLO, MÃO FORTE, DUAS OU TRÊS VEZES.

ABIGAIL - Agora ele viu. Com toda a certeza foi sua avó que me mandou chamar.

LUIZ - Se for, deixe-o aqui a conversar comigo. Vou pedir-lhe uns esclarecimentos.

ABIGAIL - É bom, sim. Gostarei que você converse com ele.

C/REGRA - PASSOS DE IDALINO NO ARREDO. APROXIMAM-SE.

ABIGAIL - E mesmo ãle não poderá voltar imediatamente. Terá que descansar, coitado.
(MAIS ALTO) que houve, Idalino?

IDALINO -  o padre Lion que chegou l com uma mocinha e mais uma mala e a sinhá num quiz arreceb eles e mandou procurá sug, disse que  pra suncê arreceb e but a moça naquele quarto das empregadas que t vasio.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO GRANDE.

ABIGAIL - Como?!... Botar a moça no quarto das empregadas?!... Não pode ser!... Dona Lucinda não pode fazer uma coisa dessas!...

LUIZ - Quem  a moça? Ela vem para ficar aqui em casa?

ABIGAIL - Por uns tempos, ao menos. Depois vai para um colegio interno.  uma sobri- nha de dona Lucinda. Sua prima segunda. Perdeu a mãe e o padre Leonel con- seguiu que sua av se encarregasse da educao da mocinha.

LUIZ - timo! Será uma esplêndida distrao para mim, neste momento.

ABIGAIL - Não meu filho, você não pode fazer isto. Sua avó será capaz de expulsar a menina e ela não tem para onde ir.

LUIZ - Não, mas eu não penso em namor-la. Detesto casamento com parente. Digo distrao noutra sentido. Sair com ela, mostrar-lhe a cidade, acompanhá- la ao cinema...

ABIGAIL - E você não conta que ela poderá gostar de você? Não, não, não procure mais complicaes para a coitadinha. Se quer, realmente, fazer alguma coisa por ela, deixe-a em paz e não se acerque. Sua av se agarrar no primeiro pre- texto para mand a mandar sair. Ou então, antes de qualquer atitude, você converse antes com dona Lucinda. E agora eu vou.

C/REGRA - PASSOS DE ABIGAIL, APRESSADOS, AFASTANDO-SE NO ARREIO.

LUIZ - Sente-se aí um pouco para descansar, Idalino e assim aproveitaremos para conversar. (PAUSA) Foi você que recebeu o bilhete de Isabela; não foi?

IDALINO - Ah, suncê já sabe? Foi eu, sim, meu fio. Num intreguei, procurei a sinhá quis ficá com ele.

LUIZ - Ela me disse. Não se preocupe, por isso. O que desejo saber  o seguinte: foi Isabela mesma quem o entregou a você?

IDALINO - ia, meu fio, foi uma moça que tava em riba do muro e me chamou eu. Eu nu- cunheço elas duas bem direito pra dizê- foi esta ou aquela. Sei que foi u-

LUIZ - Foi ela, sim. Não pode haver dúvidas. Do contrário não se explicaria o se- silêncio e a sua ausência. Eu não tinha como mandar chamá-la. Ela, sim.

IDALINO - Suncê t muito triste, meu fio?

- LUIZ Olha, Idalino, triste, realmente, não. Estou muito mais desapontado e revoltado, do que propriamente triste. Uma mulher sem palavra e sem sentimentos, não merece a tristeza de um homem.
- IDALINO - Isso é verdade mesmo, meu fio e ainda bão que suncê pensa anssim. Outros se para a chorá.
- LUIZ - Os fracos, mas eu, felizmente, não sou um fraco. Meu pai me ensinou a ser forte, como ãle sempre foi, em todos os momentos difíceis de sua vida. In da me lembro quando quiz beijar-me pela última vez. Tinha a morte na alma, mas sorria e me afagava como se tivesse a certeza de voltar no dia seguinte. Era tal o seu ânimo que eu não acreditei que ãle fosse morrer. Duas horas depois estava morto.
- IDALINO - E sua mãe também teve coráge. Muié de valô tá ali. Óia que a sinhá é ingigenta e num tem isso pra dizê dela. Das veiz arrilia que ela é nêmo arriliada, mas acaba dando as mão pra parmatória. Guenta tudo quétinha, sem abri a boca pra xingá, nem acha ruim as coisa que ouve. Só diz anssim: "deixa a coitada que ela já tá veia." Mas num é por tá veia que ela arrilia. Quando moça sempre arriliô, ingual.
- LUIZ - Bem, Idalino, encerrou-se o capítulo Isabela aqui em casa. Não se fala mais nesse nome, de hoje em diante. E si ela voltar a te chamar, para que me entregues qualquer outra coisa, podes dizer que tens ordens severas de minha parte para não receber mais nada que venha dela.
- IDALINO - Tá, meu fio, pode ficá descansado. Suncê sabe que quando diz uma coisa que qué pro nêgo véio que é coisa sagrada... Ele num deixa de bedecê.
- LUIZ - Eu sei Idalino. Sempre tive confiança em ti e nunca me decepcionei.
- IDALINO - Tá bão, agora o nêgo véio vai voltá pra drento de casa que a sinhá pode percisá dele pra alguma coisa, procurá e num achá ãle.
- LUIZ - E depois vai querer saber onde é que tu estavas, com quem estavas conversando e o que é que estavas conversando, como é o costume dela.
- IDALINO - Coitada da sinhá. Tem as inequiditícia dela, mas é uma boa arma.
- LUIZ - Mas as exquisiteces dela, às vezes, passam do limite. Não vê essa agora de querer botar a sobrinha no quarto das empregadas, com tanto quarto livre no corpo da casa?
- IDALINO - Pois é, mas no fim ela acaba gostando da mocinha e buando ela intê drento do quarto dela.. Eu cunheço a sinhá. Tombem... trabalhando tantos ano na casa, se não conhecesse...

- LUIZ - É, isso é verdade, mas antes ela tem que tirar a onda de má. Faz questão.
- IDALINO - É, meu fio, cada um como Deus fez. E agora eu vou memo de verdade.
- OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.
- NARRADOR - E enquanto os dois conversavam no jardim, dona Abigail chegara à sala de visitas onde o Padre Leonel esperava que alguém lhe aparecesse para apresentar a mocinha que levava, por delegação de seu colega o Padre José Maria, de Atibaia. Feitas as apresentações, depois de uma pequena pausa em que ambas se observavam...
- JENY - Titia não está em casa?
- ABIGAIL - Sim... sim... ela... ela está, mas... a esta hora, geralmente, ela descansa um pouco; entende? Naturalmente a empregada não quis chamá-la por isto. Aliás, eu devo pedir desculpas da demora, mas estava lá no jardim e embora tivesse vindo logo...
- LEONEL - Não tem importância, dona Abigail. Não se preocupe por causa disto.
- ABIGAIL - Mas eu sei que o senhor é um homem muito ocupado e que qualquer tempinho de espera pode ser prejudicial ao seu serviço.
- LEONEL - Hoje o que eu tinha de mais importante era isto. Tudo o mais pode esperar.
- ABIGAIL - Jeny é uma moça bonita. Com quem se parece? Com o pai ou com a mãe?
- JENY - Mãe costumava dizer que eu era parecidíssima com papai em tudo, mas outras pessoas que não o conheceram, achavam-me parecida com ela. A senhora não conheceu mãe?
- ABIGAIL - Não. Quando casei com seu tio primo, sua mãe já não morava mais aqui.
- JENY - Mãe foi muito bonita. Depois, coitada, com os trabalhos, ficou muito desfeita, mas ainda assim guardava antigos traços da sua beleza.
- LEONEL - Dona Abigail, eu gostaria de conversar com dona Lucinda, antes de sair, mas como a senhora me disse que ela está repousando, entregue Jeny à senhora e amanhã, ou depois, voltarei para conversar com ela.
- ABIGAIL - É melhor, Padre Leonel. Ela fica mal disposta quando interrompem o seu descanso e justamente hoje eu gostaria que ela estivesse calma.
- LEONEL - Entendo... entendo... Jeny fica em boas mãos. Faça o que puder por ela.
- ABIGAIL - Pode estar descansado, padre Leonel. Apesar de não ter conhecido dona Laryta ouvi, muitas vezes, meu marido falar na tia com grande carinho. Isto para mim é o bastante para que trate bem a filha dela.
- LEONEL - Obrigado, dona Abigail, muito obrigado. Minha filha o padre Leonel tem que ir. Qualquer dúvida que você possa ter, em casa de sua tia, dirija-se à

dona Abigail que (ela lhe ensinará como proceder. E agora um conselho, antes de deixá-la; procure não incomodar sua tia em momento algum. Sempre que estiver perto dela, mantenha-se em silêncio. Ela prefere as pessoas que se colocam à sombra do que as que fazem empenho de brilhar.

JENY - Esteja tranquilo, padre. Hei de empregar todo o meu esforço no sentido de não aborrecer ninguém.

LEONEL - Assim espero. Que Deus a ilumine e ampare. Adeus, dona Abigail. Deixo a menina em suas mãos.

ABIGAIL - Pode ir descansado, padre Leonel. Vem comigo, Jeny. Vamos acompanhar o padre até à porta.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FIM DA PRIMEIRA PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MEIO.

OPERADOR - ABERTURA MUSICAL DA 2ª. PARTE. MUNDO PARA NARRACTO.

NARRADOR - Abigail e Jeny foram até à porta, despediram-se do padre Leonel e voltaram para a sala. Caminhavam as duas em silêncio, cada uma entregue aos seus próprios pensamentos. Doia na alma da boa senhora ver aquela menina-moça, na sua total fragilidade, entregue a uma pessoa voluntariosa e cheia de caprichos como era sua sogra. Prometera ao padre Leonel fazer tudo por ela, mas sabia que o tudo haveria de ser muito pouco, pois que dona Lucinda não era mulher de se deixar impressionar pelas conversas ou opiniões de quem quer que fosse. Em todo o caso, para começar a fazer alguma coisa, resolveu iniciar preparando-lhe o espírito para a vida que a esperava.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRACTO.

ABIGAIL - Não vai ser muito fácil para você, viver aqui em paz com dona Lucinda.

JENY - O padre Leonel já me avisou.

ABIGAIL - Ela é muito boa creatura, mas extraordinariamente desconfiada e caprichosa. Até que você consiga conquistá-la, talvez tenha que chorar muitas lágrimas. Mas se tiver paciência e humildade, se guardar silêncio sempre que ouvir qualquer reprimenda, se nunca dirigir-lhe a palavra, senão para responder-lhe qualquer coisa que ela pergunte, terá meio caminho andado.

JENY - Mas o padre me disse que eu ficarei aqui muito pouco tempo.

ABIGAIL - Sim, realmente este é o projeto dela e para você talvez seja bem melhor um pensionato ou um colégio interno, mas de qualquer forma, até que haja uma vaga, você terá que ficar por aqui e as superiores de todos os internos que andei procurando disseram-me que nestes dois meses de férias não

haverá muita possibilidade. Em todo o caso, não comente o que estou lhe dizendo porque ela não sabe, mas a minha impressão é de que pelo menos uns dois meses você terá que ficar por aqui. Mas a todas estas você deve estar louca de vontade de tomar um banho; não está?

JENY - Realmente. Havia tanto pó na viagem, eu devo estar sujíssima.

ABIGAIL - Então eu vou lhe mostrar o seu quarto e depois mando a empregada levar a sua mala até lá.

JENY - Não é preciso, eu mesma posso levar. É muito longe?

ABIGAIL - Bem, eu preciso dar uma explicação a você sobre o quarto que lhe preparamos. Ele fica na ala dos fundos porque parece até mentira mas nenhum dos quatro quartos que temos no corpo da casa está em condições de ser habitado por alguém. Dois estão com goteiras e qualquer chuva mais forte poderá inundá-los. Há um mez que esperamos os pedreiros e eles não aparecem. O terceiro quarto está com um dos pés de cama quebrado e a porta de guarda-roupa de tal forma empenada que não se consegue abri-lo e o último botou-se um remédio tão forte para os ratos que enquanto o cheiro não passar nem se poderá pensar em que alguém durma lá dentro. Logo que os pedreiros virem arranjar as goteiras, já você virá para perto de nós.

JENY - Não tem importância, eu não me aborreço por isto.

ABIGAIL - É melhor assim. Venha comigo, então. Vou lhe levar ao seu quarto.

OPERADOR - ENTRA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Jeny pareceu ter compreendido perfeitamente a intenção de dona Abigail e, antes de segurar sua mala, envolveu-a pelo pescoço e deu-lhe um beijo na face. Os olhos da boa senhora encheram-se de lágrimas e envolvendo a moça pela cintura levou-a, carinhosamente, para os fundos da casa. Enquanto andavam, dona Abigail se lamentava, intinamente, de não haver posto um vaso com flores para dar um toque de alegria à simplicidade do quarto. Ao entrarem, dona Abigail sentiu o rubor subir-lhe à face, mas Jeny não pareceu achar ruim. É que seu quarto, em sua casa, era ainda mais modesto do que aquele. Depois de mostrar-lhe o banheiro, no corredor, dona Abigail deixou a moça à vontade e foi sentar-se no terraço à espera da sogra. Enquanto isto, do outro lado do muro de pedra, Irene encontrava-se "por acaso" com Rogério no jardim. Depois de convidá-lo a sentarem-se num banco, ela procurou jeito de chegar onde queria.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

IRENE - Eu hoje vou fazer com você o papel de inquisidora e vou começar por uma pergunta muito indiscreta.

ROGÉRIO - (SORRINDO) Comece.

IRENE - Ainda não arranjou uma namorada aqui pelo sul?

ROGÉRIO - Não, não arranjei.

IRENE - Sabe que é difícil acreditar que um rapaz como você já esteja aqui há mais de quinze dias e não se interesse por moça alguma?

ROGÉRIO - Bem, eu me interesso, mas não adianta muito porque elas é que não se interessam por mim.

IRENE - Outra coisa mais difícil, ainda, de acreditar. Será que você é daqueles que têm dificuldade de se fazer entender? Às vezes é uma coisa assim que complica. O rapaz, por tímido, não se expande e a moça por pudicice se retrai. No final, um fica sem saber o que o outro está pretendendo.

ROGÉRIO - É, talvez seja exatamente isto que acontece comigo. Eu, geralmente, perco o entusiasmo e a coragem, diante de uma moça que me interesse.

IRENE - Mas então se você tem consciência de que não se basta, tem que pedir o auxílio de outro. Vamos a ver... eu, por acaso, conheço a moça por quem você está interessado?

ROGÉRIO - Mas é claro que conhece. É muito bem, até. Pois se moram na mesma casa...

IRENE - Ah, compreendi. Então é ela?

ROGÉRIO - Mas por favor, não lhe fale nada, porque ela parece que não quer saber de nada comigo.

IRENE - Não creio. Você deve estar completamente enganado.

ROGÉRIO - Não estou, não. Já pude observar isto por diversas vezes. Ela até foge de ficar sósinha comigo.

IRENE - Irene é muito obediente a papai. Bastou que ele a observasse sobre o fato de não se oferecer e ela então já tomou uma atitude incapaz de dar lugar a duas interpretações. Quer ter a prova? Converse com papai e faça-o entender que se interessa por ela e eu não tenho a menor dúvida de que as coisas logo se modificarão.

ROGÉRIO - É mesmo? Você acha?

IRENE - Tenho certeza absoluta. Papai, que tanto o estima e admira, logo daria permissão para que ela o namorasse e eu sei que ela não se faria de rogada.

ROGÉRIO - Eu me sentiria felicíssimo, se tal acontecesse.

IRENE - Pois então experimente seguir o meu conselho e depois me conte qual foi o resultado.

ROGÉRIO - Pois farei isto hoje mesmo, se houver ocasião.

IRENE - Eu lhe proporcionarei a ocasião que deseje. Beixe comigo.

ROGÉRIO - E eu, antecipadamente, lhe agradeço, convidando-a, desde já, para minha madrinha, se tudo der certo.

IRENE - Pode crer que tudo vai dar certo e que serei sua madrinha com o maior prazer.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Rogério saiu da sua conversa com Irene com o coração transbordando de alegria e ela também, por sua vez, exultou com o empurrão que dera aos acontecimentos que desejava. Nesse meio tempo, na mansão vizinha, Jeny tomara seu banho, puzera seu melhor vestido e aguardava, sentada ao lado de Abigail, no terraço, a hora do jantar, quando esperava conhecer também sua tia. Luiz Otávio chegou. Deu-se a apresentação dos primos e ambos se mostravam bastante a vontade.

OPERADOR - SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO.

LUIZ - Apresento-lhe as minhas boas vindas, prima, si bem que tenha a certeza de que você vai extranhar muitíssimo a vida aqui. É muito parada, muito monótona. Pelo menos a nossa, aqui em casa. E como eu não creio que Vó-vó lhe permita quebrar o nosso ritmo...

JENY - Mas nem eu desejo fazer tal coisa.

ABIGAIL - Ela já está injeirada de tudo, meu filho. Tive o cuidado de adverti-la em seu próprio bem.

LUIZ - Vó-vó é muito boa pessoa, no íntimo, mas para lançar não existe outra.

ABIGAIL - Que é isso, meu filho?! Então isso é maneira de se referir à sua avó? Ela já está mais velha e como toda a pessoa, na sua idade, é um pouco ranzinza mas quem quiser se dar bem com ela não terá grandes dificuldades, posso afirmar.

JENY - Eu sei que me darei bem com tia Lucinda, a senhora vai ver.

LUIZ - Deus permita que os anjos lhe digam "amen", mas não tenho a mesma fé que você.

JENY - Por que? Acha que eu não terei capacidade para contornar certas situações? Se é isto, vou lhe provar que está errado.

LUIZ - Não, não é por você que eu duvido, é por vó-vó mesmo. Quando ela fecha as fronteiras do coração a uma determinada pessoa, todos os que estiverem ligados a essa pessoa vão sofrer as suas restrições. É segundo eu ouvi

de pessoa que me merece todo o crédito, ela havia rompido com sua mãe há muitos anos, sem jamais haver concordado em esquecer o passado e reconciliar-se com ela.

JENY - Realmente, mas pode ser que o que a mãe não conseguiu, a filha o consiga em memória da morta.

LUIZ - É o que eu sinceramente lhe desejo e, se puder ajudá-la, estou pronto a fazê-lo.

ABIGAIL - Meu filho, vá arrumar-se para o jantar. Sua avó não demora a descer e você sabe muito bem que ela não gosta de esperar.

LUIZ - Sim, mãe, vou agora mesmo e dentro de cinco minutos estarei pronto.

C/REGRA - PASSOS QUASI CORRENDO, DE LUIZ, BE AFASTANDO.

JENY - Seu filho é um rapaz muito simpático. Acho que vamos nos entender perfeitamente.

ABIGAIL - Mas é homem, como os outros, por isso tenha cuidado e não confie nele demasiadamente. Ah, e outra coisa: perto de minha sogra nunca se dirija a ele.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Enquanto Abigail e Jeny permaneciam no terraço conversando, Luiz Otávio subiu ao seu quarto, a fim de preparar-se para o jantar. Quando alguns minutos depois preparava-se para descer, Dona Lucinda apontou na porta de seu quarto e o neto esperou no patamar da escada para ajudá-la. Ao perguntar pela nora, soube que ela estava no terraço, esperando-a, na companhia da sobrinha que havia chegado naquela tarde. Ao ouvir pronunciar o nome de Jeny, dona Lucinda sentiu um arrepio e retrucou, contrariada...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

LUCINDA - Será que ela está pensando que vai jantar na mesa conosco?

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

LUIZ - Naturalmente, vóvó. E por que não há de jantar?

LUCINDA - Simplesmente porque eu não desejo que ela se sente à mesa comigo.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

LUIZ - Mas vóvó, a senhora não pode fazer isto para a pobre moça! É uma humilhação tremenda.

LUCINDA - Não me interessa e eu sei, perfeitamente, o que posso e o que não posso fazer. E não há de ser você, um pirralho, que haverá de chamar-me a atenção pelos meus atos.

LUIZ - Mas, Vóvó, pense bem. A pobre moça não tem culpa de nada do que aconteceu entre a senhora e tia Laurita.

LUCINDA - Eu já determinei e ninguém me fará voltar atrás. Ela não se sentará à mesa comigo.

LUIZ - Nem se eu lhe pedir que permita?

LUCINDA - Já lhe disse que ninguém me fará voltar atrás.

LUIZ - Pois então, Vóvó, desça sósinha porque eu também não me sentarei à mesa com a senhora.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE CHORUE.

LUCINDA - O que?!... Tú estás maluco, ou eu não entendi bem o que disseste?

LUIZ - Entendeu, sim Vóvó. Si estou maluco, não sei. O que sei é que também não me sentarei à mesa com a senhora.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE ESPANTO E EMENDA A CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA

FIM DO 20º CAPÍTULO.

21º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

03.11.2011
NARRADOR - Quando voltava de seu quarto, onde iria trocar de roupa para o jantar, Luiz Otávio, antes de chegar à escada, viu sua avó e esperou-a para descerem juntos. Num breve diálogo então estabelecido, dona Lucinda ficou sabendo que Abigail e Jeny a esperavam no terraço e foi logo declarando que a moça não se sentaria à mesa com ela. Luiz Otávio teve um choque e tentou fazer ver à avó que não era justo humilhar a pobre moça que, ao final das contas, não tinha culpa nenhuma das desavenças dela com a irmã. Dona Lucinda mostrou-se profundamente irritada com a interferência do neto no assunto e declarou, já então para atingi-lo, que...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

LUCINDA - Eu já determinei e ninguém me fará voltar atrás: ela não se sentará à mesa comigo.

LUIZ - Nem se eu lhe pedir que permita?

LUCINDA - Já lhe disse que ninguém me fará voltar atrás.

LUIZ - Pois então, vóvó, desça sózinha porque eu também não me sentarei à mesa com a senhora.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE CHOQUE.

LUCINDA - O que?!... tu estás maluco, ou eu não entendi bem o que disseste?

LUIZ - Entendeu, sim, vóvó. Si eu estou maluco não sei. O que sei é que também não me sentarei à mesa com a senhora.

OPERADOR - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

LUCINDA - Sentarás, sim. Sentarás porque eu te ordenarei.

LUIZ - E eu, pela primeira vez em minha vida, me rebelarei contra a sua ordem e não a acatarei.

OPERADOR - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

LUCINDA - Luiz Otávio, o que é que está acontecendo com você, hoje?

LUIZ - ~~XXXXXXXXXX~~ Minha avó, eu sei bem a meu pai neste ponto de considerar a todos iguais, apesar do berço que tive. Não tenho coragem de humilhar ninguém, nem dou a ninguém esse direito. Nem mesmo à senhora, apesar da sua idade e da sua posição. Já pensou no que essa menina irá sofrer, quando a senhora lhe disser que ela irá comer no refeitório das empregadas?

LUCINDA - Eu tenho motivos para proceder assim.

LUIZ - Motivos que ela não poderá compreender, uma vez que a senhora a acolheu

em sua casa.

LUCINDA - Você bem sabe que foi o padre Leonel que me criou esta situação odiosa. Eu me prontifiquei a educá-la e nunca a recolhê-la. Ela está aqui porque veio numa época imprópria, do contrário estaria num colégio interno.

LUIZ - Seja lá pelo que for, ela é sua hóspede, está em sua casa, a senhora não poderá maltratá-la, principalmente porque - repito - ela não tem nada a ver com as suas antigas desavenças com tia Laurita. É uma vítima inocente da situação que se criou.

LUCINDA - Você escolheu mal a sua profissão. Em vez de engenharia deveria estudar direito. Seria um bom advogado. Mas eu também sei me defender e você vai ouvir as minhas razões.

LUIZ - Conheço-as de sobra, vóvó. É um velho ódio que não arrefece. Não foi esta a pregação de Jesus. Ninguém deve manter acêsa a chama do ódio. É muito mais sublime apagá-la e perdoar. Foi o perdão que o mestre nos ensinou.

LUCINDA - Será que vou ter, agora, que aturar, dentro de minha casa, um outro padre Leonel? Não, Luiz Otávio, chega. Ele já me aborreceu bastante e continua me aborrecendo.

LUIZ - É porque a senhora pertence ao número de pessoas que não gosta de ouvir verdades. Então o que faz? Usa da autoridade para fazer calar o interlocutor.

LUCINDA - Você quer me deixar expor as minhas razões e discutí-las depois?

LUIZ - Está bem, fale.

LUCINDA - ~~Eu~~ Eu não quero que Jeny sente-se à mesa comigo porque sei que a sua presença me acordará lembranças que irão perturbar o meu apetite. Está explicado agora?

LUIZ - Mas há uma maneira muito mais simples de contornar-se a situação sem expor a pobre pequena a uma humilhação tão grande. Jante hoje a senhora em seu quarto e amanhã estuda-se uma outra solução que não chegue a milindrá-la.

LUCINDA - E você acha que tirá-la da mesa hoje, ou amanhã, não vem a dar na mesma coisa? Pelo contrário, acho que amanhã será pior, porque ela já jantou na mesa uma vez e então sentirá muito mais.

LUIZ - É simples. Quer uma ideia imediata? Elabora-se um programa de estudos com uma aula justamente na hora do almoço. Quando ela tiver terminado a aula, nós também teremos terminado o almoço e ela almoçará sósinha.

LUCINDA - Nunca fui mulher de rodeios. Sempre fiz as coisas como tinham que ser feitas. Agora, depois de mais velha e quando mais deveria ser respeitada

meu neto se rebela contra a minha maneira de ser e obriga-me a fazer ro-
deios, o que sempre detestei.

LUIZ - Não a obrigo a coisa nenhuma, vóvó; apenas lhe peço um pouco de humanidade
para uma pobre menina que chega à sua casa completamente desamparada. Si
a senhora ouvir o meu apêlo eu não me desiludirei da senhora e penso que
ficarei a querê-la inda mais do que a quero. Si não atender...

LUCINDA - (DEPOIS DE PAUSA) Si não atender...

LUIZ - Bem... aí eu não sei o que o meu coração será capaz de sentir. (PAUSA)
E então? que resolve?

LUCINDA - Que é que eu posso resolver, depois de você quasi me botar um revolver
no peito?

LUIZ - Não, Vóvó, eu não lhe botei um revolver no peito; eu bati na porta do seu
coração e despertei-o.

LUCINDA - Desça, diga à sua mãe que eu estou indisposta e que ~~X~~ ela me mande qual-
quer coisa aqui no quarto.

LUIZ - (BEIJOS) Obrigado, Vóvó. Agradeço-lhe não me ter decepcionado. E creia
que estou muito mais alegre pela senhora do que pela menina.

OPERADOR - ENTRA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Luiz Otávio desceu as escadas contente, pulando os degraus de dois em do-
is e a avó permaneceu um momento parada a observá-lo. Embora estivesse
profundamente irritada com a interferência do neto, os beijos que acaba-
ra de receber e a alegria que dera ao ~~rapaz~~ ^{rapaz} quasi inundaram seu coração
de ternura. E enquanto voltava para o quarto Luiz Otávio chegava ao ter-
raço, onde a mãe e Jemy o esperavam. Sua alegria era tão visível que a
dona Abigail olhou-o, admirada, como que o interrogando. Não teve que
esperar muito pela resposta. Foi chegando e dizendo...

OPERADOR - CORTA FUNDO DE NARRAÇÃO.

LUIZ - Vovó não vem jantar. Está indisposta. Pede que a senhora mande qualquer
coisa lá em cima, para ela.

JENY - Óra, que pena! Eu estava esperando com tanta ansiedade o momento de conhe-
cê-la...

LUIZ - Talvez amanhã ela já possa descer. É muito melhor que a conheça boa do
que indisposta.

ABIGAIL - Sem dúvida. Bem... então eu vou mandar uma bandeija lá em cima e, em se-
guida, nós iremos jantar.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Do outro lado do muro o jantar terminara e seu Epifânio, como de costume, veio sentar-se um pouco no terraço, acompanhado de Irene, Felipe e Rogério. Isabel, como últimamente vinha fazendo, subiu para o quarto, em seguida, sem mesmo esperar o cafézinho. Irene queria deixar Rogério só com o Conselheiro Epifânio e arranjou um motivo qualquer para se afastar, carregando o irmão. Depois de um pesado silêncio entre os dois, Rogério, animado que fôra por Irene, resolveu-se a atacar.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

ROGÉRIO - Meu padrinho, que pensaria o senhor se eu lhe dissesse que ando com vontade de me casar por aqui?

EPIFÂNIO - O que é que eu poderia lhe dizer, meu caro afilhado? Que lhe aconselharia a ter cuidado na escolha e que felicitaria o pai da moça que tivesse a felicidade de ser escolhida por você.

ROGÉRIO - Oh, por favor... o senhor me tem assim em tão alta conta?

EPIFÂNIO - E seria possível não o ter? Você é um rapaz inteligente, preparado, culto muito educado, pertence a uma das famílias mais destacadas lá do norte e além disto, herdeiro de uma enorme fortuna. Seria possível a qualquer moça, por mais exigente que fosse, desejar mais?

ROGÉRIO - E se eu lhe disser que, com tudo isto, a moça que escolhi parece não me querer?

EPIFÂNIO - Não é possível! Ou ela não o conhece e não sabe com quem está tratando, ou então não percebeu que você a procura com uma intenção mais séria.

ROGÉRIO - Não sei, mas... acho difícil, diante da minha insistência, que uma moça não perceba o meu interesse especial por ela.

EPIFÂNIO - E o que é que ela faz, quando você a procura?

ROGÉRIO - Foge, invariavelmente. Inda hoje fez isto, há pouco.

EPIFÂNIO - Há pouco? Mas você não saiu toda a tarde... quer dizer que... será que a moça está aqui em casa mesmo?

ROGÉRIO - Sim, meu padrinho, está. A moça é sua filha Isabel. E se isto o contraria, estou pronto a retirar-me.

EPIFÂNIO - De forma nenhuma. Como poderá contrariar-me uma felicidade tão grande? Eu não poderia desejar para minha filha um homem tão perfeito. É então Isabel quem foge de você?

ROGÉRIO - Sim, meu padrinho. Evita até o meu olhar, sempre que pode. Já falei sobre isto com Irene e ela acha que Isabel faz isto para não parecer que está desesperada para arranjar namorado. Que tem medo de que a sua imediata

aquiescência possa parecer pressa de casar-se e então, por um princípio de timidez e decoro, esquiva-se.

EPIFANIO - Certo. Não pode deixar de ser esse o único motivo. Isabela é, realmente, muito tímida e além do mais muito obediente. Eu sempre alertei minhas filhas no sentido de não se apresentarem aos rapazes e até mesmo, quando procuradas, esquivarem-se um pouco para serem mais requestadas. Acho que Isabela exagerou o conselho. Mas se você tem certeza que é a ela que você realmente quer para companheira de sua vida, eu falarei com ela.

ROGÉRIO - Tenho certeza, sim, meu padrinho. Bastará dizer-lhe que vim para cá afim de esquecer uma namorada que tive e, ao fim de uma semana, já não me lembrava mais que ela existia.

EPIFANIO - Mas isto tanto pode ter sido por influência de um novo amor, como pela sua volubilidade. É preciso saber distinguir.

ROGÉRIO - Eu não sou volúvel, meu padrinho. Pode estar certo que não sou. Foi Isabela que se apossou do meu coração desde a primeira semana que aqui cheguei.

EPIFANIO - Bem, se você não tem nenhuma dúvida a respeito do seu sentimento, eu estou pronto a conversar com minha filha e dizer-lhe do prazer que ela me faria sentir se o acolhesse e o retribuísse em seu afeto.

ROGÉRIO - Faça isto então, seu Epifanio, faça. E si ela se dispuser a atendê-lo, acredite que me dará a maior de todas as felicidades.

EPIFANIO - Não tenho nenhuma dúvida de que ela me atenderá. Pode contar, desde já, com as favas contadas.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Naquela noite Rogério foi se deitar contente e o Conselheiro Epifanio teve que tomar um calmante, de tal forma o excitava a alegria que lhe inundava o coração. Irene, que esperara o pai para saber o resultado da conferência, exultava também. O seu plano, embora muito lentamente, ia caminhando no rumo certo. Quem tudo ignorava, ainda, era Isabela que acordada, na escuridão do quarto, desejava, ansiosa, a volta de Rogério para sua casa, afim de que ela pudesse voltar a ter liberdade de sair durante a noite para o jardim, afim de tentar estabelecer outra vez contato com seu bem amado. Do outro lado do muro, no dia seguinte, de manhã, dona Abigail foi ao quarto da sogra para saber si ela desceria para o jantar.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

ABIGAIL - Como ontem a senhora estava indisposta e não quiz descer para o jantar,

talvez hoje queira, também, tomar seu café no quarto.

LUCINDA - Não conversou com seu filho a respeito dos motivos que me impediram de descer?

ABIGAIL - (ADMIRADA) Não, não tivemos ocasião. Por que? Houve alguma coisa, dona Lucinda? Ele não me falou absolutamente nada.

LUCINDA - Ao menos isto: soube ser discreto.

ABIGAIL - mas por favor, dona Lucinda o que houve? Eu estou temerosa.

LUCINDA - Ele se insurgiu contra mim, quando lhe disse que não ia permitir que Jeny sentasse à mesa conosco, para jantar.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

ABIGAIL - Luiz Otávio se insurgiu contra a senhora?!...

LUCINDA - Sim. E a ponto de declarar que então ele também não se sentaria à mesa.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SUSTO.

ABIGAIL - (MEIO TOM) Meu Deus!

LUCINDA - E eu lhe expliquei as minhas razões: que a presença da menina acordaria em mim o passado e me perturbaria a refeição. Diga-me agora você, que sempre foi uma mulher serena e ponderada: eu estava ou não estava com a razão?

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA FORTE PARA FINAL DA PRIMEIRA PARTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MEIO.

OPERADOR - MÚSICA PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Dona Abigail ficou sem saber como responder à pergunta da sogra. Não gostava de contrariá-la, mas também não podia deixar de compreender a intenção do filho e dar-lhe razão. Sabia, no entanto, que, se assim procedesse, irritaria muito mais dona Lucinda e, ao final das contas, a prejudicada seria a menina que ambos se empenhavam em defender. Como demorasse um pouco em responder à pergunta, dona Lucinda repetiu-a.

OPERADOR - CESSA FUNDO DE NARRAÇÃO.

LUCINDA - Vamos, Abigail, eu faço questão de saber a sua opinião sobre o assunto. Eu estava ou não com a razão, querendo evitar que Jeny se sentasse à mesa comigo?

ABIGAIL - Bem, dona Lucinda, em princípio acho que estava com a razão, sim, mas certamente Luiz Otávio tentou evitar a exclusão de Jeny para que ela não se sentisse humilhada. Otávio, seu filho, teria feito a mesma coisa, a senhora sabe. Nunca vi um filho se parecer tanto com o pai. Procure considerar isto e não terá dificuldade em perdôá-lo.

LUCINDA - Já o perdoei, mas não deixei de ficar abalada com a sua reação. Nunca a esperei. E o que desejo é que você o censure para que ele não se estimule com a sua primeira vitória e não tente repetir a façanha.

ABIGAIL - Ele será censurado por mim, dona Lucinda, pode ficar descansada. (TOM) Mas afinal a senhora vai descer para o café, ou prefere tomá-lo aqui no quarto?

LUCINDA - Penso que será melhor. Ela, com certeza, vai estar à mesa; não vai?

ABIGAIL - Acredito que sim. A não ser que goste de levantar-se mais tarde e então terá que tomá-lo ~~mais tarde~~ depois, na copa. Mas ontem à noite ela me perguntou a que horas se tomava o café da manhã e onde. Eu lhe informei que às oito horas, na sala de almoço.

LUCINDA - Mande-me o café aqui no quarto, é melhor. E depois vamos estudar uma maneira de solucionar esta questão.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Dona Abigail desceu e já encontrou, sentados à mesa, esperando-a, o filho e Jeny. Conversavam alegremente, embora nas ~~olheiras~~ ^{do rapaz} olheiras profundas ^{de} vigília da noite o traisse. Ao saber que sua avó não desceria, ainda, Luiz Otávio ficou sério por um momento e quase deixou escapar qualquer coisa que lhe veio a boca. Conteve-se, no entanto, limitando-se a sacudir a cabeça numa vaga desaprovação. Jeny nem sequer lamentou-lhe a ausência, como o fizera, na véspera, ao jantar. Limitou-se a ficar calada, como se começasse a compreender que a tia a evitava. E a ausência da velha senhora se fez presente no pesado silêncio que, a partir daquele instante, reinou no ambiente. Do outro lado do muro, o Conselheiro e Isabela mantinham-se também em silêncio à mesa do café. Irene levantara-se, carregando Rogério para o jardim, acompanhados por Felipe. Quando a moça tentou deixar a sala...

OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRAÇÃO.

ISABELA - O senhor me dá licença, papai?

EPIFÂNIO - Não. Fica. Preciso falar contigo. Aliás o assunto é muito sério e deve merecer toda a tua atenção.

ISABELA - Pois não. fale.

EPIFÂNIO - Eu fiquei sabendo, ontem, que Rogério gosta de ti, que te procura com ~~assiduidade~~ assiduidade e que foge dele, constantemente.

ISABELA - Foi Irene quem lhe contou essas tolices, não papai? Ele não gosta de mim coisa alguma. Ela é que imagina.

EPIFÂNIO - Estás muito enganada atribuindo à tua irmã as coisas que o próprio Rogério me disse.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

ISABELA - Como, papai?!... Então foi Rogério quem lhe disse essas coisas?

EPIFANIO - Ele, sim. E queixou-se de que tú o evitas. Por que fazes isto, filha? Então não sabes que êle é um excelente moço e que tu não poderias encontrar melhor casamento aqui na cidade?

ISABELA - Eu não estou interessada em casar-me, papai.

EPIFANIO - Não está tu, mas estou eu, que sou teu pai e me sinto velho. Podes lá saber a inquietação em que vivo, vendo aproximar-se a hora da minha partida para a grande viagem, sabendo que teu irmão não é eterno e que tú e tua irmã ficam solteiras, sem um braço em que se amparem na jornada difícil pelos caminhos da vida? E agora, quando vejo que surge uma oportunidade ímpar na tua vida, vens me declarar que não estás interessada no casamento? Como pode ser isto, filha? Não te entendo.

ISABELA - É que a meu ver, pai, no casamento, deve contar, antes de tudo, o amor. E eu não amo Rogério. Reconheço que é um rapaz fino, educado, bem posto, com todas as qualidades e virtudes que uma moça possa desejar para o seu marido, mas não lhe tenho amor.

EPIFANIO - Tua mãe, quando a pedi em casamento, alegou exatamente isto que estás dizendo agora. Seu pai fez valer a sua vontade e ela nunca se arrependeu de o ter atendido. Eu a conquistei inteiramente com a minha dedicação e o meu carinho. Amava-me tanto, depois, que chegou a declarar, ao morrer, que sentia muito mais deixar a mim do que a vocês.

ISABELA - Quer dizer que o senhor está querendo fazer comigo o mesmo que vovô fez com mããe?

EPIFANIO - E por que não? É um direito que me cabe, em tua própria defeza. Compreendo que relutes um pouco em aceitá-lo porque és completamente inexperiente no assunto e, naturalmente, assalta-te o temor do compromisso de uma vida que desconheces, mas eu quero lembrar-te que antes do casamento existe, ainda, o período do noivado, no qual a moça pode certificar-se se deve continuar ou retroceder.

ISABELA - E o senhor não acha piór avançar demais, para depois ter que recuar?

EPIFANIO - Filha, teu velho pai sabe, perfeitamente, o que está fazendo. Aceita a côrte de Rogério que eu mesmo terei o cuidado de advertí-lo de que nada será definitivo até que teu coração tenha dito espontaneamente "sim".

ISABELA - Eu preferia não fazer semelhante experiência, mas uma vez que o senhor insiste...

EPIFANIO - Insisto, sim. Insisto para o teu bem e a tua felicidade. E agora, para começar, vai ao jardim encontrá-lo. Ele anda por aí com os teus irmãos.

ISABELA - Estou muito mal arranjada, papai. Deixe-me subir. Noutra hora qualquer em que o encontre, prometo ~~minha~~ dar-lhe atenção.

EPIFANIO - Está bem. Sobe, então. E na hora do almoço estarei a observar-te.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Isabelá subiu com a morte na alma. Nunca esperou que o pai lhe fizesse um pedido daquela natureza. E como dizer-lhe não, se alegava coisas tão justas? Inda mais que o pai insistia, absolutamente certo de que ela acabaria por amar Rogério. Não podia dizer-lhe que seu coração pertencia a outro e que, nestas condições, o casamento só lhe poderia trazer infelicidades. Se dissesse, o pai haveria de querer saber quem era o outro. E o que aconteceria se a verdade aparecesse? Nem seria bom lembrar. Ninguém, na família, seria capaz de admitir que o ódio cedesse lugar ao amor. Ninguém! Então... não haveria outro remédio sinão curvar-se à vontade do pai. Inda mais que ele acenara com uma possível desistência, se as coisas não chegassem a tomar um geito satisfatório durante o tempo de noivado. E era essa esperança que lhe amenizava o desespero das coisas definitivas. Do outro lado do muro, dona Lucinda desistira de conservar-se presa em seu quarto e descera ao andar térreo da mansão. Ao galgar o terraço, encontrou uma mocinha modesta, costurando uma peça de roupa íntima. A mocinha levantou-se, rapidamente e sorriu para a velha senhora, esperando sua reação para dirigir-se a ela, ou ficar onde estava. Não pôde, como imaginara, cair-lhe nos braços e beijá-la emocionada. A extrema frieza da tia pôz uma barreira tão grande entre elas, como o muro de pedra que separava as duas mansões.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

LUCINDA - É Jeny?

JENY - (DELICADA MAS SEM EXPANSÃO) Sim senhora. A senhora é tia Lucinda?

LUCINDA - Sou.

JENY - Estimo que ~~seja~~ esteja melhor da sua enxaqueca.

LUCINDA - Nunca tive enxaqueca. Simplesmente não desci, ontem, porque não tive vontade.

JENY - Desculpe, então. Fui mal informada.

LUCINDA - Minha nora e meu neto vivem com a preocupação de procurar disfarçar os meus gestos, com receio que eles possam melindrar as pessoas que me cercam. Considero isso uma grande tolice, pois me arrogo o direito de ser

como sou e viver como quero.

JENY - Está claro. E faz muito bem.

LUCINDA - Se estivessem aqui, neste instante, estariam desesperados porque eu não lhe dei um abraço e nem mesmo lhe apertei a mão.

JENY - Que mal tem?

LUCINDA - Reconheço que tenho um gênio muito exquisito e que sou mesmo uma mulher estranha, se quiserem, mas já basta o tempo em que era obrigada a fazer as coisas sem ter vontade.

JENY - É evidente. Mas a senhora está de pé. Não quer sentar-se?

LUCINDA - (SECA) Não quero. Geralmente é aqui que me sento, de manhã, mas quando não tem ninguém e posso ficar só.

JENY - Mas eu posso ir para qualquer outro lugar, não preciso ficar aqui.

LUCINDA - Espere. Antes quero dar-lhe algumas ordens, a respeito da maneira de conduzir-se aqui em casa.

JENY - Sim senhora.

LUCINDA - Para princípio de conversa devo dizer-lhe que não quero que se aproxime de meu neto em momento algum, a não ser quando ele estiver em minha companhia, ou na companhia da mãe. E si ele se aproximar de você, longe de nós, arrume imediatamente qualquer pretexto e suma-se. Entendido?

JENY - Sim senhora. Não precisará ter cuidados.

LUCINDA - Só almoçará, jantará, ou tomará café na mesa conosco quando ele não estiver; do contrário, arranjará sempre um pretexto para esquivar-se e irá fazer sua refeição na copa.

JENY - Sim senhora.

LUCINDA - Não sairá à rua sósinna, nem acompanhada de outra qualquer pessoa que não seja a minha nora. Si Luiz Otávio a convidar, você nunca poderá. Entende?

JENY - Entendo, sim senhora e quero adiantar-lhe que não precisará ter o menor cuidado comigo porque não seria justo que viesse para a sua casa complicar o ritmo da sua vida e, menos ainda, aborrecê-la. Portanto, farei tudo como a senhora ordenar.

LUCINDA - Inda bem. Folgo em saber que vem animada de tão boas disposições. Posso saber se foram conselhos do Padre Leonel?

JENY - Não senhora. Foi minha mãe quem me preparou para esta eventualidade. Dá licença, agora, que me retire? Vou costurar no jardim para não aborrecê-la com a minha presença.

LUCINDA - Pode ir.

C/REGHA - PASSOS DE MOÇA SE AFASTANDO NA TIJOLETA.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Dona Lucinda ficou de pé ainda alguns instantes, para melhor observar a sobrinha pelas costas. Sua fisionomia permanecia impenetrável e ninguém, de sã consciência, seria capaz de poder dizer a impressão que a moça lhe teria causado. Quando ela desceu os degraus a velha senhora sentou-se junto à mesa de vime e apanhou o jornal do dia. Neste momento exato, do outro lado do muro, o Conselheiro Epifânio dizia ao seu hóspede e afilhado...

OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRAÇÃO.

EPIFÂNIO - Tenho uma grata notícia para dar-lhe. Sente-se.

OPERADOR - ENTRA COM CARACTERÍSTICA FORTE PARA

FIM DO 21º CAPÍTULO.

03.11.
2011

O MURO DE PEDRA

- Original de ERICO CRAMER -

22º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - O Conselheiro Epifanio, como de hábito, sentara-se no terraço da sala de jantar que dava para o jardim e preparava-se para ler o jornal do dia, quando seu hóspede e afilhado encaminhava-se para a biblioteca e o chamou, satisfeito. O rapaz que, desde a véspera, ao jantar, notara uma melhoria muito grande na atenção que Isabela lhe dispensava, teve um bom presentimento e dirigiu-se ao padrinho sorridente. O Conselheiro foi logo lhe dizendo...

EPIFANIO - Tenho uma grata noticia para dar-lhe. Sente-se.

NARRADOR - O rapaz não esperou segundo convite. Passou a mão numa cadeira, colocou-a junto à poltrona onde estava o padrinho e sentou-se, inclinado para ele como que desejando beber-lhe as palavras, uma por uma. O Conselheiro sentiu a ansiedade do rapaz e, propositadamente, fez uma pausa grande para aguçá-la.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

EPIFANIO - Pois eu hoje tenho boas noticias para dar-lhe, afilhado.

ROGÉRIO - Que bom, meu padrinho.

EPIFANIO - Conversei com Isabela e o problema era aquele mesmo que eu já havia adiantado a você: ela entendia que deveria fugir, para não parecer que estava se oferecendo. Sabe como é... nunca teve namorado... nunca conviveu com rapazes e eu ainda fui lhe fazer certas recomendações que achei necessárias... deu nessa complicação toda que o levou a crer que não seria correspondido.

ROGÉRIO - Fico muito satisfeito de ouvir isto do senhor, meu padrinho. Quer então dizer que posso alimentar esperanças?

EPIFANIO - As mais fagueiras, afilhado. As mais risonhas. Ela me pareceu muito inclinada em aceitá-lo e eu creio que depois de lhe ter dito o prazer com que olharei esta união, não precisará fazer-se mais nada em sua ajuda. Trate, agora, de conquistá-la. Isto sim. Quero que ela seja conquistada, entende?

ROGÉRIO - Claro, meu padrinho, claro. Já se foi o tempo em que uma moça aceitava um rapaz por determinação do pai.

EPIFANIO - Considero esse método abominável e não seria capaz de aplicá-lo às minhas filhas, por mais que desejasse determinado casamento para qualquer uma delas.

ROGÉRIO - É lógico. Mas não se preocupe, meu padrinho que eu hei de me esforçar para que ela sinta e corresponda ao meu amor. E se conseguisse isto de imediato, ao partir já deixaria meu casamento tratado e com data marcada para a celebração.

EPIFÂNIO - Vamos a ver. Confio em que tudo dê certo. E agora, que já sabe de tudo, se quer seguir o seu caminho que interrompi, siga.

ROGÉRIO - Eu não tinha nada de especial para fazer, meu padrinho. Ia apenas ao meu quarto buscar um livro para ler aqui. Gostarei muito mais de conversar, se não o interrompo.

EPIFÂNIO - De modo nenhum. Eu, se leio o jornal a esta hora, é porque não tenho com quem conversar. Minhas filhas, geralmente estão ocupadas com as lides da casa, meu filho na rua a serviço ou em função de qualquer incumbência que lhe dou... Para não ficar parado e acabar dormindo sentado, pego o jornal e venho cientificar-me das novidades que nem chegam a ser novidades porque são, sempre, mais ou menos as mesmas.

ROGÉRIO - Foi pena que só hoje viesse a ficar sabendo disto. Teria vindo sempre conversar com o senhor. Via-o lendo e tinha o cuidado de não me aproximar, para não interrompê-lo.

EPIFÂNIO - Se você pretender oficializar seu noivado antes de sair daqui, deve escrever ao seu pai, solicitando sua aprovação.

ROGÉRIO - Mas eu não tenho nenhuma dúvida de que papai irá ficar muito satisfeito, quando souber das minhas intenções.

EPIFÂNIO - Mas de qualquer maneira será mais delicado que você escreva a ele e o consulte. Ele irá apreciar esse seu gesto.

ROGÉRIO - O senhor tem razão, ele irá apreciar muito, sim. O senhor acha que seria muita precipitação de minha parte falar hoje com Isabela?

EPIFÂNIO - Por que? Desde que se proporcione ocasião, acho que você poderá tocar no assunto. Ela não vai adiantar nada. Conheço bem minha filha, mas o seu silêncio poderá ser interpretado por você como aprovação.

ROGÉRIO - Então hoje à tarde, quando ela for dar a sua costumeira voltinha pelo jardim, tratarei de atacar o assunto, depois de forçar um encontro.

EPIFÂNIO - Irene lhe ajudará. Eu me encarregarei de pedir-lhe.

ROGÉRIO - Obrigado meu padrinho... meu amigo... e meu futuro sogro.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - O rapaz saiu dali completamente animado e feliz. Já não podia haver dúvidas de que Isabela o correspondia. O pai não lhe falaria daquela forma, se

assim não fôsse. Tanto mais que se mostrara contrário a um casamento sem amor. Tão grande era a sua alegria que ele quiz transmiti-la imediatamente ao seu pai e, recolhendo-se ao seu quarto do pavilhão, começou logo a escrever-lhe uma carta, relatando-lhe os acontecimentos. Do outro lado do muro de pedra, na hora do jantar, estando à mesa apenas dona Lucinda, Abigail e Luiz Otávio, o moço desconfiou da ausência de Jeny e não teve dúvida em tocar no assunto.

OPERADOR - SUSPENDE MÚSICA DE NARRAÇÃO.

LUIZ - Jeny não vem jantar?

ABIGAIL - Não, meu filho, não vem. Parece que continua indisposta, como no almoço.

LUIZ - Não tomou nenhum remédio? A senhora não lhe deu nada?

ABIGAIL - Ela não quiz. Disse que costuma ter essas indisposições e que já tomou o remédio a que está acostumada.

C/REGRA - RUIDOS CARACTERÍSTICOS DE JANTAR.

ABIGAIL - Você não vai comer mais nada, meu filho?

LUIZ - Não tenho fome.

ABIGAIL - Quasi não jantou. E a senhora, dona Lucinda? Quer que lhe ponha um pouco mais de guisadinho ou umas batatinhas fritas?

LUCINDA - Não, não quero mais nada. Estou satisfeita. Tomei um prato inteiro de sopa, isto, para mim, já seria o bastante.

ABIGAIL - É uma pena. No suflê de espinafre ninguém tocou. Nas panquecas também. Eu às vezes penso que sou eu que não sei determinar bem o jantar.

LUIZ - Nada disto, mããe. É que com o calor a gente não sente tanto apetite. (PAUSA LONGA) Jeny não está acamada, está?

ABIGAIL - Não, acho que não. Pelo menos, de tarde ela andou aí.

LUIZ - Se amanhã ela não estiver melhor...

LUCINDA - (CORTA, IRRITADA) Por que tanto interesse por Jeny? Já não basta o que fez? Quer repetir a façanha?

LUIZ - Não, vóvó; quero, apenas, que ela seja tratada como uma criatura que pertence à nossa família e a sua ausência na nossa meza, hoje, desde o café da manhã, está me deixando muito desconfiado.

LUCINDA - Desconfiado de que? Por que?

LUIZ - Porque fiquei conhecendo as suas primeiras disposições em relação à moça.

LUCINDA - Eu gostaria de saber que motivo o fez arvorar-se, repentinamente, em protetor de sua prima.

LUIZ - Sou igual ao meu pai. Visceralmente contra as injustiças, vóvó.

LUCINDA - mas quem é que fez, aqui, qualquer injustiça contra essa menina?

LUIZ - Desculpe, vóvó, mas a senhora teria feito uma, se eu não intercedesse.

ABIGAIL - (CENSURANDO-O) meu filho!

LUIZ - E não sei si essa ausência dela, de nossa mesa, não será uma continuação daquele seu propósito.

ABIGAIL - (ZANGANDO-SE) meu filho, você está falando com sua avó, lembre-se disto.

LUCINDA - não se preocupe, Abigail. A mocidade, geralmente, tem desses arroubos. Gosta de arvorar-se em defensora dos oprimidos, mas aqui não existe ninguém nessas condições e os seus arroubos tornam-se quixotescos, meu neto. E se põe em dúvida a palavra de sua avó, converse com Jeny e pergunte-lhe por que razão ela se ausentou de nossa meza. Estou certa de que há de lhe dizer a verdade.

LUIZ - Está bem, vóvó, desculpe.

LUCINDA - Era melhor que não dissesse bobagens do que dizê-las e depois ser obrigado a desculpar-se.

ABIGAIL - Vamos tomar o cafésinho no terraço? Lá sempre está mais fresco do que aqui.

LUIZ - Não, minha mãe, obrigado. Tenho estudo com alguns colegas dentro de quinze minutos e não vou esperar o cafésinho para não chegar atrasado. Com licença.

C/REGRA - AFASTAR CADEIRA DA MESA. PASSOS DE LUIZ OTÁVIO QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

LUCINDA - Eu também não vou tomar cafésinho. Vou suspendê-lo por uns dias, para ver se durmo melhor.

ABIGAIL - Eu penso que também vou fazer o mesmo. Ando durmindo muito mal. E o pouco que durmo é sempre com pesadelos.

LUCINDA - Você viu como esse menino está se tornando insolente comigo? Mas se pensa que vai tomar as rédeas da casa, está muito mal enganado. Aqui dentro mando eu. E só deixarei de mandar quando me levarem desta para outra.

ABIGAIL - Os estudantes, hoje, no meu modo de ver e para a maneira como eu fui educada, estão todos assim: altaneiros e revoltados. Ele convive diariamente com os outros, naturalmente adquiriu os mesmos defeitos de educação. Eu não canso de chamar a atenção dele, todos os dias, para uma porção de coisinhas que ele antes não fazia e agora faz.

LUCINDA - É bom que ele converse com ela, para saber-se o que é que ela vai dizer. Por aí já se vai ficar conhecendo, em parte, o caráter da menina. Tomara que cumpra o que prometeu, sinão não sei o que farei com ela.

ABIGAIL - Quando ele ~~vai~~ descer já se ficará sabendo, porque ele não vai conseguir manter-se calado até amanhã ou depois; vai explodir logo.

LUCINDA - Ela não está lá em cima. Deve andar pelo jardim, fazendo horas para que terminemos.

ABIGAIL - Então a prova que a senhora deseja tirar vai ter que ficar transferida para amanhã.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM DESCENDO ESCADA EM SEGUNDO PLANO. DEPRESSA.

LUCINDA - Ele está descendo. É bom mudarmos de assunto. É sempre bom não precipitar as coisas.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - E Luiz Otávio saiu, depois de beijar a mãe e a avó, quasi sem dizer palavra. Embora a avó houvesse reagido contra a insinuação dele, não se mostrava muito convencido. Parecia-lhe uma coincidência grande demais ~~entre~~ o desejo manifestado por dona Lucinda e o procedimento de Jeny esquivando-se de vir à mesa. E intimamente prometia a si mesmo esclarecer o assunto nos próximos dias. Enquanto isto, do outro lado do muro de pedra, Irene, ainda eufórica com o resultado obtido pelas suas tramas, encontrava a irmã sózinha no jardim e aproveitava a oportunidade para convencê-la de que, finalmente, havia enveredado pelo caminho certo.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

IRENE - Agora sim. Agora você acertou no alvo verdadeiro. Um rapaz como Rogério é tudo que uma moça pode desejar.

ISABELA - Se pensa assim, por que não procurou conquistá-lo?

IRENE - Simplesmente porque ele se interessou por você e não por mim. Então pensa que si ele tivesse me procurado, como procurou a você, que eu teria o mau gosto de recusá-lo? Você é mais bonita, com menos oito anos do que eu, é claro que eu nunca poderia pretender me atrevessar à sua frente. Seria perder meu tempo e saber, de antemão, que a derrota haveria de vir, fatalmente.

ISABELA - Não, mana, diga a verdade: você é que não se interessou por ele, desde o princípio. Então pensa que eu não percebi?

IRENE - Está bem, admito, mas havia uma razão muito importante: ele é mais moço do que eu.

ISABELA - Não, mana. Você continua escondendo a verdade. Antes desta, havia uma outra razão inda mais importante.

IRENE - Que ideia tola! Nem sei porque você diz uma bobagem dessas.

ISABELA - Bobagem é querer você tapar o sol com a peneira. Eu não sou nenhuma tola, saiba e há muito que a venho observando.

IRENE - O que é que você quer dizer com tudo isto?

ISABELA - Apenas o que já disse. Que a razão principal de você não se ter interessado por Rogério e outra e não a diferença de idade, que afinal nem é tanta. Na nossa própria família existem dois casos de mulheres mais velhas trez e quatro anos do que os maridos. E vivem perfeitamente bem, segundo sabemos.

IRENE - Mas a minha diferença ainda seria maior. Ele tem vinte cinco e eu vou fazer trinta e um.

ISABELA - Quando se gosta, nada disto se leva em conta. Você quer que eu lhe diga, francamente porque você não se interessou por ele?

IRENE - Não quero ouvir mais tolices. Chega as que já ouvi.

ISABELA - Você não quer ouvir, mas eu vou dizer.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA FORTE PARA FINAL DA PRIMEIRA PARTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MEIO.

OPERADOR - MÚSICA DE ABERTURA DA SEGUNDA PARTE. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Irene, temerosa de que a irmã pudesse ter descoberto a verdade, procurou fugir de escutá-la, mas Isabel^{que} já havia confirmado as suas desconfianças e exgotado a sua paciência com as perseguições sofridas, não quis perder a oportunidade para desmascará-la e quando ela se levantou para sair, colocou-se rapidamente em sua frente, fechando-lhe o caminho. Irene ainda tentou safar-se, empurrando-a, mas ela agarrou a outra pelos braços, resoluta e repetiu-lhe no rosto:

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

ISABELA - Você não quer ouvir, mas eu vou dizer. Você não se interessou por Rogério porque ama Luiz Otávio.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO ENORME. A MUSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

IRENE - Você está louca?! Se repetir tamanho absurdo, serei capaz de esbofeteá-la!

ISABELA - Pois faça e todos aqui em casa, inclusive Rogério, ficarão sabendo a verdade tal como ela é. Por enquanto estou dizendo apenas a você, mas sendo preciso, repetirei a todos.

IRENE - Você enlouqueceu, é a única dedução a que posso chegar depois de tudo isto!

ISABELA - Ainda não enlouqueci. É possível que isto aconteça, se me obrigarem a casar contra a minha vontade, mas por enquanto, ainda sei bem o que digo e o que faço.

IRENE - Sabe nada. Quem diz absurdos dessa monta não pode estar no seu juízo ~~perfeito~~ perfeito.

ISABELA - Pois então saiba que ainda sou capaz de dizer e fazer coisas muito piores. Si eu perdesse o duelo que travamos numa luta leal, onde a arma usada fosse apenas a conquista, ficaria calada e me conformaria. Mas perder uma luta com golpe rasteiro, onde ainda se exige o holocausto do coração da derrotada, parece-me demais e eu não creio que possa ir até ao fim sem rebelar-me.

IRENE - A cada acusação nova que você me faz, mais cresce em mim a convicção de que você está com delírios de imaginação. Sou capaz de aconselhar papai a chamar um médico pra examiná-la.

ISABELA - Sei que você será capaz de tudo para se defender, mas depois que eu tiver me resolvido a falar de verdade, não sei qual de nós duas ficará em pior situação. E agora, se quiser, pode ir. Já lhe disse tudo que desejava.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Irene olhou a irmã nos olhos por um instante apenas. Sua decisão estava neles gravada com tanta clareza que ela percebeu que tudo quanto dissesse para desconvencê-la resultaria inútil. Levantou a cabeça e saiu sem dizer palavra. Isabelá voltou a sentar-se no banco e ali permaneceu ainda algum tempo em silêncio, pensando na corágem que, súbitamente, lhe nascera do fundo do seu desespero. Avistou Rogério de longe. Percebeu que ele perambulava pelo jardim à sua procura e, esgueirando-se entre as glicínias e roseiras, tomou a direção da casa. Não poderia tratá-lo como deveria, na agitação de espírito em que se encontrava. Achou mais prudente esconder-se. Enquanto isto, a carta que o moço mandara ao seu pai, no norte, acabava de chegar ao seu destino e o velho Herculano, relia trechos com indizível prazer.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

HERCULANO - Pois hoje recebi uma carta de meu filho, lá do sul, que me encheu de alegria.

AMIGO - Que bom. Como vai êle, doutor Herculano?

HERCULANO - Muito bem. Pensando em casar-se por lá.

AMIGO - Não me diga! E a moça, quem é?

HERCULANO - A mais moça das filhas do meu amigo, onde êle está hospedado. Gente boa. Da nata. As filhas de Epifânio não podem deixar de ser moças como se diz "da sala à cosinha".

- AMIGO - Aliás a gente do sul parece que se esmera muito na educação dos filhos.
- HERCULANO - E das filhas, principalmente. O Epifânio então é conhecido e até censu-
rado pelo extremo cuidado que tem com as meninas. Mas que ver o entusias-
mo do meu filho? Ouça só.
- ROGÉRIO - (CARTA) Desde os primeiros dias de minha chegada que Isabela me impressio-
nou fortemente, mas era tão esquiva, tão retraída que cheguei a pensar
que não se tivesse agradado de mim. Depois, como tivesse confessado a mi-
nha simpatia por ela ao meu padrinho e me queixado do seu constante afas-
tamento, fiquei sabendo que esta fôra a instrução do pai, para que não
parecesse que se estavam a oferecer.
- HERCULANO - Veja o que lhe disse, sôbre o cuidado que ele tem com elas.
- ROGÉRIO - Meu padrinho então deu-lhe permissão para conversar todos os dias comigo
e penso que estamos a nos entender. Se o senhor não tiver nenhuma objeção
a fazer, penso que ao sair daqui ficarei noivo, para casar-me em meados do
próximo ano. Espero em breve uma carta sua que me traga a permissão aos
meus projetos.
- AMIGO - E o senhor já respondeu?
- HERCULANO - Ainda não. Penso que responderei esta noite, mandando-lhe plena aprova-
ção à escolha e prometendo o meu comparecimento à cerimônia do casamento.
E nem sei se, com isto, darei maior alegria a ele ou ao Epifânio. Fomos
grandes amigos ao tempo da Faculdade. Depois... a vida nos separou, cada
qual tomou o seu rumo e nunca mais nos vimos, mas nunca deixamos de nos
corresponder. Quando Rogério nasceu, convidéi-o para padrinho mas ele não
podeu vir. Batisou o menino por procuração. Agora é que foram se conhecer
padrinho e afilhado. Vinte cinco anos depois.
- AMIGO - É para se ver que uma amizade sincera pode muito bem desafiar o tempo e
a distância.
- HERCULANO - Exatamente. E é interessante pensar que a vida ontem nos separou e os fi-
lhos, amanhã, vão nos reunir outra vez.
- AMIGO - Caprichos do destino.
- HERCULANO - Eu prefiro dizer que são determinações de Deus.
- OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.
- NARRADOR - Mal a visita saiu, o doutor Herculano foi responder a carta do filho para
dizer-lhe do prazer que sentira ao saber da ^{sua} escolha. ~~... Mas~~ Mas
o que não sabia e estava longe de imaginar é que a moça escolhida não ama-
va seu filho e apenas se tornaria noiva dele para satisfazer a vontade do

pai, a quem se habituara a obedecer cegamente. As probabilidades de que o ~~xx~~ casamento saísse não eram realmente muitas, pois que Isabela já confessara à irmã as suas dúvidas em poder levar^o seu sacrifício até ao fim. Mas todos contavam que Rogério conseguisse conquistar a moça, e ele, em verdade, possuía todos os requisitos necessários para sagrar-se vencedor da contenda. Nesse meio tempo, na mansão do Conselheiro Epifânio...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO PARA NARRAÇÃO.

FELIPE - Você reparou como papai está outro homem, desde que conseguiu convencer Isabela a aceitar o noivado com Rogério?

IRENE - Pois é, mas eu tenho muita pena, porque essa alegria dele não vai durar muito tempo, infelizmente.

FELIPE - Como assim? O que é que você quer dizer com isto?

IRENE - Que Isabela vai aceitar o pedido de Rogério, mas não vai se casar com ele.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

FELIPE - Como é que você pode dizer uma coisa dessas, mana Irene?! Isabela não pode nem pensar em fazer um papelão destes!

IRENE - Mas pensa. Pensa, porque ainda hoje me disse.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SUSTO.

FELIPE - Não é possível! Mana Isabela terá perdido o juízo, agora?

IRENE - Ela me disse que aceitou com esta condição: se Rogério não conseguir conquistá-la, fica o dito por não dito.

FELIPE - E papai ia aceitar uma coisa destas, Irene? Pense bem. Ele não poderia concordar, jamais, em humilhar um afilhado que não é apenas um afilhado porque é filho de um homem que ele considera como seu irmão. Ele poderá ter dito isto apenas para acabar de convencer Isabela, mas nunca com a intenção de permitir que ela recuasse. Não acredito. Não posso acreditar.

IRENE - É, talvez você tenha razão e seja exatamente assim, mas eu não creio que ela vá ceder facilmente.

FELIPE - Quer dizer que você não faz muita fé em que ele chegue a conquistá-la?

IRENE - Sinceramente, não.

FELIPE - Mas por que? Você não acha que ele possui todas as qualidades para prender a moça mais exigente?

IRENE - Acho, mas conheço muito bem Isabela e sei que quando ela deriva para um lado é muito difícil alguém conseguir convencê-la do contrário. Ela já vai para o noivado achando que não vai dar certo e não dá mesmo.

FELIPE - Mas nós precisamos evitar que isso aconteça, mana, principalmente por causa

de papai. Já pensou no que ele iria sofrer?

IRENE - Mano, eu, por mim, já disse a ela tudo que tinha a dizer, e senti que não a impressionei. Fale você. Pode ser que o seu poder de convicção seja mais forte que o meu e você consiga abalar o seu coração.

FELIPE - Vou falar, sim. É só apanhá-la a jeito.

IRENE - Eu prepararei a oportunidade para você, se quiser.

FELIPE - Quero, sim. Não posso permitir que Isabela dê um tamanho desgosto a papai.

IRENE - Pois então dentro de uma hora vá ao banco de azuleijos que lá ela estará sentada, como é seu costume.

OPERADOR - ENTRA COM MUSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Felipe sentiu-se profundamente chocado com o que acabara de ouvir dos lábios de Irene. Em realidade, ele se preocupava muito com a contrariedade que o fato pudesse causar ao seu velho e venerado pai, mas o seu desaponto maior era pela própria irmã. Por desprezar, ela, uma oportunidade talvez sem par na sua vida. Regeitar um moço como Rogério, com todos os seus atributos e qualidades era o que se diz, comumente "dar um pontapé na sorte". Sim, era isto o que Isabela estava pensando em fazer e ele precisava convencê-la a não fazer. Na hora aprazada, enquanto Irene se encarregava de prender Rogério e retardar seu encontro, Felipe sentava-se ao lado da irmã, no jardim, no banco de azuleijos do recanto espanhol.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

FELIPE - Você parece triste, mana, quando deveria estar dando graças ao céu pelo rapaz de quem vai ficar noiva.

ISABELA - Pois é, mano, todos me dizem a mesma coisa, mas eu não consigo fazer com que o meu coração escute a voz da razão. É ele que não quer. É ele que regeita Rogério. Nunca pensei que o coração fosse capaz de mandar tanto em nós.

FELIPE - Há corações que se assemelham a determinadas crianças, teimosas e birrentas. É uma questão de convencê-los aos poucos, de mansinho e sem forçar a natureza. Com este método, acho que tudo se consegue deles.

ISABELA - É o método que pretendo empregar com o meu, uma vez que todos em casa desejam ardentemente esta união. Mas se não conseguir atingir o que desejo, mano... então não haverá quem me convença de violentá-lo.

FELIPE - Rogério vai conquistar você, tenho certeza. Você nunca namorou... nunca amou... não será difícil, para ele, despertar seu coração de virgem para o amor.

ISABELA - Você se engana, mano Felipe. Vai ser muito difícil para Rogério conquistar.

me porque eu já dei meu coração a um outro homem.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO BRUTAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

FELIPE - Mana!... Não é possível. Não acredito no que você está me dizendo!

ISABELA - Pode acreditar, mano, porque é a pura verdade. Eu amo outro homem.

OPERADOR - REPETE O ACORDE. O FUNDO PERMANECE.

FELIPE - Mas como?!... De que modo isso aconteceu, se você não vai a parte alguma e não convive com nenhum rapaz?!

ISABELA - Quando as coisas têm que acontecer, mano, não há força que as impeça.

FELIPE - Que pena, mana! Agora, sim. Agora vejo que a situação é muito mais séria do que eu poderia imaginar. (PAUSA LONGA) E esse rapaz quem é? Você será capaz de me dizer?

OPERADOR - ENTRA COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

FIM DO 22º CAPÍTULO

O MURO DE PEDRA

- Original de ERICO CRAMER -

23º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDO PARA NARRAÇÃO.

03. 11.
20 11

NARRADOR - No recanto espanhol do jardim da mansão do Conselheiro Epifânio, sua filha Isabela, sentada num banco de azuleijos antigos, esperava seu quase noivo Rogério, como já ha alguns dias vinha acontecendo. Naquele dia, inexplicavelmente, ele estava tardando e quem surge, de repente, no lugar dele é Felipe, avisado que fôra por Irene de que ela, embora houvesse concordado em vir a ficar noiva, não estava pretendendo casar-se. Felipe não podia concordar com aquele extranho procedimento de Isabela e queria conversar com ela para mostrar-lhe a seriedade do compromisso e todas as vantagens que ela poderia auferir daquele casamento. E em determinado momento da conversa Felipedisse à irmã...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

FELIPE - Rogério vai conquistar você, tenho certeza. Você nunca namorou... nunca amou... não será difícil, para ele, despertar o seu coração de virgem para o amor.

ISABELA - Você se engana, mano Felipe. Vai ser muito difícil para Rogério conquistar-me, porque eu já dei meu coração a um outro homem.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO BRUTAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

FELIPE - Mana!... Não é possível! Não acredito no que você está me dizendo!

ISABELA - Pode acreditar, mano, porque é a pura verdade. Eu amo outro homem!

OPERADOR - REPETE O ACORDE. O FUNDO PERMANECE.

FELIPE - Mas como?!... De que modo isso aconteceu, se você não vai a parte alguma e não convive com nenhum rapaz?!

ISABELA - Quando as coisas têm que acontecer, mano, não há força que as impeça.

FELIPE - Que pena, mana! Agora, sim, agora vejo que a situação é muito mais séria do que eu poderia imaginar! (PAUSA LONGA) E esse rapaz quem é? Você será capaz de me dizer?

ISABELA - Acho que você havia de preferir não saber, mas se insiste em que eu diga..

FELIPE - Acho que preciso saber, mana. Para poder fazer alguma coisa por você, preciso saber.

ISABELA - É Luiz Otávio, o rapaz que mora aqui ao lado.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO BRUTAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO;

FELIPE - O rapaz que mora aqui ao lado?! Mas meu Deus, como é possível?! Será que eu não estou sonhando? Será que ouvi bem o que você disse? O rapaz que mora aqui ao lado?

ISABELA - Extamanete, mano. O rapaz que mora aqui ao lado.

FELIPE - Mas... mas de que modo você o conheceu? Como? Quando?!...

ISABELA - Vai para trez mezes estavamos naquele canto jogando peteca, mana Irene e eu. A peteca caiu para o lado de lá e nós tivemos que interromper o jogo. Sentamos no banco e ficamos conversando. Quando menos esperamos, ele surgiu no alto do muro e jogou a peteca de volta para nós. Foi aí que trocamos algumas palavras, mas as suficientes para que nos prendessemos irremediavelmente. A partir daí, várias vezes conversamos furtivamente até que Irene nos surpreendeu e ameaçou-me de contar a papai, se voltássemos a nos encontrar. Faz talvez uns dez dias que não nos vemos, mas eu só penso nele e sei que ele continua a pensar em mim. Que posso ter eu no coração para dar a Rogério? Diga.

FELIPE - Nestas condições... penso que quasi nada.

ISABELA - Nada, pode afirmar sem receio. Nada.

FELIPE - E você não pensou que seu amor pelo vizinho é um amor impossível?

ISABELA - Para Deus nada é impossível, mano. O mundo dá tantas voltas...

FELIPE - Mas aí não tem volta, mana. Infelizmente não tem. Papai aceitaria o diabo como genro, mas não aceitaria esse rapaz.

ISABELA - E por que, mano Felipe? Que terá havido, no passado, entre as duas famílias que hoje existe esse ódio que não ha meio de apagar?

FELIPE - Não sei, mana. Quando despertei para as coisas mais sérias da vida, já encontrei aquele muro de pedra no lugar onde existia, outr'ora, uma cerca de rosas. E nunca consegui que ninguém me explicasse os motivos da radical transformação. Muitas vezes perguntei, mas um dia meu pai me proibiu de voltar a tocar no assunto e, desde então, fiz silêncio sobre ele. Suponho que o motivo deve ter sido muito forte, sinão o ódio não poderia subsistir tanto tempo.

ISABELA - A lei de Deus é a do perdão. Quem sabe se justamente porque nos afastamos dela não fomos agora marcados pelo céu para abrir a porta da reconciliação?

FELIPE - Não sei, mas de qualquer forma acho muito difícil que isto possa acontecer. E presinto que muitas lágrimas não de chorar seus pobres olhos, minha irmã, se você não cuidar de afastar-se e arrancar esse amor do seu coração.

ISABELA - Não posso fazê-lo, mano. Sinto que não terei forças para tanto.

FELIPE - É uma pena, mana! Uma verdadeira pena: Em todo o caso, o que desejo dizer a você é que se puder ajudá-la, estou pronto a fazê-lo.

ISABELA - Obrigada. Eu sabia, de antemão, que poderia contar com você.

FELIPE - Lá vem Rogério. Eu vou sair, para deixar que conversem à vontade.

OPERADOR - ENTRA COM MUSICA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - Felipe saiu do encontro com a irmã, com um enorme peso no coração. Não podia compreender como acontecera semelhante coisa. Por que ela, justamente a mais frágil de todas, havia de ser a escolhida para o acerto de contas? Seu pai não concordaria jamais com aquele casamento, nem ele acreditava que a mãe e a avó de Luiz Otávio pudessem concordar também. Logo, o que de melhor Isabela teria a fazer, era tratar de esquecer aquele malfadado amor. Mas como convencê-la? Como? Saiu dali à procura de Irene, mas encontrou-a em companhia do pai e não pôde falar-lhe. Contudo, decidiu-se a traçar, com ela, um plano para afastar a irmã daquele caminho de espinhos que ela se mostrava disposta a trilhar. No dia seguinte, pela manhã...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

ROGÉRIO - Acabo de receber uma carta do papai, meu padrinho.

EPIFÂNIO - Como é que ele vai?

ROGÉRIO - Muito bem e muito satisfeito com as notícias que lhe mandei. Quer ler a carta, está aqui.

EPIFÂNIO - Deixei os óculos no quarto. Preferia que você lesse para mim.

ROGÉRIO - Ouça, então. (LENDO) Meu muito querido e saudoso filho.

MERCULANO- (VOZ DE CARTA) Hoje tive o grato prazer de receber sua última carta e só não a respondi imediatamente porque, momentos depois de a ter lido, recebi a visita de um amigo que me cortou a intenção. De qualquer forma aqui estou a respondê-la, antes de dormir, para que ela seja respondida no mesmo dia do seu recebimento. A grande notícia que ela me traz é a do seu interesse por Isabela, coisa que, de tão boa, eu nem me atrevera a desejar. Você tem minha inteira aprovação à escolha, meu filho e desejo que o mesmo pense meu amigo Epifânio com respeito a você. Acertem-se e deixem tudo planejado, para que eu possa ir desde já me preparando para estar presente ao grande momento.

EPIFÂNIO - Não é possível! Será mesmo verdade que o Herculano está fazendo planos de vir aqui? Para mim tudo teria dobrada significação.

ROGÉRIO - E ele pensa vir, sim, porque aqui em baixo ele repete...

- HERCULANO - (CARTA) Não sou muito de sair das minhas comodidades, mas a um casamento de tanto gosto eu jamais me furtaria ao prazer de ir. Assim que te-nhas oficializado essa intenção, telegrafa-me. As cartas demoram sempre mais e eu já estou ansioso pela tua confirmação. Abraça por mim ao Herc-
culano, dizendo-lhe da minha alegria por saber que vamos ficar ainda
mais ligados do que já somos por força da nossa velha amizade. Recomen-
da-me às meninas e ao Felipe com toda a ternura e estima e recebe a bên-
ção de teu pai...
- ROGÉRIO - (LENDQ) Herculano. Viu como ele está exultante?
- EPIFÂNIO - Vi e folgo bastante em que seja assim.
- ROGÉRIO - Eu agora queria combinar com o senhor a data do contrato de casamento.
- EPIFÂNIO - Quando é que você está pensando voltar?
- ROGÉRIO - Até o fim do mês, porque, infelizmente, não poderei ficar mais tempo.
- EPIFÂNIO - Pois então na véspera do seu regresso faremos uma reunião íntima e ofi-
cializaremos o noivado, com uma festinha que será, ao mesmo tempo, de
despedida. Em todo o caso acho que você deve combinar, antes, com a sa-
bela.
- ROGÉRIO - Já lhe falei sobre o assunto. Ela me disse que é indiferente. Que eu re-
solva quando quizer.
- EPIFÂNIO - Pois então está resolvido. Na véspera do seu regresso.
- OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRACÃO.
- NARRADOR - E enquanto isto acontecia na mansão do Conselheiro Epifânio, do outro
lado ~~da~~ do muro de pedra, em casa de dona Lucinda, a vida, aparentemen-
te, corria normal, mas no fundo todos ~~em~~ estavam vivendo em desconfiança,
uns espionando os passos dos outros, uns procurando atribuir aos outros
intenções muitas vezes inexistentes, vendo em gestos naturais expressões
furtivas. Luiz Otávio não se conformava com o fato de sua prima nunca
mais ter vindo participar, na mesa, de qualquer uma das refeições da fa-
mília e menos, ainda, de o evitar para que ele pudesse pedir uma expli-
cação. Naquele dia ele a vistora no jardim, bordando, sentada a um ban-
co, nas proximidades da casa. Saiu pelos fundos, contornou a mansão e
conseguiu surpreendê-la. Seu susto foi tão grande que mal pode disfarçar
- OPERADOR - SUSPENDE O FUNDO DE NARRACÃO. CANTO DE PÁSSAROS PARA FUNDO DO DIÁLOGO.
- LUIZ - Que foi? Assustei-a?
- JENY - Não... quer dizer... eu não o esperava... você apareceu tão de repente..
- LUIZ - Para evitar que você tivesse tempo de fugir de mim, como o vem fazendo

- ultimamente. Eu lhe fiz alguma coisa?

JENY - não, não, que esperança... Eu... eu não fujo, é impressão sua.

LUIZ - Então sente-se, vamos conversar um pouco. Há quantos dias não a vejo si-
não de passágem?

JENY - Bem, é que eu... eu tenho andado muito ocupada, entende? Titia achou que eu mesma deveria preparar meu enxoval para o internato, de formas que tenho passado quasi os dias inteiros, costurando ou bordando.

LUIZ - Mas poderia fazer isto na reunião com todos nós.

JENY - Não posso. Eu não sei bordar e conversar ao mesmo tempo, ou mesmo apenas ouvir o que conversam. Se desvio um pouquinho a atenção do meu trabalho, erro tudo e sou obrigada a fazer de novo. Então isolo-me.

LUIZ - E na hora das refeições? Por que não vai fazê-las conosco? Seria uma oportunidade de conversarmos.

JENY - Eu explico a você. Minha mãe trabalhava para manter-nos, depois que papai faleceu. Tinha que estar de volta ao trabalho exatamente na hora em que, aqui, o almoço vai para a mesa. Acostumei-me a almoçar cedo, com ela e se passo um pouquinho da hora, fico com uma dor de cabeça horrível. Foi por isto que pedi permissão à titia para almoçar mais cedo e ela, gentilmente, concordou.

LUIZ - Até agora você se saiu bem nas suas desculpas, mas agora vem a parte mais difícil de me convencer: e por que me evita? Por que foge de mim?

JENY - Bem, eu... eu preferia não lhe dizer. É uma questão íntima, entende?

LUIZ - Não, não entendo. Acho que para você proceder assim deve haver um motivo e que, se somos primos e vamos morar juntos devemos ter franqueza um com o outro.

JENY - Insiste, então, em querer saber por que o evito?

LUIZ - Insisto. E assim procedo porque tenho as minhas desconfianças.

JENY - Pensei que quando lhe dissesse que era uma questão íntima que você logo fôsse perceber o motivo. Como não percebeu, ainda que me custe, serei obrigada a dizer-lhe. Quero resguardar-me, entende?

LUIZ - (NATURAL E COMPLETAMENTE POR FORA) Não, não entendo.

JENY - Óra vamos, pelo amor de Deus!... Acho que você não tem bem consciência do que é e do que vale.

LUIZ - Por que diz isto?

JENY - Porque você é um rapaz moço, simpático, afável, desfruta de uma situação esplêndida na vida e, por conseguinte, torna-se um perigo para qualquer

- moça, até mesmo para uma pobretona que tenha consciência da sua humildade, como eu. (PAUSA) Chegou? Ou será que ainda não entendeu? •

LUIZ - Entendi, sim. Você tem medo de gostar de mim, não é? (PAUSA LONGA) É... faz bem, então. Faz bem porque... se isto acontecesse... (TRISTE) eu não teria amor para lhe dar.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DA PRIMEIRA PARTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE DO MELO.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE. FUNDO PARA NARRAÇÃO

NARRADOR - A expressão de profunda tristeza com que Luiz Otávio disse à Jeny as últimas palavras, despertaram no coração da moça uma pena muito grande por ele pois que ela pode deduzir que ele amava e sofria. Bem quizera prolongar o assunto para poder firmar-se mais na sua convicção e dirigir-lhe palavras de ânimo e de consolo, mas não era do seu feitio deixar de cumprir o que prometera e ela havia prometido a dona Lucinda que o evitaria sempre e assim haveria de fazê-lo. Houve uma pausa em que ambos se deixaram perder nos seus pensamentos e, por fim, ela se levantou para sair.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO. PASSAROS CANTANDO EM FUNDO.

LUIZ - (TRISTONHO) Já vai?

JENY - Tenho que ir. E agora que já sabe os motivos que me animam, não me peça para ficar.

LUIZ - Não, não peço. Pode ir, se quiser. Só uma coisa quero lhe dizer, ainda.

JENY - Diga.

LUIZ - Quero ser seu amigo. Conte comigo, se necessitar de alguém.

JENY - Obrigada. Eu senti que podia contar com você, desde que entrei aqui.

LUIZ - Com mãe também você pode contar. Ela é boa e compreensiva. Será incapaz de traí-la, em qualquer ocasião.

JENY - Percebi isto também. Gosto muito de sua mãe.

LUIZ - E vóvó também não é má. É exquisita, teimosa, prepotente, mas no fundo é boa de coração. No dia em que você a conhecer melhor, vai concordar comigo.

JENY - Mas eu não estou discordando. Tenho que concordar que ela é boa. Basta o fato de me ter recebido em sua casa. (MOVIMENTO DE SUSTO) Que susto levei agora! Idalino surgiu ali e eu pensei que fosse ela. Deixe-me ir.

C/REGRA - PASSOS DE JENY AFASTANDO-SE NO AREÃO DO JARDIM.

LUIZ - Será que o Idalino está à minha procura? (PROJETANDO) É comigo, Idalino? Estou aqui.

C/REGRA - PASSOS DE IDALINO, MELO ARRASTADOS, NO AREÃO, APROXIMANDO-SE.

LUIZ - Você veio buscar flores, ou veio buscar-me?

IDALINO - Num é isso não, sinhôzinho. Morreu uma netinha da lavadeira; ela veio buscá dinheiro móde fazê o enterro e a sinhá mandou panhá umas frô móde butá no anjinho. Panhei essas tudo. Suncê num acha que chega?

LUIZ - Acho que sim, não sei. Não entendo muito dessas coisas. E também não gosto de tomar conhecimento delas. Vou deixar a lavadeira ir embora para voltar pra casa.

IDALINO - Ninguém gosta, sinhôsinho, mas o caso é que as pessoa que tá sofrendo sem pre precisa das outra. Num dá pra todos fugi que nem suncê.

LUIZ - Sabe o que é que me aflige, Idalino? É ver uma pessoa chorar por um motivo justo e não poder fazer nada para secar-lhe as lágrimas. Não é a dor da pessoa que me afasta dela, é a impotência em que fico eu para consolá-la.

IDALINO - Tá bão, meu fio, deixa eu i levá as frô, já que suncê vai insperá que ela vá simhora pra dispois vortá pra casa.

LUIZ - Toma idalino, leva isto. Foi o que me sobrou da mesada. Dá a ela, em meu nome, para qualquer coisa.

IDALINO - Tá, meu fio, eu dou.

LUIZ - Diz a ela que é pouco, mas é só o que eu tenho.

IDALINO - Tá bão, meu fio, num é tão pouco. Vai servi bastante pre ela, coitada.

LUIZ - Então vai de uma vez que ela deve estar aflita para voltar pra casa.

OPERADOR - CORTA OS PÁSSAROS EM FUNDO E ENTRA COM FUNDO DE NARRAÇÃO.

NARRADOR - E enquanto o preto velho se afastava, arrastando os chinelos na areia do jardim, Luiz Otávio voltava a pensar na sua vida e na ingratidão que o amor o fizera sofrer. E porque sofria e a sua dor não era pouca, não podia deixar de concordar com as precauções que Jeny tomara para ~~XXXXXXXXXX~~ não ser atingida pelo sofrimento. Ele tivera pena da velha lavadeira ao saber que sua neta havia morrido e que ela estava sofrendo. Mas uma dor assim poderia ser comparada com a de alguém que perde uma pessoa que continua viva? Sim, Isabela para êle, agora, era uma morta viva, ou êle é que seria um morto vivo? Não sabia. E enquanto Luiz Otávio se perdia nestas considerações, do outro lado do muro de pedra Felipe e Irene falavam a respeito da irmã.

OPERADOR - CORTA FUNDO DE NARRAÇÃO. CANTO DE PÁSSAROS.

FELIPE - Não sei se deveríamos permitir que papai concretizasse o noivado de Isabela.

IRENE - Como não, mano?! Você está louco ~~de~~ tentar impedi-lo? Mataria a alegria maior de papai nestes últimos tempos!

FELIPE - Em compensação, dariamos a Isabela a maior tristeza que ela poderia ter.

- IRENE - Isabela é moça, teria ainda muito tempo para se refazer. Papai está no fim de sua vida, praticamente. E você vai ver como ela ainda acabará por amar Rogério. Você vai ver.
- FELIPE - Eu também pensava assim, mas desde que ela me confessou seu amor pelo nosso visinho que perdi completamente esta esperança.
- IRENE - Por que? Nem seria preciso grande coisa. Bastaria que ela se desiludisse dele. E todo o meu trabalho, ultimamente, tem sido neste sentido. Você poderia ajudar-me, mano. Ela o escuta muito.
- FELIPE - Mas ajudá-la como?
- IRENE - (DEPOIS DE PAUSA) Sabe o que é que você poderia fazer? Dar um jeito de falar com ele e pedir-lhe, como obséquio, que não a procurasse mais, ou melhor, ainda: pedindo-lhe que escrevesse uma carta para ela, confessando o seu engano e pedindo-lhe desculpas. Se conseguíssemos isto, o seu brio de mulher faria o resto.
- FELIPE - Sabe que é uma providência a se estudar?
- IRENE - Claro. E para você não seria tão difícil conseguir isto.
- FELIPE - Talvez por intermédio da mãe dele se conseguisse a carta. O que é que você acha?
- IRENE - Você teria coragem de bater lá e pedir para falar com ela?
- FELIPE - E por que não? Para salvar a felicidade de Isabela, ou a sua, se fôsse o caso, eu farei qualquer coisa. Mesmo que ela me receba mal e me expulse da sua casa, eu, pelo menos, tentei.
- IRENE - Pois então faça isto, mano. mas faça logo, antes que o noivado se oficiali- se, porque então já ela o receberá de muito melhor boa vontade. Uma hora boa deve ser à tardinha, antes do jantar.
- FELIPE - Não. Uma hora boa deve ser depois do almoço, quando ele sai para a facul- dade e a velha dorme a sesta.
- IRENE - Como é que você sabe que ela dorme?
- FELIPE - Deve dormir. Todas as velhas dormem.
- IRENE - É, você talvez tenha razão. Papai também estará dormindo e não o verá sair do contrário já vai querer saber onde é que você foi .
- FELIPE - Pois então fica assentado que hoje mesmo, depois do almoço, quando papai se recolher para a sua sesta, eu irei falar com a vizinha ou então com o próprio rapaz, si ela não quizer me receber. Mas isto tem que ficar entre nós dois. Ninguém mais tem que saber.
- IRENE - É lógico. O interesse em manter segredo é tanto seu como meu.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - Quando os dois irmãos se separaram, Irene guardava uma expressão de satisfação íntima pelo esplêndido aliado que conseguira para a sua causa. Felipe era ingênuo e, como tal, fácil de manejar. Ela saberia utilizá-lo com êxito para a sua vitória final. No outro lado, a vida começara a ser vivida com menos desconfianças, agora, graças à habilidade de Jery em desviar o primo da verdade. E graças a esse comportamento, dona Lucinda já se mostrava menos áspera com a sobrinha, em quem era obrigada a reconhecer grandes qualidades. Já não mostrava, inclusive, nenhuma pressa de mandá-la para um pensionato, como era sua firme intenção, a princípio e isto pode ser comprovado ao fim de uma visita do Padre Leonel à velha senhora.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

LEONEL - Pois eu estava por fazer uma visita à menina há vários dias, mas não desejava vir sem trazer qualquer notícia a respeito de um pensionato onde ela pudesse esperar o princípio das aulas, e conforme havia prometido à senhora, dona Lucinda. Agora, finalmente, me apareceu um.

LUCINDA - Mas eu já nem sei si, a esta altura dos acontecimentos, valerá a pena ela sair daqui, quando em menos de um mês o colégio reabrirá novamente.

LEONEL - Bem, isto é assunto para ser resolvido entre a senhora e ela. O que me competia está feito. Consegui uma vaga na cidade de Viamão. Aqui bem próximo.

LUCINDA - Na cidade de Viamão? E depois, daqui a um mês já tem que voltar... Não vejo nenhuma necessidade de andar para lá e para cá. Só si ela preferir.

LEONEL - O que é que você diz, minha filha?

JANY - Que estou muito bem aqui, si é que não estou aborrecendo tia Lucinda, ou dona Abigail.

LUCINDA - Si continuar como até agora, não me aborrece em nada.

LEONEL - Que bom ouvir isto da senhora, dona Lucinda! Quer dizer que ela tem se portado satisfatoriamente?

LUCINDA - Até agora sim e como já se passou mais de um mês, tenho a impressão de que está perfeitamente adaptada ao meu regímen.

LEONEL - Até vou mandar dizer isto ao padre José Maria porque ele vai ficar muito satisfeito ^{em saber} que está tudo bem, aqui, com a sua recomendada.

LUCINDA - Aceita um cafésinho? Jery irá prepará-lo, num instante.

LEONEL - Eu aceitaria, antes, um copo de agua gelada, se a senhora tiver.

LUCINDA - Então não vou ter? vá buscar um copo d'agua para ele, Jery.

JERY - Pois não, com licença.

C/REGRA : PASSOS DE JERY QUE SE AFASTAM.

LEONEL - Aceitei a água para poder dizer-lhe que estou muito satisfeito por ver que a senhora não se arrependeu de acolher essa menina na sua casa.

LUCINDA - De fato, manda a verdade que lhe diga que, por enquanto, ao menos, não me arrependi. E si ela continuar obediente, como até agora, serei capaz de permitir que continue aqui conosco.

LEONEL - Que bom, dona Lucinda! Pode estar certa de que Deus lhe daria uma grande recompensa.

LUCINDA - Eu não faço as coisas com sentido de receber retribuição. Si ela não me der aborrecimentos, já me darei por compensada.

LEONEL - Si foi obediente e cordata até agora, estou certo de que haverá de continuar a ser.

LUCINDA - Inda não canto vitória e tenho razões para isso.

LEONEL - Que razões, dona Lucinda?

LUCINDA - Minha irmã foi assim, tal qual, até o momento em que se insurgiu e ninguém conseguiu atacá-la. Si a filha fizesse a mesma coisa, haveria de ter a quem sair.

LEONEL - Mas não vai fazer. Deus não permitirá.

C/REGRA - PASSOS DE JENY QUE SE APROXIMAM.

LEONEL - E agora mudemos de assunto que ela já vem aí de volta.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO PARA NARRAÇÃO.

NARRADOR - O padre demorou-se ainda algum tempo e saiu da casa de dona Lucinda muito satisfeito com a harmonia em que pareciam estar vivendo tia e sobrinha. Como naquele dia Luiz Otávio fora almoçar com um colega, em casa de quem estudaria a tarde toda, Jeny foi convidada a sentar na mesa. Sua primeira reação foi a de recusar o convite, mas depois, pensando melhor, achou que deveria aceitá-lo para não poder ser acusada de romper as hostilidades. Tudo correu perfeitamente bem durante o almoço e logo depois, como de costume, dona Lucinda foi para o seu quarto descansar. Dispunha-se dona Abigail a fazer o mesmo, quando a empregada veio avisá-la de que havia uma pessoa, na sala, desejando falar com ela. Longe de imaginar quem poderia ser, passou um pente nos cabelos, por questão de capricho e foi atender.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO DE NARRAÇÃO.

FELIPE - Boa tarde, senhora.

ABIGAIL - Boa tarde...

FELIPE - Permita que me apresente.

ABIGAIL - Pois não...

FELIPE - Eu sou Felipe de Mendonça, filho do Conselheiro Epifânio de Mendonça, seu
visinho.

OPERADOR - ACORDE DE VIOLENTO ESPANTO.

ABIGAIL - (MEIO TOM) Meu Deus!... (SECA) Que quer o senhor em nossa casa?

FELIPE - (IDEM) Já vai saber, senhora.

OPERADOR - ENTRA COM CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

FIM DO 23º CAPÍTULO.
